

Talita Vasconcelos



As Noivas de
Robert Griplen
Parte 1 - Maldição



Talita Vasconcelos

As Noivas de
Robert Griplen
Parte 1 - Maldição

2019

FICHA TÉCNICA

As Noivas de Robert Griplen

VASCONCELOS, Talita

© 2019 por Talita Vasconcelos

Todos os direitos reservados.

EDIÇÃO: Talita Vasconcelos

CAPA & DIAGRAMAÇÃO: Talita Vasconcelos

1º Edição

Junho de 2019

Este livro, incluindo suas partes, é protegido por **Copyright©**
e não pode ser reproduzido, revendido ou doado sem a
permissão do autor.

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.
contatoautoratalitavasconcelos@gmail.com

Este e-book contém a primeira parte da obra **As Noivas de Robert Griplen** para fins de divulgação. A venda, aluguel ou qualquer tipo de comercialização desta obra sem autorização da autora é expressamente proibida.

A obra completa, incluindo as duas partes seguintes “Expição” e “Redenção”, estão à venda juntamente com a primeira parte “Maldição” em volume único nas melhores livrarias online e nos principais marketplaces do Brasil.

Confira os links no site:

<https://autoratalitavasconcelos.wordpress.com/loja/> .

Mais informações, acesse o site da autora:

<https://autoratalitavasconcelos.wordpress.com/>

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	7
PARTE I – MALDIÇÃO.....	8
Capítulo 1 – Perturbação.....	9
Capítulo 2 – Pesadelos e Traições.....	18
Capítulo 3 – Sua Para Sempre.....	25
Capítulo 4 – Coração Apertado.....	31
Capítulo 5 – A Mansão Submersa.....	39
Capítulo 6 – O Pacto de Sangue.....	50
Capítulo 7 – Uma Noite de Paixão e Morte.....	59
Capítulo 8 – Perguntas Sem Respostas.....	65
Capítulo 9 – A Tragédia da Mansão Griplen.....	72
Capítulo 10 – O Diário de Robert Griplen.....	78
Capítulo 11 – As Noivas.....	91
Capítulo 12 – Sem Máscara.....	105
Capítulo 13 – Uma Alma Atormentada.....	109
Capítulo 14 – A Última Noite.....	113
PARTE II – EXPIAÇÃO.....	129
Capítulo 15 – Fogueira.....	130
A AUTORA.....	135
OUTRAS OBRAS:.....	136
Alma de Rosas.....	136
Raptada.....	138
A Morte Não é o Fim.....	140
Se Contar, Ninguém Acredita No Que Aconteceu Nesse Natal....	142
Quem Deu o Habeas Corpus Para a Bruxa?.....	144
Quarentena Faz Coisa.....	146
CONTOS ONLINE:.....	148
PRÊMIOS:.....	154
ENCONTRE-ME NA WEB.....	155

*A cada primavera,
no aniversário de sua morte,
ele precisa se casar...*

PRÓLOGO

“Se alguém está lendo estas palavras, significa que estou perdida num limbo do qual é impossível escapar. Ele me pegou! E talvez seja tarde demais para mim, mas pode não ser tarde demais para suas filhas, netas, irmãs e amigas...”

Talvez você não acredite em mim, mas aceite um conselho sincero: na primavera, afaste todas as moças de dezessete anos da cidade. Quem sabe, assim possam salvá-las. Pois a cada primavera, no aniversário de sua morte, ele precisa se casar.

Então, mesmo que você não acredite em mim, proteja as moças. Não deixe que se tornem suas noivas...”.

(Provavelmente as últimas palavras escritas por Lizbet Sofer, antes de desaparecer em 24 de março de 1836, num diário deixado por ela sobre a mesa de estudos).



PARTE I

MALDIÇÃO



*“Incapazes são os amados de morrer,
pois o amor é imortal”.*

— Emily Dickinson



CAPÍTULO 1 – PERTURBAÇÃO

Salem, Massachusetts, 22 de março de 1846

– Anne!... – chamou a familiar voz aveludada e sedutora no cais. – Minha querida...

A garota de quase dezessete anos olhou em volta. O vento soprava na direção do mar, jogando seus cabelos contra o rosto. Tinha se levantado no meio da noite, como vinha acontecendo desde o início de março, e corrido pela praia na direção do cais.

– Estou aqui lhe esperando... – disse a voz aveludada novamente, batendo nos ouvidos da garota como que soprada pelo vento.

Ela girou pela praia, mas não viu ninguém na escuridão. À sua frente estava o mar, imenso e calmo como sempre. Havia um navio ancorado no porto, cuja tripulação devia estar na taverna.

– Venha, querida Anne... – a voz chamou pela última vez.

A garota correu para o cais e fitou o navio. A voz dele não podia vir de lá. A embarcação estava vazia, e ainda que não estivesse, como soaria tão perto, estando tão longe?

– Anne! – gritou outra voz atrás dela.

A garota se virou e viu o vulto da camisola branca de sua irmã, Susan Dawson correndo ao seu encontro. Os cabelos castanhos e compridos esvoaçavam ao vento exatamente como os seus. Susan agarrou a mão fria da irmã, ofegante, segurando as extremidades do robe unidas junto ao colo.

– Você está sonâmbula de novo? – perguntou, percebendo finalmente o perigo à que havia exposto a irmã, gritando o nome dela enquanto a procurava pela praia.

– Não estou sonâmbula, Susan! – afirmou Anne Dawson, convicta. – Quantas vezes preciso lhe dizer?

– Prefiro pensar que está. O que pretendia fazer?

Anne olhou para o cais, para além do navio, e fitou a imensidão azul no horizonte.

– Ele continua me chamando... – confessou, num sussurro.

Susan esquadrinhou o rosto da irmã piedosamente. Todos em sua casa estavam preocupados com ela. Anne estava muito

perturbada nos últimos dias: ouvindo vozes, fugindo para a praia no início da madrugada, e repetindo a todo instante que precisava encontrá-lo.

O que ninguém conseguia compreender era quem ela precisava encontrar, porque nem ela própria sabia dizer.

Susan passou o braço pela cintura da irmã, sem soltar a mão que estava segurando desde que se aproximara, e a conduziu de volta para casa. Quando entraram no quarto, a expressão de Anne se tornou mais angustiada.

– Você acha que eu estou louca! – queixou-se.

– Tenho certeza que não – confortou Susan.

Anne permitiu que ela a colocasse na cama e a cobrisse fraternalmente.

– O médico disse à Sra. Garber que eu estou – murmurou Anne.

Susan mordeu a bochecha por dentro. Não queria que a irmã tivesse escutado essa conversa.

– O Dr. Prynne não sabe o que você tem – corrigiu, sem conseguir colocar na voz toda a convicção que pretendia.

– Eles vão me trancar – sibilou Anne, com a expressão aflita.

Susan enrijeceu o maxilar e pousou os olhos numa Bíblia fechada sobre a mesa de cabeceira da irmã.

– Ninguém vai trancar você – disse, sem conseguir olhar nos olhos de Anne. – Descanse... Vai ficar tudo bem.

Anne apertou os olhos, e deu um suspiro pesado. Parecia cansada demais para discutir. Susan caminhou até a janela e fitou o mar.

Aquele pesadelo já durava vários dias. Anne nunca havia adoecido, desde que nasceram. Sempre foi a mais ativa das duas. A mãe contara certa vez que na madrugada em que deu à luz, Susan demorou a chorar, e ela pensou que a filha tivesse nascido morta. Anne, ao contrário, deu um chorinho breve, e lançou os olhinhos curiosos em todas as direções, como se tivesse pressa de conhecer o mundo onde viveria.

Nunca foram, porém, como as gêmeas que se via em todos os lugares. Susan e Anne não tinham o mesmo rosto, e, embora os cabelos fossem da mesma cor, tinham uma textura diferente:

os de Susan eram bem lisos e longos; os cabelos de Anne caíam em grandes ondas pelos ombros e não chegavam ao colo.

O que não tinham de semelhança aparente, no entanto, tinham de cumplicidade, sobretudo depois da morte dos pais, há quatro anos, no naufrágio de um transatlântico quando regressavam de uma viagem à Inglaterra. Susan e Anne tinham ficado em Salem, aos cuidados da governanta, uma senhora de quarenta e tantos anos chamada Emma Garber; e depois da tragédia, embora permanecessem morando com ela na antiga casa de seus pais, à beira-mar, o Reverendo Arthur Bishop se tornara tutor das meninas.

Desde então, as irmãs se apoiaram no fato de que eram a única família uma da outra, e passaram a compartilhar tudo, numa união fraternal invejável. Nunca tiveram segredo uma para a outra... Ou tinham?

Desde o início de março esta pergunta torturava a mente de Susan. Por que de repente Anne ficara tão perturbada? Não dormia uma noite inteira e não ficava na cama; quando não corria para fora de casa, andava de um lado para o outro no quarto, suspirando e resmungando, ora dormindo, ora acordada, e às vezes parecia em transe. E mesmo nas noites em que não saía do quarto, sua janela amanhecia aberta, embora a Sra. Garber se lembrasse perfeitamente de tê-la trancado à noite, como sempre. E nessas ocasiões, pela manhã, notava-se um inexplicável cheiro de jasmim impregnado no quarto.

Na primeira vez em que a janela amanheceu aberta, Anne contou à irmã que teve um sonho estranho, onde um homem, com o rosto coberto por uma máscara veneziana, entrou pela janela de seu quarto e passou a noite ao seu lado. Não contou mais do que isso, mas Susan agora temia que não fosse apenas um sonho.

Todos os anos uma moça da idade delas desaparecia em Salem, e Susan teve medo de que o tal homem de máscara veneziana com quem Anne estava sonhando com tanta frequência fosse o responsável pelas mortes.

As pessoas evitavam falar no assunto, e a maioria agia como se nem ao menos se desse conta do que estava acontecendo.

Para muitos os desaparecimentos eram um mito, justificado por funerais íntimos, sem a presença do cadáver. E a omissão de atitudes em relação a isso fazia crer que as pessoas na cidade estavam sob influência de algum feitiço.

Era comum, quando uma moça desaparecia ou morria tão jovem naquela cidade, que a família culpasse uma peste, que, supostamente, só atingia mulheres de até dezessete anos, e os corpos, eles diziam, eram queimados sem funeral para evitar contágio. Mas Susan jamais soube onde eram acesas as tais piras funerárias. Algo lhe dizia que era apenas uma desculpa para que ninguém comentasse o desaparecimento da moça por mais de dois dias.

Afinal, morrer não é crime, nem pecado. Mas desaparecer sem deixar vestígios, sobretudo numa cidade tão marcada por abominações como Salem, poderia comprometer seriamente a reputação da moça. Era muito mais confortável para as famílias que se guardasse a lembrança imaculada das vítimas, ainda que sob um manto de mentiras.

De qualquer modo, o mistério envolvendo a irmã agora ficara mais complicado, pois além de todo o transtorno do sono, Anne começara a ouvir vozes. Ou melhor, uma voz! Aveludada, suave e sedutora, como ela própria a descrevera para Susan.

Não havia uma noite sequer em que a irmã mais velha não se prostrasse ao lado da cama de Anne, rendendo preces contristadas por sua recuperação.

Mas a cada noite Susan se sentia mais impotente, pois a irmã ficava mais e mais estranha.

Um pouco mais cedo naquela noite, o Reverendo Bishop fora visitar a doente, e dissera à governanta em segredo, antes de partir, que se não conseguissem controlá-la, as pessoas poderiam enxergar nela um demônio que não havia.

Susan se afastara horrorizada. Mas ao mesmo tempo, as palavras do Reverendo trouxeram à tona um medo de que ela tentara se esconder desde que a irmã adoecera. Se vivessem em qualquer outro lugar do mundo ela não se preocuparia tanto com as pessoas em volta, mas em Salem, Massachusetts, ela já podia prever o desfecho de sua história.

Comentava-se ainda com horror os momentos tenebrosos de 1692, quando a histeria local levou várias pessoas a serem julgadas por bruxaria e condenadas à morte. Elas foram acusadas por seus vizinhos e amigos, pessoas que as conheceram a vida toda, influenciadas pelos depoimentos de meninas que supostamente haviam sido enfeitadas por uma escrava.

Se com tão poucas ou nenhuma prova tantas pessoas foram vítimas do martelo supersticioso da sociedade daquela época, era estranho que ninguém fizesse nada pelas moças que, invariavelmente, apresentavam sintomas tão claros de perturbação pouco antes de desaparecer.

Susan ouviu um ruído distante, e enxergou o vulto de uma camisola cor de pêssego avançando pela praia. Com o coração gelado, lançou um olhar súbito para a cama da irmã e a encontrou vazia. Anne escapara por entre seus dedos sem que ela percebesse.

Correu imediatamente atrás dela e a encontrou fitando o mar à beira de um penhasco. Lá embaixo, a água batia nas pedras e rugia assustadoramente. Por mais calmo que fosse o mar perto da costa, aquele trecho específico abaixo delas exalava uma fúria terrível.

Anne não olhou para a irmã, como se nem ao menos estivesse consciente de sua presença. Permaneceu imóvel à beira do penhasco, fitando o mar, como se enxergasse além da superfície, alguma coisa escondida nas profundezas.

Um arrepio gelado percorreu todo o corpo de Susan dos pés à cabeça ao antever qual seria o próximo movimento de sua irmã. Quando o pé descalço de Anne se levantou milimetricamente do chão, o primeiro impulso de Susan foi agarrá-la pela cintura, numa tentativa desesperada de mantê-la ali, mas era tarde demais.

A última coisa que pareceu real em sua vida foi a sensação de seu corpo caindo, e aquele segundo pareceu não ter fim.

Ser engolida pelo mar, agarrada ao corpo da irmã, fez com que Susan tivesse uma estranha sensação de alívio. Por um instante ela sentiu que estavam a salvo.

Elas afundaram juntas, escapando por muito pouco de um destino trágico nas pedras. Anne não tinha mais aquela expressão perturbada, e naquele exato momento, Susan também não estava preocupada com a irmã. Tudo parecia incrivelmente certo outra vez.

Susan agarrou a mão de Anne e nadou com ela para longe do precipício. À medida que se afastavam do local da queda, ela percebeu que a cor finalmente voltara ao rosto da caçula.

Uma sombra enorme chamou sua atenção quando lançou o olhar à frente. O coração de Susan se agitou, e o que quer que fosse, vinha rapidamente ao seu encontro na escuridão.

Um som melodioso acompanhava a sombra indefinida, acariciando seus ouvidos. Não era como o canto das baleias ou o grito de um golfinho. Pareciam vozes humanas!

De repente a sombra se tornou mais nítida e ela percebeu que não era um grande animal, como havia pensado a princípio. Muitos olhos as encararam. Susan pôde ver com clareza as diferentes tonalidades dos cabelos que se agitavam ao redor de cada rosto. E quanto mais perto chegavam, mais claro se tornava o som, de modo que ela já podia ver os lábios rosados e os vermelhos se movendo. Não estavam cantando, mas as vozes eram verdadeiramente melodiosas; no entanto, ela não conseguia entender o que diziam.

Não precisaram chegar muito perto para que Susan enxergasse suas caudas douradas. O que vinha ao seu encontro naquele momento era um bando de sereias.

Nunca, em toda a sua vida, Susan imaginara algo assim. Aquelas mulheres eram lindíssimas, e todas elas pareciam ter a mesma idade. As maçãs de seus rostos eram igualmente rosadas, e os cabelos se agitavam paralelamente à cauda dourada, conforme se aproximavam. Os olhos tinham um brilho intenso e cristalino, como se as íris fossem feitas de diferentes pedras preciosas. E por mais que ela tentasse, não conseguia enxergar a última que vinha naquela fila ao seu encontro. Sem dúvida, eram mais de cem.

A sereia que vinha à frente do grupo tinha cabelos negros e olhos amendoados, e sorria de uma forma amigável.

Até aquele momento, Susan não tinha certeza se deviam fugir ou esperar pelo que viria em seguida. Quando a sereia que vinha à frente pôs o rosto a um centímetro do seu, e Susan sentiu seu hálito de algas marinhas, teve os primeiros vestígios de medo.

– Não deveria estar aqui – disse a sereia, com uma voz firme e sedutora, penetrando os olhos de Susan com os seus. – Nenhuma das duas.

Susan apertou mais firme a mão da irmã, percebendo de repente que conseguia respirar embaixo d'água.

– Elas são gêmeas – sibilou uma sereia de cabelos louros e olhos verde-esmeralda, atrás da primeira.

Como percebeu? Susan quis perguntar, mas não se atreveu a mover os lábios. Estava assustada demais para isso.

Anne espreitava cada rosto, sem expressão, lançando, de quando em quando, um olhar ao longe, como se procurasse alguma coisa.

Duas sereias se entreolharam, assombradas, e uma delas chamou a atenção da líder para Anne. A sereia, embora tenha compreendido, não fez nenhum gesto, e não disse nenhuma palavra a respeito.

De repente algo chamou a atenção de Anne; ela se livrou da mão da irmã e nadou para longe. Susan gritou seu nome e foi atrás dela.

Tudo ao redor era uma escuridão sem fim, mas ao olhar para o alto, de relance, Susan viu o brilho prateado da lua no céu, brilhando sobre o mar, como se pertencesse ao mar.

Ela logo percebeu o que havia chamado a atenção de sua irmã. Alguns quilômetros além da costa, nas profundezas do oceano, Susan viu uma mansão em inacreditável estado de conservação.

Não tinha ideia de quanto tempo ela estava lá, mas a única coisa que denunciava a idade antiga da construção era a pintura: desbotada em alguns pontos, e descascada em boa parte da fachada. As portas duplas da entrada, porém, não pareciam ter sofrido danos, nem as janelas tampouco.

Anne se colocou diante da porta e girou a maçaneta. Atrás delas, ao longe, Susan ouviu a mesma voz melodiosa com que as sereias se apresentaram, porém, naquele momento, ela soou como um grito de desespero.

Mas antes que pudesse voltar o rosto para elas, estava com sua irmã dentro da mansão.

Contrariando tudo o que era natural, o interior da mansão era debilmente iluminado pelo luar, assim como as próprias paredes da fachada haviam sido agraciadas com esta luz. Susan olhou através dos vitrais que emolduravam a porta da frente: a lua brilhava no céu, pairando sobre superfície do mar. E apesar de vê-la branca e redonda no céu, era incompreensível como sua luz podia penetrar tão fundo no oceano, e invadir o interior da mansão, com nuances suficientes para revelar detalhes assombrosos da decoração, e ao mesmo tempo, cobrir de sombras os cantos mais remotos da casa.

Susan e Anne caminharam cautelosamente por entre a mobília, cuidando não esbarrarem em nada. Os móveis pareciam intocados. Os quadros que decoravam o salão principal tinham a pintura preservada como se aquelas fossem as paredes de um museu. Os retratos eram todos diferentes, mas o mesmo tom de azul coloria todos os olhos.

Dentro da mansão as duas irmãs pareceram se esquecer de que estavam no fundo do mar, e começaram a caminhar com os próprios pés sobre o piso de carvalho.

Anne se aproximou da escada. Susan tentou detê-la, querendo sair logo daquele lugar, mas a irmã ainda não parecia consciente dela. Olhava fixamente para o patamar superior, praticamente escuro visto lá de baixo, exibindo um sorriso animado, como se soubesse exatamente o que havia lá em cima, e tivesse ansiado por estar ali durante muito tempo. No entanto, ao colocar o pé no primeiro degrau, Anne se contraiu sobre o ventre e se inclinou para frente, e Susan percebeu imediatamente que ela não conseguia respirar.

Susan segurou o corpo da irmã e correu para fora da casa, nadando o mais depressa que pôde ao passar pela porta. Era estranho o que estava acontecendo, pois ela ainda respirava normalmente, e carregava Anne nos braços como se ela não

tivesse peso algum. Assim que alcançou a superfície, porém, Susan sentiu o peso do corpo da irmã impulsionando-a para baixo. Anne mal teve tempo de tomar um pouco de fôlego, antes que Susan afundasse novamente com ela nos braços.

Agora ela também estava se afogando, e ambas se agitaram de volta à superfície, apavoradas.

Foi um nado difícil até a praia. Quando finalmente alcançaram a areia, as duas irmãs se entreolharam como se tentassem decidir se tudo aquilo fora real, ou se, de algum modo, tiveram o mesmo sonho.

CAPÍTULO 2 – PESADELOS E TRAIÇÕES

Pela primeira vez em muitos dias, Anne parecia serena ao repousar sobre a cama. Susan se deitou ao seu lado, após trocarem as camisolas molhadas, não querendo deixar a irmã sozinha, e quando despertou, todas as lembranças da noite anterior dançaram em sua mente, deixando-a ligeiramente tonta. Anne ainda dormia profundamente, e Susan achou melhor não perturbá-la.

A janela do quarto de Anne amanheceu aberta novamente, embora a própria Susan a tivesse trancado quando retornaram da praia.

Aquela foi uma noite estranha. Adormecera depressa ao lado da irmã, e não muito tempo depois, sentiu o sopro do vento em seu rosto, e um forte e inexplicável perfume de jasmim preencher o quarto. Queria saber de onde ele vinha, o que era, e principalmente, por onde ele entrara, porém, não teve forças para abrir os olhos. Era como se um torpor tivesse dominado sua mente, tornando-a incapaz de despertar, apesar de sua vontade.

Talvez tenha sido apenas um sonho, mas Susan teve a sensação nítida de que alguém levantara as cobertas e se deitara silenciosamente entre as duas irmãs no meio da noite. Tremia só de pensar na possibilidade. Tinha que ser um sonho, para o seu próprio bem e de sua reputação; pois de outro modo, ela teria que aceitar a hipótese perturbadora de ter dormido a noite toda aconchegada com a irmã no peito de um homem.

Sentiu um calafrio mortal, e espantou rapidamente o pensamento. "*Foi só um sonho*", ela disse a si mesma, tentando se convencer a não pensar mais nisso. Mas a verdade é que ela não estava certa sequer de ter realmente adormecido naquela noite.

Sabia que havia tido dois ou três sonhos, dos quais despertara com o coração acelerado em diferentes momentos da madrugada, sem jamais conseguir abrir os olhos. E todas as vezes que isso acontecera, o perfume de jasmim invadira suas narinas e a embriagara de maneira a uma só vez perturbadora e reconfortante. O perfume a fazia sentir que adormecera na relva

do paraíso; mas os sonhos que tivera naquela noite, e principalmente o peito que ela sentia subir e descer tranquilamente sob seu braço, e o braço que a mantinha aninhada tão protetoramente, a faziam sentir-se imunda.

Que espécie de pesadelo era aquele? Tão doce quanto apavorante. Ela se perguntava se seria possível que aquela presença fosse real. Queria crer que não; mas então ela teria que supor que as sereias que ela vira nadando nas águas de Salem também não eram reais; e a mansão onde ela entrara com a irmã, pouco antes de Anne começar a se afogar, também não poderia ser real. Era deveras a conclusão mais sensata a se chegar. Mas então ela teria que admitir que também estava alucinando, como vinha acontecendo com a irmã desde o início de março. Talvez ambas agora fossem escravas da mesma loucura.

E os sonhos que tivera foram igualmente perturbadores.

O primeiro deles se parecia com os sonhos que Anne mencionara no princípio do mês: Susan se viu exatamente onde estava, dormindo na cama da irmã. Anne estava ao seu lado, respirando muito superficialmente, mergulhada no mais profundo dos sonhos. Uma brisa morna entrava pela janela aberta, carregando um suave odor de jasmim para dentro do quarto. Foi então que ele apareceu. Era alto e charmoso; seu rosto estava coberto por uma elegante máscara veneziana, mas através dela, Susan podia ver nitidamente os brilhantes olhos azuis.

Ele se aproximou da cama, e suavemente puxou as cobertas para se deitar entre elas. Seu corpo era grande e quente, e ele estava vestindo um fraque muito elegante.

Susan não se recordava do gesto, mas percebeu, quando ele envolveu seu corpo para aninhá-la em seu peito, que ele havia despido o fraque. A camisa branca estava entreaberta, e os dedos dela repousaram sobre uma sutil capa de pelos.

Um gemido escapara pelos lábios de Susan ao se dar conta do desatino. Sonhando ou não, era muito imprudente permitir-se aninhar no peito de um homem que não era seu marido. E o pior é que ela nem sabia como era o rosto dele.

Seus dedos esbarraram ligeiramente na mão de Anne, e então Susan compreendeu que ambas estavam aconchegadas àquele homem estranho.

A mão dele riscava círculos em suas costas, e uma voz suave e aveludada cantarolava baixinho para embalar o sono de ambas.

O torpor lentamente a envolvia outra vez; tão suave e ao mesmo tempo tão poderoso, que ela sequer reagiu quando os lábios daquele estranho roçaram os seus, no que pareceu um carinhoso e breve beijo de boa noite.

Despertara daquele sonho algum tempo depois, ouvindo a mesma voz suave e aveludada sussurrando seu nome ao ouvido. Susan sentiu um arrepio. Agora ela não tinha mais certeza da presença de Anne. Sentia a mão do estranho em suas costas, perdida entre seus cabelos, e os lábios dele deixando uma trilha de beijos da mandíbula até o seu queixo. Ela ainda estava aninhada no peito dele, como no princípio, e podia senti-lo do alto de sua cabeça até os dedos dos pés. Não se lembrava de alguma vez ter estado tão perto de um homem antes; nem mesmo do pai.

O estranho a puxou para ainda mais perto, e beijou delicadamente sua testa.

– Você é minha... – ele sussurrou, muito suavemente, completando com seu nome.

Mas ela não estava certa de ter ouvido direito. Talvez ele não tivesse realmente dito Susan. Poderia ter dito Lisa... ou Lucy... Ela não compreendera, mas sabia que falava com ela; e naquele momento, envolvida no calor de seus braços, ele podia realmente tê-la chamado de qualquer coisa; não importava. Havia algo verdadeiro em suas palavras: ela era dele; não importava quem ele fosse, no fundo de sua mente e de sua alma ela não tinha dúvida de que lhe pertencia.

Acordou ofegante, afogando-se com a própria respiração, misturada àquele misterioso e inebriante odor de jasmim. Seus olhos estavam pesadíssimos. Ao seu lado alguém respirava muito tranquilamente; Anne, ela concluiu, embora uma parte dela ainda se sentisse mergulhada naquele sonho, abraçando o peito do

estranho, sem conseguir organizar o pensamento o suficiente para questionar-se sobre quem era ele.

Tão subitamente quanto havia despertado desta vez, adormeceu novamente, sem conseguir abrir os olhos nem mesmo por um instante. Através das pálpebras veladas, percebia que a escuridão havia diminuído. Se conseguisse abrir os olhos, uma fresta que fosse, e olhasse na direção da janela, provavelmente veria o céu cinza pálido despindo-se da escuridão.

O último sonho daquela madrugada a deixara tão perturbada que se recusara a pensar nele. Mas quando despertou desta vez não encontrou dificuldade em abrir os olhos. Anne ainda dormia tranquilamente ao seu lado, e o estranho, quem quer que fosse, real ou não, havia desaparecido.

A janela estava aberta, e as cortinas esvoaçavam com a brisa da manhã. Susan se levantou cuidadosamente, sem perturbar o sono de Anne, e tornou a fechar a janela. O cheiro de jasmim estava impregnado no quarto, e por um minuto ela devaneou sobre os sonhos daquela noite, debatendo consigo mesma se poderia ter sido real.

Decidindo, por fim, que era loucura pensar nisso, vestiu o robe, e saiu silenciosamente do quarto.

Ao cruzar o corredor para chegar ao seu próprio quarto, Susan ouviu um murmúrio de vozes vindo de algum lugar no andar de baixo, e percebendo que era o Reverendo Bishop, seu tutor, quem conversava com a Sra. Garber, desceu silenciosamente as escadas, para ouvir o que diziam.

– ... não terá mais volta. – As palavras soltas do Reverendo chegaram aos ouvidos de Susan, vindo da biblioteca. – Temos que agir enquanto há tempo.

– Estamos falando de uma criança! – protestou a Sra. Garber. – Ela não tem nem dezessete anos, não podem tratá-la como louca...

Susan parou antes de chegar à porta entreaberta, e ficou escondida, apenas escutando.

– Ninguém disse que ela está, Sra. Garber – garantiu Bishop. – É apenas uma medida preventiva. Ela ficará só alguns

dias... dois, três, no máximo. Espere passar esse maldito dia, e então, talvez, tudo esteja terminado, e ela fique bem novamente.

– Eu compreendo o que quer fazer, Reverendo, mas uma coisa dessas pode comprometer a reputação de Anne para sempre.

– Receio que não haja outra solução, no entanto.

A Sra. Garber parecia estar chorando.

– O Dr. Prynne está de acordo? – indagou a governanta, com a voz embargada.

– Sim – disse Bishop. – Ele também pensa que a melhor solução é trancá-la por alguns dias, até que o tormento passe.

O coração de Susan congelou no peito. Apenas a ideia de ver sua irmã trancada no sanatório a enfurecia dolorosamente.

– Se acredita que será suficiente... – considerou a Sra. Garber, entre soluços. – E se não há outra saída...

– Temo que seja a única coisa que podemos fazer – aquiesceu o Reverendo. – Isto, e rezar...

Era demais. Susan não podia permitir que fizessem uma coisa dessas à sua irmãzinha.

– Vocês não vão trancá-la no sanatório! – bradou Susan, irrompendo furiosamente pela porta da biblioteca.

– Por Deus, Susan! – interveio a Sra. Garber, correndo para ela, enquanto o Reverendo se virava, escondendo o rosto entre as mãos. – Não está vestida!

Susan puxou as extremidades do robe para cobrir a camisola, desvencilhando-se da governanta, e indo direto ao Reverendo.

– Não importa o que aquele médico lunático diga – prosseguiu Susan, sem deixar a raiva esfriar. – Anne não está louca! Eu mesma posso garantir isso...

Embora, na realidade, ela não pudesse afirmar com certeza nem sobre si mesma.

– Reverendo... – suplicou Susan, lutando com ele, enquanto ele insistia em se virar. – Se trancá-la, as pessoas vão apontá-la na rua, como fizeram com a Sra. Sofer. Não podem fazer isso com ela...

– Isso não está em discussão, Susan! – disse Bishop, virando o rosto para longe dela.

A Sra. Garber parecia desesperada para tirá-la da biblioteca, mas Susan se livrava de suas mãos, sem se importar com seus trajes, com os pudores, nem com nada.

– Vai destruir a vida dela... – argumentou Susan, tomando o braço de Bishop com veemência. – Não me negue o olhar!

Ele relutou, mas se virou brevemente em sua direção.

– Trancá-la será o mesmo que condená-la à morte nesta cidade! – insistiu Susan, suplicante, sustentando o olhar dele com o seu. – À morte ou à solidão. O senhor sabe como essas pessoas são intolerantes; Anne será rotulada como louca para sempre.

Bishop se esforçou para não se virar outra vez, e olhou profundamente nos olhos de Susan.

– Acredite quando eu digo que será o melhor para ela – implorou o Reverendo.

– Como isso poderia ser o melhor...? – começou Susan, intensamente.

Mas ele a interrompeu:

– Por favor, não me peça respostas que eu não posso dar. Apenas confie em mim.

Agora, talvez, a indumentária de Susan tivesse perdido completamente a importância, quando ele tomou a mão dela ternamente, e acariciou seu rosto com um gesto paternal.

– Você sabe que eu não faria nada que prejudicasse qualquer de vocês duas – assegurou ele. – Então, acredite que se chegarmos a esse extremo, é porque realmente não há nenhuma outra maneira de salvá-la.

– Salvá-la de quê? – exigiu saber Susan.

Mas em vez de responder, o Reverendo apertou um beijo na testa de Susan, e suplicou com a voz chorosa:

– Por favor, não me pergunte mais nada.

E antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, ele virou as costas e foi embora apressadamente, como se estivesse fugindo.

Então Susan se virou para a Sra. Garber, exigindo saber exatamente o que estava acontecendo, todavia a governanta apenas insistiu que ela fosse se vestir adequadamente, e implorou que não contasse sobre aquela decisão à Anne.

– Pede-me que traia minha própria irmã? – sibilou Susan, horrorizada. – Que tipo de infâmia é essa?

– Não estou pedindo para traí-la, Susan... – afirmou a Sra. Garber, sem na verdade se demonstrar ofendida. – Estou pedindo para salvá-la!

– Salvá-la de quê? – indagou Susan, aflita. – Ou de quem?

– Dela mesma, minha querida.

CAPÍTULO 3 – SUA PARA SEMPRE

Salem, Massachusetts, 22 de março de 1646

Robert Griplen se apressou pela escada ao ouvir os passos do criado no vestíbulo. Se havia algo desagradável em sua propriedade era a impossibilidade de ouvir uma carruagem se aproximando do jardim, uma vez que as carruagens não tinham como rodar até o seu jardim.

A mansão de sua família havia sido construída numa espécie de ilha particular, a alguns quilômetros da baía de Salem. Isso lhes concedia um jardim imenso, e os poupava de vizinhos inconvenientes.

Sua família chegou à Nova Inglaterra junto com os primeiros colonos, em 1620. A princípio, eles se alojaram numa casa pequena e precária, de tábuas estreitas, que não cumpriam seu papel em protegê-los do frio. Robert ainda se lembrava com horror do primeiro inverno que passaram na região de Plymouth, no extremo oriente do estado. O abrigo precário e o rigoroso inverno foram os principais incentivadores para que George Griplen, pai de Robert, apressasse a construção de uma boa casa para a família. Com a mão de obra dos escravos que trouxera desde a Inglaterra, a mansão ficou pronta antes do inverno seguinte.

A ilha, em si, não era muito grande. Uma ilhota, muito menor, talvez, que a menor ilha do Caribe, mas era inteiramente de sua família. A mansão possuía seis quartos no primeiro andar, cada um deles com tamanho suficiente para acomodar o Rei James¹ com todos os seus privilégios. Três deles, na verdade, não eram ocupados por ninguém, pois seus pais lamentavelmente só tiveram dois filhos; e Emily, a caçula, foi praticamente um milagre: quase morreu e matou sua mãe ao nascer.

A residência dos criados foi construída separada da mansão por vários metros de terreno; e mais ao norte, foi erguido um galpão reservado a *práticas religiosas*, como o pai de Robert costumava dizer, o que era deveras um comentário jocoso,

¹ Rei James I da Inglaterra, reinou de 1603 a 1625, sendo sucedido por Carlos I, de 1625 a 1649.

considerando que os Griplen não eram religiosos. Mas embora não convivessem verdadeiramente com o resto das pessoas da cidade, nem tivessem amigos particularmente próximos, era bom manter uma construção qualquer com uma cruz no telhado em sua propriedade, ainda que fosse somente para afastar os curiosos.

O fato de serem reservados, na verdade, contribuía inversamente para inibir o interesse das pessoas. Sobretudo porque a sociedade da Nova Inglaterra era quase completamente constituída por famílias pouco abastadas que imigraram do velho continente, ao contrário dos Griplen, que desde muito antes da mudança ostentavam imensa fortuna. Era natural que tivessem interesse em integrá-los o mais breve possível à comunidade. Os Griplen, no entanto, não tinham qualquer intenção de estreitar relações com aqueles puritanos.

Mas aquela noite era uma exceção. Os Griplen esperavam convidados para o jantar, mas não era uma recepção social. Os Croft não eram a parte da comunidade que eles preferiam evitar; ao menos, não mais. Dali a dois dias Robert se casaria com a única filha deles, Lucy, de modo que este jantar era o último encontro protocolar entre as famílias dos noivos.

Ouvir os passos do criado no vestíbulo deixara Robert inadvertidamente ansioso. Tinha espiado pela janela enquanto escrevia algo em sua mesa de estudos – uma carta para Lucy, uma das muitas que ele não conseguia entregar por achá-las singelas demais –, e viu quando o barco atravessava o canal em direção à ilha.

Robert ainda descia as escadas quando viu, pelos vitrais que emolduravam a porta da frente, sua noiva e os pais dela atravessando o caminho de pedras que se estendia desde o pequeno cais, e levava diretamente à entrada da mansão.

Os olhos de Robert encheram-se de brilho ao pôr os olhos em sua noiva. Lucy usava um lindo vestido de cashmere verde esmeralda, que exaltava sua pele cor de bronze; a pele ligeiramente enegrecida que o pai dele insistia em hostilizar; e que Robert idolatrava acima de qualquer coisa neste mundo.

Lucy herdara esta pele maravilhosa de seu pai e de sua avó, que quando jovem, era escrava de uma tradicional família

produtora de lã em Hampshire, Inglaterra, até ser desposada por um dos filhos do patrão. Foi um escândalo para a sociedade da época, mas a mistura resultou na linda pele que Lucy ostentava, e que enfeitiçara Robert tão logo pôs os olhos nela.

Ele se recusava a compreender a hostilidade de seu pai; a mesma hostilidade demonstrada por diversas outras pessoas da comunidade local. Como se fosse um crime ter a pele um pouco mais escura que a das outras pessoas. Além de ser incompreensível, Robert achava este preconceito repugnante. E no caso de Lucy, especificamente, era absurdo.

Como pode alguém vê-la e não adorá-la? Era o que Robert se perguntava o tempo todo. Se a cor de sua pele constituía algum pecado, era aquele desejo insano que ela evocava, e que ele estava certo de que ainda seria sua perdição.

Como anfitriões, George e Agnes Griplen seguiram corretamente o protocolo, recebendo seus convidados com um cumprimento amistoso e requintado. Robert percebia a sinceridade por parte de sua mãe, mas era notório que seu pai fazia grande esforço para demonstrar cortesia.

O jantar foi servido pontualmente às sete horas. E a princípio tudo discorria muito agradavelmente. George Griplen e Jonathan Croft, pai de Lucy, estabeleceram uma conversa amistosa a respeito de seus negócios. Desde que se mudaram para a Nova Inglaterra, os Croft se dedicavam ao cultivo de soja e milho, e sua fazenda prosperava a olhos vistos. Os Griplen, porém, visando o futuro, dedicaram apenas parte de suas terras ao cultivo de alimentos para consumo próprio, e a maior parte ao cultivo de tabaco, que, de acordo com George, logo se tornaria um excelente produto de exportação para a Europa.

Houve breve discordância entre os chefes de família, quanto à mão de obra em suas fazendas: por sua etnia, Jonathan Croft era abolicionista, e somente utilizava mão de obra remunerada em sua plantação; os Griplen, porém, ainda utilizavam trabalho escravo em sua fazenda, embora George se orgulhasse em dizer que seus escravos não tinham do que se queixar: eram bem alimentados, e jamais sofriam castigos bárbaros, fato que Robert podia atestar pessoalmente.

A conversa sobre os escravos, no entanto, era uma estratégia para que George Griplen manifestasse seu desagrado em relação à escolha do filho.

– Não nego que Lucy seja realmente uma linda moça – esclareceu George, a certa altura do jantar. – Temo, no entanto, que seus filhos sofram certos preconceitos em relação a sua origem.

– Isto certamente será doloroso – aquiesceu Jonathan Croft.
– Sobretudo se ele partir do avô.

George parou com a taça de vinho a meio caminho dos lábios.

– *Perdão?* – Seu tom possuía mais desconcerto que ultraje.

– Além do mais, os filhos de Robert e Lucy sofreriam preconceitos mesmo que minha filha tivesse pele de porcelana – prosseguiu Jonathan, sem se intimidar com o tom do anfitrião. – Realmente não imagino o que será de uma criança negra, saída de uma família de misteriosos hábitos religiosos.

– Não há nada de misterioso em nossos hábitos – protestou George, sem nenhum tipo de hesitação. – Como todos nessa comunidade, seguimos a fé que nos foi negada na Inglaterra.

– *Certamente!* – Uma pontada de ironia acentuou a voz de Jonathan. – Apenas optaram por seguir a fé sozinhos, discretamente, em seu templo particular.

– Tem alguma objeção a isso? – indagou George, mais como um desafio, ou uma provocação, do que, de fato, uma pergunta.

– Absolutamente – disse Jonathan.

Mas obviamente não estava sendo sincero. Em todos os encontros, George e Jonathan trocaram insinuações hostis disfarçadas com enganosas cortesias. Nenhum dos dois estava satisfeito com a união entre seus filhos, e provavelmente só haviam concordado para evitar um conflito entre duas das famílias de maior poder na colônia de Salem.

Quando Robert anunciou em casa que pretendia desposar a filha de Jonathan Croft, George tentou de todas as formas dissuadi-lo da decisão, e Robert sabia que ele continuaria tentando até o último instante; talvez até depois do casamento.

Robert, porém, era tão imperioso e obstinado quanto o pai, e Lucy era a coisa mais importante em sua vida. Ainda que tivesse que renunciar ao nome dos Griplen, e acabasse na miséria, ele a desposaria dali a dois dias.

Com um brinde completamente fora de contexto, Robert pôs fim à discussão, e logo depois da sobremesa, Emily, com toda a sua inocência, conduziu Lucy ao jardim para ver o pequeno canteiro de jasmims que ela havia plantado com a ajuda da mãe. Enquanto isso, os cavalheiros se dirigiram à biblioteca para acertarem os últimos detalhes referentes ao dote, mas àquela altura, Robert não estava nem um pouco interessado nestes assuntos.

E tão logo pôde se livrar deles, Robert Griplen saiu para o jardim. Sua mãe estava conversando com Lucy perto das madressilvas, enquanto Emily colocava uma rosa branca no cabelo e agitava o vestido, dançando ao luar. Luke, o cão pastor da família, corria e saltitava ao seu redor, como se a menina o tivesse tirado para dançar.

Agnes Griplen segurava afetosamente a mão da nora enquanto conversavam. Estava, como de costume, desculpando-se pelas insinuações de George. Lucy assentia timidamente, mas Robert percebia que estava chateada.

Com sua mãe ele não tinha aborrecimentos. Agnes amava Lucy; ressaltava, sempre que tinha oportunidade, como Robert se tornara menos genioso desde que a conhecera. Lucy o amava, e o fazia portar-se com mais tranquilidade e prudência, e isso era tudo o que sua mãe poderia desejar.

Quanto à Lucy, ele deveria se envergonhar por trazer uma alma tão boa ao inferno que sua família representava. Por isso ele não se permitiu esconder nada dela. Tinha desnudado toda a sua vida para Lucy antes mesmo de estarem oficialmente comprometidos. Aceitar Robert em sua vida, implicava na aceitação de tudo o que ele representava: a fortuna de sua família, seu sobrenome, e toda a maldição que ele carregava. Lucy estava consciente disso; e a condescendência dela, muitas vezes, fazia Robert se perguntar se acidentalmente não a colocara sob seu feitiço.

Agora isso não fazia diferença. Robert nunca ambicionou nada tão intensamente quanto o amor de Lucy; e desde que o tinha, ele não seria capaz de abrir mão dela. Não importava a que preço. Para ter o amor de Lucy, valia a pena enfrentar qualquer coisa, inclusive a maldição de seu pai. E sobre isso, seu destino já estava decidido.

Dali a dois dias ele desposaria Lucy. E conforme garantira ao pai, quando este apelara mais uma vez antes do jantar, nada poderia impedir o seu casamento. Ainda que a morte atravessasse seu caminho, Lucy seria sua esposa. Ela seria sua para sempre.

CAPÍTULO 4 – CORAÇÃO APERTADO

Durante todo o dia, Susan não disse uma palavra à Anne. Em parte, porque ainda se sentia estonteada pelos acontecimentos daquela madrugada: o mergulho do penhasco, a descoberta das sereias e da mansão submersa, e o quanto de tudo isso pode ou não ter sido real; e em parte porque temia acabar delatando o plano sórdido de seu tutor para trancá-la no sanatório.

Sua consciência clamava para que contasse tudo à Anne, e lhe desse a oportunidade de lutar, de bater o pé, ou mesmo de fugir antes que o Dr. Prynne viesse com os enfermeiros para buscá-la. Mas a preocupação que ela viu nos olhos do Reverendo Bishop naquela manhã calou fundo em sua alma.

Ele estava devastado. Aquela não era uma decisão impensada, tomada por um tutor relapso, que só queria se livrar de um aborrecimento. Não. Bishop estava sofrendo tanto quanto ela própria com a situação de Anne. Quando a olhou nos olhos naquela manhã, e disse que aquela era a única maneira de salvá-la, ele estava sendo sincero. E embora não tivesse esclarecido exatamente de quê precisava salvá-la, Susan vira nos olhos dele que não estava exagerando.

Desde que os pais morreram, as irmãs Dawson só tinham o Reverendo Bishop e a Sra. Garber para cuidar delas, e confiavam plenamente nos dois. Como a governanta que as tinha criado desde pequenas, Bishop amava as duas como se fossem suas filhas, e Susan não tinha porque duvidar de seus cuidados. E ver o tormento legítimo nos olhos dele ao anunciar que talvez precisasse tomar medidas severas para tratar da saúde de Anne, fez com que o coração de Susan se estilhaçasse no peito.

Ele tinha lhe negado algumas respostas. Obviamente havia algo grave por trás da súbita perturbação de Anne; algo que nem ele nem a Sra. Garber pretendiam lhe contar. E foi somente a certeza de que nenhum dos dois tomaria qualquer atitude extrema, a menos que fosse estritamente necessário, o que a convenceu a se calar.

Ainda assim, Susan tinha a horrível sensação de estar traindo a irmã com seu silêncio.

Logo depois do almoço, quando o silêncio naquela casa se tornou insuportável, Susan decidiu sair para tentar acalmar os nervos. Tinha muito em que pensar, e não podia conversar com ninguém a respeito. Ao menos, com nenhuma alma viva.

A Sra. Garber não disse nada ao vê-la saindo; sobretudo depois que ela parou no jardim para colher algumas flores.

As ruas de Salem, especialmente nos arredores da praia, eram sempre monotonamente vazias. De vez em quando, algumas crianças passavam correndo, indo em direção à praia, mas isso geralmente acontecia mais para o meio da tarde. Àquela hora, somente uns poucos funcionários do cais circulavam por perto da casa alfandegária.

Susan tinha um nó bem preso na garganta, e a única coisa que a impedia de chorar no meio da rua, era a necessidade de ver o caminho por onde andava.

– Protejam suas filhas! – grasnava Norma Sofer, a louca, no meio da praça, quando Susan passou. – O dia está chegando...

Os cidadãos de Salem já estavam acostumados àquela cena. A Sra. Sofer perdeu sua filha, Elizabeth, carinhosamente conhecida por todos como Lizbet, havia dez anos. Ela *morreu* de madrugada, vítima da peste que todos os anos ceifa a vida de uma moça em Salem. Tinha apenas dezessete anos.

Depois que ela morreu, a mãe descobriu algumas linhas que ela havia escrito no diário em seus últimos dias, alertando sobre algum perigo que pairava sobre a cidade. Aparentemente, antes de morrer, Lizbet conseguiu identificar a origem da peste, e o seu legado foi um aviso de como evitar que se repetisse. No entanto, como Lizbet tinha estado muito perturbada, ninguém deu crédito ao que ela escreveu, exceto sua mãe. E desde então, Norma Sofer apregoava religiosamente as últimas palavras escritas por sua filha, a quem quer que passasse pela praça, desde as primeiras semanas de março. Este costume, somado ao fato de ter abandonado tudo – sua casa, sua família, seus outros filhos –, lhe concederam a fama de louca.

Com o tempo, as pessoas passaram a ignorá-la. Mas isso nunca a detivera. Todos os anos ela se punha a gritar no meio da praça, ainda que ninguém escutasse. A teoria da Sra. Garber era que, fazendo isso, Norma Sofer garantia que Lizbet permanecesse viva de algum jeito.

Susan lhe deu um olhar de relance, e o nó em sua garganta se tornou sufocante. Se fosse trancada no sanatório, mesmo que só por uma noite, Anne poderia ter um destino semelhante ao da Sra. Sofer: ser apontada na rua e chamada de louca pelo resto da vida.

As notícias corriam como o vento naquela cidade. Os casos mais graves que o sanatório municipal atendia eram os pacientes vítimas de tuberculose – a tísica, como diziam as pessoas mais humildes. Eles ficavam isolados numa enfermaria separada exclusivamente para pacientes com alto risco de contaminação. Os casos mais graves eram colocados em quarentena – um eufemismo singelo para dizer que essas pessoas estavam à espera da morte. Pessoas com transtornos mentais, consideradas loucas, eram raras em Salem – de fato, a Sra. Sofer pode ter sido o primeiro caso de desordem mental registrado em anos –, de modo que os setores a elas destinados no sanatório quase não eram utilizados. Quando alguém era trancado numa das celas destinadas aos loucos, a notícia logo se espalhava pela cidade. Foi assim com Norma Sofer; e seria assim com Anne também, se tivessem realmente que interná-la naquele lugar.

– A primavera já está aqui! Ele virá também... – prosseguiu a louca, enquanto Susan se afastava da praça, e caminhava apressadamente em direção ao cemitério.

Não havia reparado que o céu estava tão cinza até estar caminhando entre os túmulos. A primavera não possuía nenhum vestígio do rigoroso frio do inverno, mas o sol apenas aparecia timidamente pela manhã, e desaparecia no início da tarde, dando lugar a um céu cinzento, que carregava o ar com um mormaço quente e sufocante.

Na verdade, aquela era uma situação recorrente em Salem. O frio desaparecia subitamente no equinócio de primavera, e em seu lugar, uma brisa morna tornava o clima ligeiramente abafado.

Susan caminhou pela alameda tão conhecida, até chegar ao túmulo de Joseph e Harriet Dawson. Seu coração se apertou ainda mais dentro do peito ao se dar conta de que aquela era a primeira vez que visitava o túmulo dos avós sem a companhia da irmã.

Há quatro anos, quando seus pais morreram, Susan e Anne quiseram ter uma lápide para chorar, mas eles estavam sepultados no oceano. Então, elas improvisaram, pintando os nomes de seus pais na lápide, com tinta branca, embaixo dos nomes de seus avós. Cada vez que chovia elas tinham que pintar outra vez. Agora, os nomes de James e June Dawson estavam ligeiramente desbotados, logo acima do epitáfio ambíguo gravado na pedra: "*pais amorosos*".

Susan deixou escapar um soluço, e se ajoelhou para depositar as quatro rosas brancas habituais sobre a campa. Queria poder deitar a cabeça no colo da mãe agora, e ouvir que iria ficar tudo bem: que a perturbação de Anne iria passar; que tudo o que acontecera desde que ela fugira do quarto na noite passada fora apenas um sonho; e que ela não precisaria ficar nem um só minuto trancada no sanatório.

Uma brisa morna envolveu o corpo de Susan, como um afago, e ela fechou os olhos para absorver a sensação. Talvez ela estivesse dramatizando a situação em demasia, mas somente pensar que algo ruim poderia acontecer a Anne, já lhe deixava aflita. Elas tinham perdido tudo. Sua família inteira estava morta; só tinham uma a outra. Susan não podia perdê-la também.

– Anne não está morrendo! – Susan disse a si mesma, sibilando, furiosa.

Mas Anne estava perturbada, ansiosa, e – Deus a ajude – sonâmbula. Todos os anos ela ouvia uma lista completa destes sintomas ecoando aos murmúrios pela cidade. Aqueles eram os sintomas da peste! E saber disso, deixava Susan ainda mais desesperada.

De repente ela sentiu uma mão quente pousar em seu ombro, e deu um pulo assustado, levantando-se.

– Perdão, não pretendia assustá-la – disse Roger Bellingham, um funcionário da casa alfandegária, parado a poucos passos de Susan.

Ela relaxou um pouco ao vê-lo através da umidade em seus olhos, e levou a mão ao rosto para enxugar as lágrimas. Bellingham puxou um lenço de seu bolso e o ofereceu a ela.

– Obrigada – disse Susan, aceitando o lenço dele. – O que o senhor está fazendo aqui?

Susan mordeu o lábio, torcendo para que ele não achasse sua pergunta grosseira. Apenas não imaginava o que aquele homem fazia tão longe do cais àquela hora do dia. E no cemitério! Até onde ela sabia, Bellingham não tinha nenhum parente enterrado lá.

Mas é claro que ela não sabia muita coisa sobre ele. Nunca o tinha visto na cidade, até o verão passado, e não fazia ideia de onde ou com quem ele morava. O mais provável era que ele não tivesse família em Salem.

– Eu... – ele hesitou. E em vez de responder, perguntou: – A senhorita está bem?

Ela deu de ombros e lhe devolveu o lenço. Um brilho fugaz encheu os olhos de Bellingham, enquanto esquadrihava o rosto dela. Susan se sentiu ruborizar, e baixou os olhos imediatamente. Desde que o conhecera, Susan tinha uma admiração apaixonada por Roger Bellingham. É verdade que ela não o conhecia muito bem, e certamente não saberia explicar a origem daquele sentimento, mas tê-lo ali, olhando tão diretamente para ela, a deixava desconcertada.

Ele nunca lhe deu atenção, e na verdade, quase sempre parecia evitá-la. Por diversas vezes, Susan o flagrou lançando olhares cobiçosos para Anne, e às vezes, nessas ocasiões, o olhar dele se desviava para ela com igual admiração. Todavia, o Sr. Bellingham fazia questão de se manter distante de ambas, com uma postura frustrantemente inatingível.

Bellingham olhou para a lápide diante da qual ela esteve prostrada, e deu um suspiro resignado.

– É sua família? – indagou ele, tornando a olhar para ela.

Susan aquiesceu.

– Meus avós. E meus pais, tecnicamente.

Ele franziu o cenho, e ela se sentiu embaraçada. Os olhos dele eram de um azul profundo, e penetravam os dela com um magnetismo sedutor.

– Meus pais morreram num naufrágio – explicou ela, tentando evitar os olhos dele. – Não estão enterrados aqui, mas...

Não queria completar. Não sabia sequer porque estava contando aquilo. Mas de repente sentiu um calafrio. Na noite anterior, quando pularam do penhasco, ela e Anne estiveram muito perto de ter também o oceano como túmulo.

Ele assentiu, e fitou a lápide outra vez.

– Minha família também foi sepultada no mar – disse Bellingham, quase num murmúrio.

Susan o olhou com surpresa; e em seguida, com resignação.

– Isso já faz muito tempo – esclareceu ele.

– Minha irmã está doente – disse Susan, de repente, sem conseguir se refrear. Queria desesperadamente que alguém lhe dissesse que ela iria ficar bem; qualquer um que não fosse o Reverendo ou a Sra. Garber. Se Bellingham lhe dissesse, talvez ela conseguisse se convencer.

– Sinto muito – disse ele, olhando novamente para ela. – É grave o que ela tem?

– Eu não sei. – A voz de Susan falhou no finalzinho, e ela sentiu as lágrimas retornando aos seus olhos. – Eu temo que sim.

Bellingham se aproximou alguns passos. Seu olhar queimava, fitando diretamente dentro dos olhos dela. Por um segundo, ela imaginou que ele estava prestes a envolvê-la em seus braços, e permitir que chorasse em seu peito. Mas ele não fez.

Claro que não fez. O que aconteceria se alguém os visse abraçados, sozinhos, no cemitério? Era um pensamento muito inapropriado.

Ela arfou involuntariamente, e desviou o olhar do rosto dele. Bellingham, por outro lado, continuou a fitá-la com a mesma intensidade.

– Eu preciso ir embora – disse Susan, virando-se, embaraçada, para a alameda por onde viera.

– Eu devo acompanhá-la, senhorita Dawson – disse Bellingham, caminhando ao lado dela. Não era uma oferta, e sim um anúncio, e Susan não sabia o que pensar sobre isso. Simplesmente não foi capaz de impedi-lo.

Enquanto caminhavam para fora do cemitério, Susan esperou ansiosamente que ele lhe oferecesse o braço, mas não fez. Certamente ele estava com pena dela, e, por cavalheirismo, não quis deixá-la retornar sozinha à sua casa, com os nervos tão frágeis. Porém, ela não devia esperar mais do que isso.

Se deu conta, de repente, de que ele não havia respondido sua pergunta inicial: o que fazia no cemitério àquela hora? Mas ela não achou prudente retornar ao assunto.

– A peste vai levar mais uma de suas filhas! – grasnou a louca, enquanto eles atravessavam a praça, em silêncio. – Protejam-nas!

Um calafrio percorreu o corpo de Susan, e seu coração se comprimiu ainda mais dentro do peito. Ela percebeu, de relance, o olhar de Bellingham vaguear para ela, mas preferiu não dizer nada.

– Finalmente o frio se foi – comentou Bellingham, casualmente, como se quisesse distraí-la.

– Todos os anos são iguais – disse Susan, tentando não soar entediada. – O frio vai embora no exato instante da chegada da primavera.

– Parece que o clima desta cidade respeita rigorosamente as estações do ano – acrescentou ele, sorrindo.

– É o que parece – aquiesceu Susan.

– As flores já estão começando a se abrir. – Bellingham apontou um canteiro de rosas no jardim dos McCain.

– Sim, é verdade.

Por alguma razão, Susan não se sentia à vontade para conversar sobre essas amenidades com ele. Sobretudo agora, que sua cabeça estava numa grande confusão.

– Isso é bom – prosseguiu ele, ignorando seu desconforto. – Pensei que não teria a chance de vê-las.

– O senhor vai viajar? – indagou Susan, sem se conter, e sua voz soou um pouco mais aflita do que ela gostaria.

– Sim. Dentro de dois dias eu não estarei mais aqui.

Susan parou de respirar, e por um momento, pensou que seus joelhos fossem ceder, e ela fosse ao chão.

– Mas não é uma mudança permanente, suponho...? – perguntou, lutando para manter a voz tranquila.

Bellingham deu de ombros.

– Talvez... – ele disse, simplesmente.

Mas então, eles já estavam diante da casa dela, e ele se virou para se despedir. Susan queria lhe dizer alguma coisa – para ficar, muito provavelmente, mas é claro que não se atreveria –, no entanto, só o que pôde fazer foi tentar respirar naturalmente, quando ele tomou sua mão e beijou seus dedos, olhando profundamente em seus olhos.

– Espero vê-la outra vez, senhorita Dawson – disse Bellingham, antes de se afastar e partir.

Susan ficou ainda um instante na soleira, lutando para respirar. Seus nervos estavam abatidos por causa da irmã, de modo que todo o seu julgamento poderia estar comprometido, mas ela teve a impressão de que Bellingham segurara sua mão um segundo além do necessário, ao beijar seus dedos em despedida.

CAPÍTULO 5 – A MANSÃO SUBMERSA

Assim que entrou em casa, Susan ouviu Anne gemendo no quarto. A Sra. Garber estava aflita ao lado dela. Sentiu-se sonolenta após o almoço, e desde que adormecera, não parava de se agitar, gemer e choramingar. Toda a sua expressão estava torcida em aflição, mas apesar de todos os esforços, a Sra. Garber não fora capaz de acordá-la.

– Não, por favor... – choramingava Anne, quando Susan entrou no quarto. – Não vá...

– Querida, acorde! – suplicava a Sra. Garber, apertando sua mão.

A testa de Anne estava úmida, mas não tinha febre. A Sra. Garber a enxugava a todo instante com um lenço, e ela virava a cabeça no travesseiro cada vez que era tocada.

– Não me deixe... – insistia Anne.

– Eu estou aqui, querida – dizia a governanta, acariciando o rosto dela. – Por favor, Anne, abra os olhos!

– Está delirando de novo – observou Susan.

– Às vezes eu penso se ela está sonhando com os seus pais – sibilou a Sra. Garber.

Susan deu um suspiro pesaroso.

– É possível – assentiu.

Anne começou a tossir. A Sra. Garber ajeitou as cobertas sobre os ombros da garota, e tornou a afastar os cabelos de seu rosto. Susan descobriu seus pés por um momento, e verificou debaixo das cobertas que Anne vestira novamente a camisola cor de pêssego com que mergulhara do penhasco na noite anterior, e que Susan havia jogado com a sua no encosto de uma cadeira ao retornarem da praia. O tecido havia secado, mas ainda estava frio. Um arrepio percorreu a espinha de Susan. Aquilo poderia mesmo ter sido real?

– Sempre... – murmurou Anne.

E então fez um som profundo e esganiçado, jogando a cabeça para trás. Susan correu em seu socorro, e ergueu sua cabeça do travesseiro. Anne parecia estar sufocando.

A Sra. Garber afastou as cobertas e começou a abaná-la com uma das mãos, enquanto agitava seus ombros, até que ela finalmente acordou.

– Não respiro... – sibilou Anne, sem conseguir emitir nenhum som.

Susan ajudou a colocá-la sentada na cama, e segurou sua cabeça para trás, até que ela conseguiu recuperar o fôlego.

– Você teve um pesadelo? – indagou a Sra. Garber.

O olhar de Anne se encheu de pavor, e ela apenas aquiesceu, abrigando a cabeça no peito de Susan. Ela não falava de seus pesadelos à governanta. Isso ficava só entre as duas irmãs.

Susan assentiu para a Sra. Garber, para lhe assegurar que cuidaria de Anne a partir de agora, e então a governanta foi preparar um chá.

E tão logo ela saiu, Susan perguntou, enquanto afagava carinhosamente os cabelos de Anne:

– Sonhou com o mascarado outra vez?

Anne aquiesceu, sem levantar a cabeça.

– E com aquela casa – acrescentou Anne.

Susan engoliu em seco. Ela se referia à mansão que descobriram no fundo do mar. Como ela temia, não foi um sonho.

– Estávamos presos lá dentro – sussurrou Anne. – E depois de um tempo, eu não podia mais respirar...

Susan sibilou para que ela não dissesse mais nada, e somente descansasse. Ainda não estava confortável para falar sobre a aventura daquela noite. Principalmente, porque pensar nisso trazia à tona as lembranças dos sonhos que tivera naquela madrugada, e que ela vinha tentando evitar o dia todo. Quem quer que fosse o homem com quem ela sonhara, era melhor que ela o tirasse da cabeça imediatamente.

Quando a noite caiu, Susan estava exausta. Assistir à irmã oscilando entre a sanidade e os devaneios, exauria completamente suas forças: físicas e emocionais.

Dormiu na poltrona, junto à janela do quarto de Anne, não querendo novamente deixar a irmã sozinha. No entanto, à meia-noite, Susan foi despertada pelas badaladas do relógio da sala de

estar. As cortinas esvoaçavam diante de seu rosto; a janela estava aberta outra vez; e Anne novamente não estava na cama.

Susan desceu as escadas correndo. A porta da frente estava entreaberta, e isto lhe fez sentir um calafrio. Queria que seu pressentimento estivesse errado, mas apesar da escuridão, ela quase podia ver os passos da irmã marcados na areia. Era um devaneio, é claro; não havia meios de os pés de Anne serem os únicos a deixar uma trilha na praia. Mas como um terrível déjà-vu, Susan encontrou a irmã exatamente onde pensara: na beira do penhasco.

– O que está fazendo aqui? – indagou, segurando o braço dela.

Anne fitava a imensidão negra do oceano, como se estivesse hipnotizada.

– Anne! – insistiu Susan, chamando-a de volta a si.

– Estava pensando... – disse Anne, sem desviar os olhos da água. – O que haverá naquela casa?

Susan ergueu os olhos para o horizonte. A lua cheia brilhava a uma boa distância da baía, e ela imaginou que, àquela hora da noite, podia muito bem estar pairando exatamente acima do telhado da mansão submersa. E lembrar disso, também lhe dava calafrios.

– É melhor esquecer isso – disse Susan à irmã, puxando seu braço para afastá-la do penhasco.

Porém, Anne estacou ali, e não permitiu que a levasse.

– Eu gostaria de descobrir – murmurou, sem tirar os olhos do mar.

– De jeito nenhum! – bradou Susan. – Nós não vamos voltar lá!

As palavras saíram com fúria de sua boca, mas a verdade é que, no fundo de sua alma, ela também desejava ter mais uma oportunidade de explorar o que havia dentro da casa; e principalmente, ter outra oportunidade de nadar sob a baía de Salem sem precisar retornar à superfície para respirar.

– Por que não? – desafiou Anne. – Fizemos isso ontem, e nada nos aconteceu...

– Por isso mesmo... Não vamos testar a sorte.

Porém, Anne tornou a fitar o mar, com o olhar decidido. E Susan a conhecia o suficiente para saber que não conseguiria dissuadi-la. E considerando a maneira como ela saía sorrateiramente da casa enquanto todos dormiam, provavelmente também não seria capaz de impedi-la.

Aquilo era loucura, sem dúvida, mas Susan precisava protegê-la. E naquele momento, a única maneira de fazer isso, era não deixando Anne sozinha.

– Este não é o lugar mais seguro para fazer isso – disse Susan, receosa, fitando as pedras lá embaixo.

– Foi daqui que pulamos ontem – lembrou Anne, controlando o próprio medo. – Deve existir alguma espécie de magia neste lugar.

As palavras fizeram Susan reagir. Sentia um nó em sua garganta – certamente o nó da corda que a enforcaria quando pulasse novamente nas águas enfeitiçadas de Salem. Mesmo já tendo passado mais de um século desde o episódio macabro que aterrorizou a cidade, Susan tinha certeza de que as pessoas não seriam misericordiosas se soubessem que elas estavam seduzidas por algum tipo de bruxaria.

– Mas nós ainda podemos nos machucar... – insistiu Susan, recuando um passo.

– Não seja tola! – Anne fez uma careta. – Não vamos bater nas pedras, nem nos afogar. Ontem nós fomos capazes de respirar embaixo d'água por quase meia hora...

– E quase morremos na volta! – salientou Susan. – Quais as chances de acontecer de novo?

Anne olhou para o penhasco, enchendo-se de coragem. Então estampou no rosto sua expressão mais confiante.

– Só há uma maneira de descobrir – disse, com a voz firme.

Ela agarrou a mão da irmã e as duas encararam a pequena piscina entre as pedras.

Tomar a decisão foi infinitamente mais fácil do que mergulhar. Felizmente, quando o mar as envolveu, no lugar exato onde haviam caído na noite anterior, as duas entraram naquele transe estranho que as tornava capazes de respirar embaixo d'água.

Susan olhou ao redor, esperando que as sereias aparecessem, mas elas não vieram. Então avistaram as paredes da mansão, ao longe, debilmente iluminadas pelo luar, e nadaram até ela.

Um extraordinário jardim de algas cercava a casa. Havia limo nas paredes em toda a fachada, e as jardineiras das janelas do primeiro andar, inacreditavelmente, exibiam jasmims vivos e exuberantes.

Havia um símbolo gravado na porta da frente, pouco acima da aldrava de prata: algo semelhante a um garfo ou forquilha – ou a letra Y com um traço a mais. Susan não havia reparado naquele símbolo na noite anterior, e também não pôde analisá-lo adequadamente agora, pois Anne a arrastou para dentro assim que conseguiu abrir a porta.

Entrar na mansão submersa era como retornar a um sonho espantoso. Intimamente, Susan ainda não estava segura de que aquele lugar era real. Talvez ela fosse acordar a qualquer momento em sua cama, e perceber que estivera sonhando desde a noite anterior: com a casa, com as sereias, a discussão com o Reverendo Bishop, e até mesmo o encontro com Roger Bellingham no cemitério. Talvez até mesmo a perturbação de sua irmã não passasse de um lamentável pesadelo.

Infelizmente, no minuto seguinte nada mudou. Ela continuava caminhando dentro da mansão submersa, observando aquele ambiente tão incomum quanto um aquário de luxo, percebendo palpável tudo o que ela não acreditava ser real, e respirando como se não houvesse água ao seu redor.

E conforme caminhava pela casa, sentia que não só era real, como tudo ali dentro parecia vivo.

Os móveis e os objetos pareciam congelados no tempo. Ilusoriamente, os olhos azuis nos retratos pareciam seguir cada movimento das duas irmãs. Na copa, a prataria e as taças de cristal estavam organizadas como se a mansão estivesse preparada para uma festa.

Apesar de ser uma visão deslumbrante de luxo e riqueza, Susan tinha a horrível sensação de ter entrado na antessala do inferno!

Lembrou-se, com horror, do último sonho que tivera naquela noite; aquele em que evitara pensar o dia todo: ela entrava pelas portas da mansão, conduzida pelo braço do mascarado que a aconchegara em seu peito na noite passada. Ele estava novamente vestindo o fraque elegante que despira ao se deitar na cama de Anne. Eles subiam a escadaria acarpetada, e caminhavam por um longo corredor, até um quarto luxuoso, preparado como para as núpcias de um casal.

Susan percebera, nesse momento, que não estava tão bem vestida quanto ele: usava a mesma camisola branca que vestira depois de retornar da praia com a irmã; e embora compreendesse quão inadequados eram seus trajes, sobretudo estando em companhia de um homem, não se sentia constrangida. Ao contrário, sentia-se perturbadoramente à vontade.

O mascarado a conduziu para dentro do quarto. A lareira estava acesa; a cama, impecavelmente arrumada, ostentava uma colcha de veludo vermelho deslumbrante; o tecido delicado do dossel era da cor do ouro. Tudo ali inspirava riqueza e elegância.

Ele serviu duas taças de vinho para brindarem. E então, no minuto seguinte, ele a estava afogando com seus beijos, profundos e ardentes.

O coração de Susan disparara no peito. Ela sentia que estava prestes a desabar nos braços dele, mas então, subitamente, com a mesma graça com que a trouxera para junto de si, ele se afastou, recuando até a porta, sem jamais tirar os olhos dela. Havia um brilho perverso nas íris azuis, que se acentuava, à medida que ele se afastava. E então, de repente, as portas se fecharam diante dele.

O coração de Susan congelou no peito, ao mesmo tempo em que a chama na lareira se apagou. Ela se viu sozinha naquele quarto luxuoso, dentro do palácio submerso, mas agora, em lugar dos braços quentes do mascarado que a seduzira, eram as águas geladas do mar de Salem que envolviam seu corpo, de uma maneira desesperadora.

Susan deu um grito esganiçado – e não tinha certeza de tê-lo feito apenas no sonho –, ao se dar conta de que estava sozinha e presa naquela câmara para sempre.

Este sonho a fez despertar ofegante – principalmente porque, desde que as portas foram fechadas, ela simplesmente não conseguira mais respirar –, e terrivelmente assustada. Mais que um pesadelo, parecia um presságio agourento: como se algo terrível e inevitável estivesse prestes a envolver sua vida – a sua, ou a de Anne; no fundo, não fazia diferença. E foi este sonho, mais do que qualquer outra coisa, que a fez evitar qualquer conversa com a irmã o dia todo.

Seu coração clamava para irem embora, mas Anne, com seu espírito explorador, queria conhecer todos os cantos da mansão. Era visível que estava completamente deslumbrada com aquele lugar. E no fundo, embora se recusasse a admitir, Susan se sentia assim também.

Anne encarou a escada por alguns instantes, com o mesmo sorriso animado da noite anterior. O corrimão de ouro primorosamente elaborado brilhava sob a luz fraca do luar. O carpete vermelho que adornava os degraus parecia um convite ao visitante para subir a elegante escadaria. Os candelabros de ouro pareciam insinuar o brilho das chamas no topo das velas...

O sorriso de Anne se intimidou subitamente, enquanto ela se lembrava de que fora ali que perdera o fôlego na noite anterior. Mas em seguida pareceu decidir que, se algum milagre ou magia havia permitido que ela conhecesse a mansão, os meros degraus de uma escada não a deteriam.

Caminhou energicamente até a porta e tomou impulso com o pé, para nadar escada acima, mas assim que retirou os pés do chão, caiu, como se ali dentro não tivesse água.

Susan ajudou a irmã a se levantar, e tateou ao redor, para ter certeza de que a água ainda as envolvia. Era como se estivessem dentro de um aquário, mas alguma coisa prendia seus pés no chão e as impedia de nadar dentro da mansão.

Anne caminhou lentamente para a escada outra vez. E mesmo com o coração apertado, ansioso para ir embora, Susan a seguiu de perto e esperou que ela desse o primeiro passo. Se Anne perdesse o fôlego novamente, ela ainda poderia socorrê-la, como na noite anterior, e talvez convencê-la a não retornar nunca mais àquele lugar.

No fundo tinha esperança de que aquele degrau fosse o limite do mundo sobrenatural onde haviam mergulhado. Se a magia se desfizesse ao tocar nele, e não pudessem descobrir o que havia lá em cima, talvez não ficassem presas naquela casa.

Anne apoiou o primeiro pé na escada, ampliando os temores da irmã, e como nada mudou, firmou os dois pés no primeiro degrau, sondando o ar ao redor. Tudo parecia igual ao resto da casa. Então ela se encheu de coragem e subiu as escadas altivamente, como se fosse a dona da mansão.

Susan esperou que Anne alcançasse o corredor do primeiro andar, e tomando um impulso de coragem para não deixá-la sozinha, subiu atrás dela.

As paredes do corredor pareciam um museu particular, com retratos a óleo de diferentes membros da mesma família; a maioria, réplicas dos que decoravam as paredes do salão principal, intercalados com castiçais de ouro. O mesmo carpete vermelho que cobria a escada se estendia por todo o corredor. Exatamente no meio do caminho entre uma porta e outra, um móvel baixo de madeira de cerejeira abrigava um belo vaso de flores, repetindo-se a cada intersecção. Através de uma janela alta no fim do corredor, o luar penetrava e iluminava todo aquele caminho.

O coração de Susan congelou no peito ao ver a irmã girar a maçaneta de um dos quartos.

“Foi só um sonho”, repetiu para si mesma, tentando se convencer de que a influência mágica daquela aventura havia provocado o pesadelo. Então respirou fundo, como se quisesse garantir que teria fôlego suficiente para voltar, e seguiu a irmã.

O primeiro quarto que abriram devia pertencer a uma menina. A colcha e o tecido do dossel eram cor de rosa, muito claros, assim como as cortinas das janelas. E havia dezenas de bonecas sobre uma cômoda encostada à parede do fundo.

Anne parecia inquieta, como se procurasse alguma coisa que certamente não estava ali.

O quarto seguinte era visivelmente de um casal. Um calafrio percorreu o corpo de Susan, fazendo-a recordar novamente o pesadelo. Mas não fora aquele o quarto que a sepultara no sonho.

O tecido prateado do dossel e a colcha azul meia-noite, embora concedessem um ar de riqueza e elegância ao aposento, em nada se pareciam com a decoração do quarto com que sonhara.

Anne mal entrou naquele cômodo. Parecia saber exatamente onde queria chegar. O quarto no fim do corredor a chamava com força.

Ela entrou devagar e espreitou ao redor. A colcha de veludo vermelho estava intacta e a cama parecia ter sido arrumada havia poucos minutos. Havia um resto de vinho em duas taças sobre a mesa de cabeceira, e um livro fechado sobre a mesa de estudos.

O coração de Susan parou. Aquele era precisamente o quarto que ela vira em seu sonho. E mesmo sem nunca ter estado lá antes, os detalhes eram assustadoramente reais. Até o cheiro de madeira queimada parecia impregnado nas paredes, e, podia ser somente uma alucinação, mas ela seria capaz de jurar que viu um filete de fumaça subindo da lareira apagada. Olhou para as taças outra vez, e engoliu seco: a recordação do pesadelo foi tão nítida em sua mente, que ela conseguiu sentir o gosto do vinho em sua boca.

Susan correu de volta para a porta do quarto, e clamou desesperadamente para irem embora, mas Anne parecia não estar ouvindo. Avançava com um olhar encantado pelo quarto, tocando suavemente os objetos em seu caminho.

Susan se deteve na porta, temendo vê-la se fechar, e prendê-las naquele aposento para sempre, como em seu pesadelo. E enquanto esperava a irmã, examinou um símbolo que fora gravado na madeira, provavelmente com um canivete: a mesma forquilha que havia sobre a aldrava de prata na porta da frente, e, ela percebia agora, em todas as outras portas da mansão, como um estranho – e pequeno – brasão de família.

A única porta que não havia sido adornada com aquele símbolo era a do quarto do casal, e Susan não conseguia deixar de se perguntar por quê. Todavia, olhando mais atentamente, a marca era rude demais para um brasão de família. E fora grosseiramente entalhada na madeira; não gravada com esmero, como parte da decoração. O símbolo destoava de todo o luxo e elegância que a mansão inspirava, como se tivesse sido riscado às pressas na madeira das portas, num ato de loucura ou desespero.

Susan teve a sensação de conhecer o símbolo de algum lugar, mas não se lembrava exatamente do significado.

Subitamente seus olhos bateram num pequeno relógio de pêndulo encostado à parede do fundo. Se o mecanismo ainda não havia sido corrompido pela água, elas estavam submersas há exatos vinte e oito minutos.

Ela apontou o relógio para Anne e fez sinal para irem embora. Como se retornasse de um transe hipnótico, Anne apanhou o livro que estava sobre a mesa de estudos, sem que Susan percebesse, e seguiu a irmã de volta ao salão principal, onde encontraram uma figura ainda mais inacreditável do que as sereias da noite anterior.

Parada ao lado do piano, uma garotinha de no máximo dez anos de idade, com os cabelos lisos e castanhos colhidos no alto da cabeça por uma fita de cetim vermelho, as encarava com seus penetrantes olhos azuis.

Usava um vestido de festa feito de seda branca e sapatos brancos de boneca. Seu rosto inspirava jovialidade e inocência; os olhos, no entanto, espelhavam sabedoria e experiência, como se fossem os olhos de uma pessoa que viveu séculos ininterruptos.

As duas irmãs pararam assustadas, encarando a menina com a mesma expressão curiosa. Pensaram que, assim como elas, ela havia despencado do penhasco e sido envolvida por aquela estranha magia que as tornava capazes de respirar embaixo d'água. Mas antes que pudessem dizer alguma coisa, a boca rosada da menina se abriu.

– Vão embora! – clamou a menina, com a expressão horrorizada.

– Você está bem? – perguntou Susan, dando um passo na direção dela.

– Saiam! – gritou a menina, com a voz estridente. – Ele não está aqui. Vão embora!

Elas se entreolharam, confusas. Então, Anne agarrou a mão da irmã e as duas correram para fora da mansão, antes que Susan pudesse perguntar à menina se precisava de ajuda para

retornar à superfície. Em sua mente ecoava uma pergunta: *O que ela quis dizer com "ele não está aqui"?*

Anne estava pálida, como se tivesse visto um fantasma.

Assim que começaram a nadar, Susan avistou o brilho dourado das caudas das sereias vindo em sua direção, e pela expressão em seus rostos, não estavam tão amigáveis quanto na noite anterior.

Com medo de que a magia se desfizesse, e comessem a se afogar a qualquer momento, as duas irmãs nadaram o mais rápido que puderam, até perderem as sereias de vista. Já podiam ver a praia quando uma mão branca de pele sedosa puxou Anne para as profundezas.

Susan tentou ajudá-la a escapar das mãos da sereia loura, mas tudo o que pôde compreender na confusão de cabelos esvoaçantes, foi que Anne lutava para defender o livro que roubara na mansão submersa.

Quando finalmente conseguiu resgatar a irmã, Susan teve o vislumbre do rosto zangado da sereia-líder de olhos amendoados. Não queria descobrir por quê; tudo o que importava era sair logo dali.

O primeiro impulso de Susan, ao alcançarem a praia, foi brigar com a irmã.

– Que estupidez foi aquela? – perguntou Susan, aos gritos.
– Arriscar a vida por um livro velho...

– Não é meramente um livro! – Anne gritou de volta. – É um diário!

Disse como se isso obviamente explicasse o ímpeto em defender sua posse.

– Que seja! – murmurou Susan. – O que lhe interessa isso?
Anne deu um suspiro aborrecido.

– Esqueça!

E correu para casa à frente da irmã.

CAPÍTULO 6 – O PACTO DE SANGUE

23 de março de 1646

O crepúsculo manchava o céu de Salem com cores vibrantes, quando Robert terminou a subida ao penhasco, onde costumava encontrar-se com sua amada Lucy. Tinha lhe enviado uma mensagem mais cedo, por um moleque que ele sabia que era analfabeto, pedindo que ela fosse encontrá-lo no fim da tarde. Não podia realmente ter escolhido paisagem mais bela para emoldurar sua amada: de um lado do céu, o laranja brilhante do sol baixando no horizonte; do outro, um violeta profundo se aproximava mansamente, arrastando em sua calda o escuro véu da noite.

Lucy o aguardava, sentada numa pedra perto da beira do penhasco. Usava um vestido azul celeste, com um xale de crochê extremamente delicado. Brincava com uma mecha de seus cabelos negros quando Robert chegou, e sua postura e beleza lhe fazia compará-la a uma sereia.

Como ele gostaria de ter uma tela à mão neste momento, para pintá-la exatamente como a encontrara: sua beleza de bronze emoldurada pelas cores exuberantes do crepúsculo.

Lembrou-se, desgraçadamente, de uma discussão que tivera com o pai naquele dia mais cedo – a última, Robert havia decidido –, em que George jurara que o filho jamais seria feliz ao lado de Lucy. Em qualquer outra família, um juramento dessa natureza não passaria de um punhado de palavras amargas, proferidas com rancor; mas o juramento de um Griplen jamais deve ser subestimado.

Lucy olhou para ele e sorriu. E então o coração de Robert se perdeu completamente sob o encanto dela.

– Esta noite não haverá uma só estrela no céu de Salem – anunciou Robert, sorrindo de volta.

Lucy ficou de pé, ergueu os olhos para o lado escuro do horizonte, e franziu o cenho.

– Como pode saber disso? – ela perguntou, confusa, procurando no céu em quê ele se baseava para dizer isso.

– Elas estão intimidadas com sua beleza – declarou Robert, olhando intensamente no rosto dela.

Lucy baixou os olhos, sorrindo com timidez. Os cílios escuros projetaram uma sombra graciosa sobre suas maçãs, e Robert não resistiu em beijá-la ali.

– Você diz cada coisa... – sussurrou Lucy, pousando as mãozinhas delicadas nos ombros de Robert, hesitando em passar os braços em volta de seu pescoço, sob o olhar vigilante de sua dama de companhia. – Às vezes temo ser mais bela aos seus olhos do que o sou de fato.

Robert balançou a cabeça em negativa, com um sorriso jocoso brincando nos lábios, enquanto segurava as mãos de Lucy entre as suas.

– Neste caso, devo ser um tolo – afirmou ele. – Ou você, uma feiticeira.

Os olhos de Lucy ficaram espantados, e ela deu uma espiada na governanta, que os observava há cerca de dez ou quinze passos, talvez longe o bastante para não escutá-los, visto que falavam muito baixo. Ao que Robert prosseguiu, sem se incomodar com a presença dela:

– Mas estou certo de que há duas mentiras nessas afirmações: você não é bela somente aos meus olhos, e, sendo assim, não sou um tolo.

– São três as mentiras – corrigiu Lucy. – Também não sou feiticeira.

– Disto não estou tão certo. – Ele encostou a mão de Lucy em seu peito, e viu, com satisfação, o rubor lhe subir à face. – Veja o que faz a este coração amaldiçoado somente por me permitir admirá-la. – E curvando-se graciosamente, sussurrou ao ouvido dela: – Você me enfeitiça!

O sorriso de Lucy se ampliou ao sentir o coração acelerado do amado.

– Eu seria capaz de desafiá-lo – propôs, timidamente. – Se procurar bem, certamente encontrará duzentas mulheres mais belas que eu em Salem.

– Ainda que eu vivesse duzentos anos, estou certo de que não as encontraria – garantiu Robert.

– Não diga isso... – Lucy começou a dizer, mas um vento gelado atravessou seu corpo subitamente, fazendo-a puxar o xale para se aquecer melhor.

– O que há, querida? – indagou Robert, preocupado.

– Estou bem – respondeu ela, dando-lhe um sorriso breve. E mudou de assunto: – Você parecia tenso quando chegou. Preocupado...

– Não é nada...

– Você não me engana – retrucou ela, pacientemente. – Aconteceu alguma coisa...?

Ele deu um suspiro chateado.

– É porque vamos nos casar amanhã? – supôs Lucy.

Robert sorriu.

– Acho que estou um pouco ansioso – admitiu.

– Mas não é só isso... – percebeu ela.

E como ele não respondesse, ela inquiriu:

– É o seu pai?

O olhar de Robert escureceu, e uma sombra de rancor atravessou toda a sua expressão.

– Ele vai tentar te convencer a me deixar, até o último minuto – deduziu Lucy, mais resignada que ofendida.

– Ele sabe que é inútil lutar – garantiu Robert.

Todavia era precisamente esse o motivo de sua preocupação. E Lucy compreendeu isso, sem que ele precisasse dizer algo mais.

– Você teme que ele faça algo contra nós. – Não era uma pergunta. Embora não admitisse, Lucy tinha os mesmos temores que Robert agora se recusava a compartilhar com ela.

– Quero acreditar que não – disse Robert, exalando um suspiro pesado. – Ele está contrariado... Se sentindo traído, decepcionado... Mas eu sou o único filho que ele tem; o único que pode passar adiante o seu sobrenome. E por mais que ele esteja insatisfeito com a escolha do meu coração em cortejar o seu, não posso acreditar que ele faria qualquer coisa contra mim...

Robert praticamente se interrompeu quando proferia a última palavra. Seu coração martelou mais forte e dolorosamente

em seu peito ao ler no olhar dela que Lucy havia compreendido bem o significado.

– Contra você, não – aquiesceu ela. – Mas contra mim...

Robert cobriu os lábios dela com um dedo para interrompê-la.

– Não diga, por favor! – suplicou ele. Uma fúria selvagem irrompeu em seu olhar apenas por imaginar a possibilidade. – Porque eu prefiro vê-lo morto antes de permitir que ele a machuque!

– Por Deus, não diga uma coisa dessas, Robert! – implorou ela, aflita.

Ele fechou os olhos por um momento, recuperando o controle de seus nervos.

– Desculpe – sibilou ele. – Eu fico doente só de pensar na possibilidade de...

– Eu compreendo, querido – disse Lucy, afagando suavemente o rosto dele com uma das mãos. – Mas ele é seu pai! E talvez seja como você disse: ele não seria capaz de fazer algo que machucasse você... Incluindo ferir a mim.

– Ele não precisaria necessariamente machucar um de nós dois para nos tornar infelizes. Já lhe contei as coisas que esse poder das trevas que flui em minha família nos permite fazer. Há muitas maneiras de ele nos arruinar.

– Acha que temo a pobreza?

– Não estou falando de miséria material. Para isso, ele só teria que me deserdar. Mas então o nome dos Griplen se tornaria sinônimo de desonra. Estou falando de outro tipo de ruína.

Lucy tornou a acariciar o rosto dele.

– Eu não tenho medo das pragas que seu pai pode lançar sobre nós – disse ela, suavemente.

– Mas deveria – alertou Robert, sua expressão escurecendo outra vez. – Algumas delas podem ser piores do que a morte.

– Contanto que estejamos juntos, meu querido, nada me fará infeliz – garantiu Lucy.

Robert acariciou o rosto dela. Embora já tivesse compartilhado aquela parte tenebrosa de sua história com a

amada, sentia-se estranhamente grato por ela não estar assombrada.

Os Griplen pertenciam a uma antiga comunidade de feiticeiros; uma das últimas comunidades da Velha Ordem. Sua magia era algo sobrenatural e praticamente inexplicável para quem não fazia parte de seu mundo, mas Lucy compreendia que aquele poder era antes uma maldição que uma virtude. E o próprio fato de Lucy compreender não era natural. Talvez seu coração a tivesse desejado tanto, que ele acidentalmente a colocara sob algum tipo de encanto. Mas isso não fazia diferença agora, porque se era isto que garantia o amor dela, Robert não era capaz de desfazer. Mesmo sabendo que deixá-la livre era o melhor para ela.

Era um sentimento repugnantemente egoísta: pois o amor dela por ele, talvez, tivesse o poder de lhe trazer redenção; ao passo que o seu amor por ela, muito provavelmente, seria a causa de sua perdição.

Robert beijou as mãos de Lucy, decidido a deixar este assunto de lado. Sentiu a brisa morna da noite de Salem envolvê-los como um abraço. As noites se tornavam cada vez mais quentes desde a chegada da primavera; mais até que nos anos anteriores. Robert havia prometido à Lucy o clima perfeito na noite de sábado, e embora ela não acreditasse que seu poder fosse tão grande a ponto de garantir isso, ela percebia que aquele calor não era natural.

Robert conferiu rapidamente que a dama de companhia de Lucy não estava olhando em sua direção, e concentrou o olhar na pedra onde ela estivera sentada quando ele chegou, e em seguida sorriu, indicando-a com a cabeça. Quando Lucy se virou, meia dúzia de jasmims havia crescido magicamente na base da pedra.

– Que coisa linda, meu amor! – exclamou ela, maravilhada.

– Eu farei crescer um jardim inteiro para você na nossa casa, minha querida – prometeu Robert.

– Nossos vizinhos irão estranhar um jardim que floresce da noite para o dia – advertiu Lucy.

– Então terei que fazer isso em duas noites – solucionou Robert.

Lucy sorriu.

Tinham construído uma casa em frente à praia. Não uma mansão, como a da ilha dos Griplen, mas um bom sobrado com quatro quartos e uma bela entrada para o jardim. O seu futuro palácio de amor.

Uma ave grasnou ao longe, e então Lucy estremeceu outra vez, tornando a puxar o xale.

– Você está bem? – indagou Robert, preocupado.

– Não sei – disse Lucy. – De repente senti um calafrio...

– Não é a primeira vez que a vejo se encolher dessa maneira.

Lucy deu de ombros.

– É algo que herdei da minha avó – explicou ela. – Uma tolice, suponho. Vêm como pressentimentos, ou algo assim... Não dê importância.

– Eu sempre disse que havia algo mágico em você – disse Robert, afagando os cabelos dela.

Mas Lucy balançou a cabeça em negativa, e baixou os olhos, embaraçada.

– Temo que essa magia que você vê em mim não seja uma virtude – sussurrou, timidamente.

– Não creio que a minha também seja. Mas abençoados, ou amaldiçoados, a partir de amanhã, teremos a eternidade juntos para desfrutar o que quer que seja.

Lucy deu um suspiro, concentrando-se em ignorar aquela estranha sensação agourenta. E então alguma coisa despencou do céu bem ao lado deles, fazendo-a dar um grito assustado. Robert a puxou para mais perto de si, e ela escondeu o rosto em seu peito por um instante, horrorizada. Um amontoado de penas negras ensanguentadas jazia no chão perto deles, como um mensageiro das trevas que veio confirmar os temores de Lucy.

Ela precisou de um segundo para criar coragem de abrir os olhos, e conferir a imagem agourenta: era um corvo, que havia caído morto aos seus pés.

– Está tudo bem, querida – disse Robert, interpondo-se entre sua noiva e a ave morta. – Deve ter sido atingido por uma pedra que alguém jogou.

– Não, Robert... – murmurou Lucy, assustada. – Veja... Há espinhos cravados nos olhos dele.

Robert baixou os olhos para o bicho morto. Os olhos vidrados do pássaro maldito estavam raiados de sangue, com um espinho em cada um, fincado bem no centro das pupilas, que refletiam agora o cinza azulado típico da cegueira.

Esse rito grotesco somente era praticado com um objetivo: obscurecer a visão de uma vítima em relação a algo ou alguém, fazendo que não visse, ou não desse atenção; e desse modo, o próprio desejo deveria se tornar obsoleto.

– É algum tipo de aviso? – perguntou Lucy, horrorizada.

Robert não teve coragem de dizer a verdade. Seu pai estava trabalhando em sua promessa de estragar a felicidade do futuro casal. E embora Robert não compreendesse exatamente qual era o plano dele, o pássaro morto era um alerta de que algo terrível poderia estar a caminho.

Um rastro de ódio inflamou o olhar de Robert, que agora ficara de costas para Lucy. A partir daquele momento, George Griplen não era mais seu pai. Ele era seu inimigo. E como qualquer soldado numa guerra, Robert estava pronto para morrer ou para matar.

– Robert... – chamou Lucy, suavemente.

Ele precisou respirar fundo algumas vezes antes de se voltar para ela. Não queria que ela tivesse a visão do demônio assassino em seu olhar.

– Isso quer dizer alguma coisa, não é? – ela perguntou, mais intensamente desta vez.

– Eu lhe fiz uma promessa – lembrou Robert –, de que nada irá machucá-la. E eu vou manter a minha palavra.

– Eu não estou preocupada comigo – garantiu Lucy; e Robert sabia o que ela queria dizer. Um rastro de ódio ainda era visível em seu olhar, e ela tentaria fazê-lo recordar que o homem que lhe despertara esse sentimento abominável era seu pai. Essa inimizade ia contra todos os valores que ela prezava.

Robert apertou a mandíbula. Detestava vê-la desapontada, e certamente não conseguiria argumentar com ela, mas a guerra que George Griplen declarava estava acima de seus valores. Ele

não seria capaz de explicar, contudo, todo o horror que ela envolvia.

Lucy deu um suspiro, percebendo-se vencida pela amargura que ele sustentava no olhar. Então ela se abaixou e arrancou duas penas da ave morta.

– O que está fazendo? – indagou Robert, surpreso.

– Você me disse uma vez que um pacto de sangue não pode ser violado, não importa a força que esteja contra – lembrou Lucy. – Nem a natureza, nem a morte, e eu me atrevo a supor: nem qualquer poder das trevas...

Robert assentiu.

– Eu não sei o que isso significa – disse Lucy, indicando com a cabeça o corvo morto. – Mas eu sei que o nosso amor pode ser mais forte que qualquer maldição do seu pai.

Ela deu uma das penas para Robert, que a segurou, encarando a noiva com o olhar semicerrado.

– Façamos um pacto, então – propôs Lucy, completamente convicta de suas palavras.

Robert fez menção de interrompê-la, mas ela não permitiu:

– E não me diga que eu não devo me envolver com a magia obscura que você possui, porque eu assumo toda e qualquer responsabilidade pelas consequências, contanto que isso anule os tentos do seu pai, e acabe de uma vez com essa estúpida guerra entre vocês dois.

Então, ele aquiesceu novamente, estupefato com a segurança com que ela falava. Lucy sempre fora muito cautelosa ao falar ou lidar com o poder dos Griplen. Provavelmente, ela agora se sentia tão ultrajada quanto ele pelo mensageiro torvo que seu pai enviara para arruinar aquele último encontro antes do casamento.

– Juremos pelo nosso sangue, que haja o que houver, minha vida e a sua estarão unidas pela eternidade.

Robert ponderou por um instante. O que ela pedia era exatamente o que ele gostaria de lhe garantir; e talvez ela tivesse encontrado a solução que ele não considerara. O juramento não deteria seu pai, ou o que quer que ele estivesse preparando contra eles, mas garantiria que jamais fossem separados.

Lucy olhou fixamente nos olhos de Robert, e usou a base da pena do corvo para furar a ponta de seu dedo, fazendo brotar uma rubra e brilhante gota de sangue. Robert viu a convicção nos olhos amendoados da amada, e fez o mesmo, unindo seu sangue ao dela na ponta dos dedos, para selar seu pacto de amor.

– Eu juro que nem minha família, nem o destino, nem mesmo a morte será capaz de impedir que passemos a eternidade juntos, minha Lucy – declarou Robert, após murmurar algumas palavras, provavelmente as mesmas, numa língua que Lucy não compreendia. – Embaixo ou em cima da terra, sob as bênçãos dos céus ou as maldições do inferno, ficaremos juntos para sempre.

A segunda parte do juramento de Robert fez outro calafrio atravessar o frágil corpo de Lucy. Porém, ela nada disse. Apenas o imitou, erguendo junto com ele acima de suas cabeças as penas do corvo, com que colheram as preciosas gotas de sangue, e as soltaram ao mesmo tempo, para que fossem carregadas pelo vento, enquanto seus dedos furados permaneciam unidos, selando o pacto.

Ignorando agora completamente a presença da dama de companhia de Lucy, Robert se inclinou para beijá-la, sem que ela fizesse qualquer objeção. E enquanto eles selavam com este beijo o pacto de amor, as penas banhadas em sangue mergulharam juntas do penhasco e desapareceram para sempre na pequena piscina entre as pedras lá embaixo.

CAPÍTULO 7 – UMA NOITE DE PAIXÃO E MORTE

A lua cheia ascendia no céu quando o barco de Robert ancorou na ilha Griplen. Como para cumprir o que ele havia dito à Lucy, não se via uma única estrela no céu naquela noite. Mas a lua estava manchada de sangue, o que somado ao corvo que caiu morto aos seus pés, só podia significar que algo terrível estava a caminho.

Levado pelo instinto, Robert deu a volta por trás da mansão, e se esgueirou silenciosamente até a porta do galpão. As janelas daquela construção ficavam altas demais para que qualquer pessoa pudesse espiar através delas, mas deixavam escapar uma luz baixa e fraca que certamente vinha das velas acesas. Deduzindo que o pai ainda podia estar lá dentro, Robert caminhou até a porta, e muito calmamente, abriu uma fresta para espiar lá dentro, cuidando não fazer nenhum ruído.

Como havia percebido antes mesmo de se aproximar, as velas simetricamente espalhadas pelo galpão estavam acesas. Havia um círculo de cal desenhado bem no meio do salão, e dentro dele, desenhados com terra, os vinte e quatro símbolos rúnicos: uma das últimas conexões com seus ancestrais. Acompanhando o contorno do círculo, também pelo lado de dentro, jaziam doze carcaças sanguinolentas de doze corvos mortos. O corvo, em sua comunidade mística era reconhecido como o espectro da morte, um arauto que vinha à sua frente para escolher a alma a ser levada por ela. Quando um corvo era usado em um ritual, a intenção não podia ser outra, senão invocar a morte.

Robert estava horrorizado. George Griplen ainda estava no centro do círculo, vestido com o manto negro. Tinha numa das mãos uma agulha longa, embebida em sangue – o sangue dos doze corvos mortos –, e na outra, uma boneca de vodu, vestida com o lenço de cetim branco de Lucy; um lenço que ele não podia ter surrupiado de outro lugar, senão do quarto de Robert.

George, sem perceber a presença do filho na porta, começou a murmurar palavras de maldição numa língua que Robert fora obrigado a aprender desde menino – a língua de seus

ancestrais da Velha Ordem; uma língua que para o resto do mundo está morta há séculos, mas que sua família e os poucos remanescentes de sua comunidade mantinham viva somente para a prática de seus rituais.

Robert ouviu muito superficialmente as palavras que seu pai murmurava, mas o bastante para compreender o que ele fazia. Infelizmente, não conseguiu invadir o galpão a tempo de impedir que ele atravessasse o ventre da boneca com a agulha amaldiçoada.

George ainda murmurava a maldição quando Robert empurrou a porta, correu para dentro do salão e lhe arrancou das mãos a boneca mutilada, para retirar a agulha de seu ventre. O sangue pingava no chão, na beira do círculo, e Robert começou a murmurar um contrafeitiço, para tentar anular a maldição de seu pai; no entanto, antes que terminasse, as velas ao redor do altar profano foram apagadas por um sopro espectral.

– Está feito! – declarou George Griplen, com um sorriso sádico e satisfeito, enquanto despiu o capuz do manto negro. – Aquela infeliz nunca conceberá um filho seu, ou de qualquer outro. Ventre seco! Esta será a punição por sua teimosia, Robert.

O coração de Robert encheu-se de ódio naquele instante, a ponto de o veneno lhe escapar pelos poros como suor. Seus olhos se cobriram de sangue, conforme permitia que o ódio crescesse em seu interior, e corresse como fogo por suas veias.

– E a sua punição será arder no inferno! – amaldiçoou Robert, antes de virar as costas e sair pisando duro do templo pagão.

Por todo o caminho enquanto contornava a casa, dirigindo-se de volta ao pequeno cais na margem da ilha, Robert murmurava na língua de seus ancestrais. O fogo em suas veias agora superaquecia o ar ao seu redor, e deixava uma trilha de areia queimada demarcando seus passos. Agnes Griplen correu para a soleira ao sentir o ar pesado e sufocante que agora envolvia a mansão, e viu, horrorizada, a intensidade do sangue que inflamava os olhos de seu filho, enquanto ele invocava, enfurecidamente, uma maldição para vingar-se do pai.

– Robert, pare! – gritou Agnes, tentando detê-lo; mas foi inútil.

A voz de Robert se elevava gradualmente, acompanhada pelos uivos sombrios do vento que começava a agitar as árvores ao redor da ilha. Uma nuvem negra começou a se formar rapidamente no céu, encobrindo a lua, que naquele momento estava completamente velada de sangue. Os trovões logo se uniram ao vento e à voz escura de Robert, orquestrando uma melodia infernal.

Agnes Griplen continuava gritando, da soleira, tentando conseguir a atenção do filho. O ar pesado e a força do vento não permitiam que ela se deslocasse para muito além da porta, e Robert obviamente não a ouvia. O cachorro também latia desenfreadamente ao lado dela na soleira, como se suplicasse, assim como sua dona, que Robert parasse o que estava fazendo.

Ele, porém, prosseguiu invocando o caos, canalizando toda a sua fúria, indignação, asco e desonra contra seu genitor, enquanto andava com passos firmes, decididos e mortais por todo o caminho.

Subitamente, ele parou, muitos metros à frente das portas da mansão, e num impulso de ódio final, cravou na areia a agulha embebida no sangue mortal dos doze corvos que o pai utilizara para esterilizar sua futura esposa, sem se dar conta de que aquele era precisamente o coração da ilha.

Então ele retornou ao barco. Guardou o lenço de Lucy em seu bolso e jogou a boneca de vodu de qualquer jeito sobre a coberta, fazendo-a desaparecer de sua vista. Em seguida, remou vigorosamente para o continente, deixando para trás a tempestade rugindo em torno da casa de sua família, sem ao menos pensar nas consequências de seu ato.

Com sangue ainda nos olhos, e uma fúria mortal no coração, Robert atravessou as ruas de Salem sem olhar para qualquer pessoa no caminho, até chegar à fazenda dos Croft. Tendo a escuridão como esconderijo, ele subiu pelas trepadeiras, até a janela de Lucy. Ela já estava deitada, aninhada num cobertor de zibelina prateada. Ver a amada ali, tão serena, fez a fúria no coração de Robert ser imediatamente acalentada.

A exemplo dos amantes venezianos, que visavam proteger sua identidade em noites promíscuas, ele tinha coberto o rosto com uma máscara antes de escalar a janela de sua noiva. Não era a primeira vez que Robert aparecia para ela usando aquele acessório. Também não era a primeira vez que entrava por sua janela no meio da noite. Provavelmente era um risco desnecessário, sobretudo à véspera de seu casamento, que se descoberto poderia comprometer seriamente a honra de sua amada, mas naquela noite principalmente, Robert não conseguia pensar em mais nada. Apenas precisava estar com Lucy; sem se importar com as consequências.

Lucy ergueu a cabeça, e suspirou sonolenta, ao ouvir o ruído do noivo entrando por sua janela.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ela, num sussurro carinhoso, quando ele se aproximava da cama.

Robert apenas sibilou para que ela se calasse, e sussurrou em seu ouvido:

– Eu te amo!

O sopro de seu hálito quente fez a pele de Lucy se arrepiar. Ele despiu a máscara, e então ela permitiu que ele a tomasse em seus braços, acomodando-se com ela embaixo das cobertas.

– Se alguém perceber que você está aqui, estou perdida – sibilou Lucy.

Mas Robert não parecia escutá-la. Estendendo seu corpo sobre o dela, sibilou novamente para que se calasse, e encontrou os lábios dela com os seus.

– Você é minha para sempre – sussurrou ele em seu ouvido, após um minuto, com a voz suave e aveludada. – Não importa o que aconteça...

E tornou a beijá-la, mantendo-a ternamente em seus braços. Agora a fúria que o impulsionara a invocar o caos sobre a ilha de sua família se convertera em um desejo irresistível e indomável, tão poderoso e avassalador quanto o sentimento anterior. Lucy o recebeu sem hesitar, o desejo dela ardendo quase tão intensamente quanto o dele. Talvez porque naquele momento ele a colocava sob seu feitiço, manipulando-a para que não resistisse às suas carícias; ou talvez o encanto viesse

justamente do amor dela, esse amor que ela lhe entregava voluntariamente, e que transformava todo ódio que havia nele em ternura e paixão.

Naturalmente, ela não sabia quanta fúria ele havia invocado naquela noite, antes de entrar sorrateiramente em seu quarto, e amá-la tão apaixonadamente. Mas estar nos braços dele fazia com que Lucy ansiasse mais desesperadamente pelo dia seguinte, quando esse amor deixaria de ser uma transgressão moral, que precisava ser desfrutado furtivamente na calada da noite, e seria finalmente sacramentado e abençoado para sempre; o momento sublime em que ele a tomaria em seus braços como sua esposa.

Robert a manteve aninhada em seu peito por um longo tempo, cantarolando suavemente em seu ouvido, até que ela voltou a adormecer. Então ele se arrastou para fora da cama, sem perturbá-la. Um estranho pressentimento lhe assombrava, misturado à lembrança inconveniente do ritual que o pai realizara naquela noite. Como por instinto, Robert puxou um canivete do bolso, e riscou um símbolo rúnico na porta do quarto de Lucy, enquanto murmurava muito baixinho um encantamento para mantê-la protegida.

E então, como um amante satisfeito, tornou a cobrir o rosto com a máscara veneziana, e desceu pela janela do quarto.

Como a lua permanecia encoberta pelas nuvens, ele não era mais do que um fantasma vagando pela noite escura de Salem, ao afastar-se da casa de sua noiva e retornar ao cais.

A tempestade rugia ainda mais furiosamente ao redor da ilha quando ele entrou pelas portas da mansão Griplen, pouco antes da meia-noite. Teve o impulso de gravar o mesmo símbolo na porta da frente, e também na de seu quarto, e do quarto de Emily. Talvez ele estivesse ficando paranoico, tentando proteger a si mesmo e às pessoas que amava do homem que lhe deu a vida, mas ele sabia que a obstinação de George Griplen era mortal. E como um inconsequente, Robert usara a mesma morte que o pai invocara contra ele e sua noiva para feri-lo, onde quer que lhe doesse, sem ao menos se perguntar aonde isso os levaria.

A maldição que ele invocara, usando os restos do ritual de seu pai no sangue dos corvos mortos, se consumiria naquela mesma noite, para libertá-lo, ou para arruiná-lo.

A runa gravada nas portas impediria que a morte entrasse. Mas seu destino estava muito além disso...

À meia-noite a tempestade começou a cair; à meia noite a ilha Griplen começou a morrer.

CAPÍTULO 8 – PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

23 de março de 1846

A Sra. Garber dormia profundamente quando Susan e Anne retornaram de sua excursão à mansão submersa, e pela manhã, ela sequer suspeitaria que as duas irmãs haviam saído de casa. Apesar de todo cuidado e dedicação que a governanta demonstrava com as duas, especialmente nas últimas semanas, desde que Anne começara a apresentar os sintomas da peste, ao contrário de Susan, ela não havia perdido o sono uma noite sequer. E na verdade, Susan não a recriminava por isso. Na primeira noite em que Susan havia encontrado a cama da irmã vazia, ela tentara acordar a Sra. Garber, para que ajudasse a procurá-la, no entanto, por mais que a chamasse e sacudisse, Susan não fora capaz de despertá-la. Se não tivesse sentido sua respiração, ela poderia ter pensado que a governanta estava morta.

Todavia Susan não tinha sossego. Parecia sentir cada vez que a irmã despertava no meio da noite, e saía no sereno para caminhar pela praia. Quando eram pequenas, sua mãe costumava dizer que havia um cordão umbilical invisível unindo Susan e Anne desde o ventre, e que nada no mundo seria capaz de parti-lo. No entanto, agora Susan não conseguia ter tanta convicção nisto, pois desde que Anne adoecera – se é que estava, de fato, doente –, ela sentia que esse cordão se equilibrava fragilmente sobre uma navalha, e o coração de Susan se apertava e doía simplesmente por pensar que a qualquer momento ele poderia se partir.

Como na noite anterior, as duas irmãs trocaram de roupa e se enfiaram na cama de Anne, exaustas. Susan se certificou de ter trancado a porta e a janela do quarto da irmã, antes de se deitar ao seu lado na cama, e por algum tempo lutou contra o cansaço para vigiar seu sono.

Anne adormecera quase imediatamente após se deitar. Os delírios, e certamente, o mergulho no mar, exauriram completamente suas forças. Seu sono desta vez parecia muito

tranquilo, ao contrário da sesta que tirara durante a tarde. E logo, a própria Susan não resistiu e adormeceu também ao seu lado.

Como na noite anterior, não se passou muito tempo até que a brisa invadiu o quarto, carregada do sobrenatural odor de jasmim. Em seu sonho, Susan teve a súbita lembrança das jardineiras que tinha visto nas janelas da mansão submersa, carregadas com belos e vistosos jasmims. Mas ao mesmo tempo ela estava consciente de estarem muito longe da mansão submersa naquele momento.

Então ela sentiu as cobertas se moverem, e no minuto seguinte, estava novamente aconchegada ao peito do mascarado. Embora não conseguisse abrir os olhos, a presença dele era tão forte que ela quase podia vê-lo. A voz suave e aveludada sussurrava em seu ouvido que ela seria sua para sempre, e mais uma vez ela não foi capaz de contestá-lo.

Com um sussurro melodioso ele embalou o sono de Susan, fazendo-a mergulhar num absoluto e poderoso torpor. Talvez só tenha durado um minuto; ou talvez ela tenha realmente dormido por horas, até ser novamente despertada pelo mascarado, mas desta vez, além de sua presença, eram seus beijos que a tiravam dos braços de Morfeu².

Susan não conseguiu abrir os olhos, mas sentia os braços do mascarado ao seu redor, e seus beijos eram tão inebriantes quanto os do pesadelo na noite anterior. Ao seu lado, Anne ressonava baixinho, e Susan mal estava consciente da presença dela, na verdade. Estava a uma só vez assustada e apaixonada. Se a presença deste homem era real, então ela estava completamente perdida agora, pois era inadmissível para qualquer moça solteira se permitir ser tocada tão intimamente por um homem.

Despertou subitamente algum tempo depois. Anne ainda dormia ao seu lado; a luz da manhã brilhava através da janela aberta; e real ou não, o mascarado havia desaparecido.

Susan se levantou com cuidado para não acordar a irmã, vestiu-se e saiu do quarto. A Sra. Garber estava preparando a

² Deus do sono na Mitologia Grega.

mesa para o café da manhã, e como Susan previra, nem sequer suspeitava que elas haviam saído de casa durante a noite.

– Anne ainda está dormindo? – perguntou a governanta, depois de cumprimentá-la.

– Sim – respondeu Susan. – Acho melhor deixá-la descansar mais um pouco.

– É claro, querida.

Susan se aproximou da janela da sala de estar, e espiou a praia. O mar estava calmo, e o sol da manhã refletia um brilho dourado sobre o lençol de água no horizonte. Ela imaginou, por um instante, como seria o interior da mansão submersa iluminado pelo sol. Obviamente não se atreveria a mergulhar outra vez para descobrir, mas a ideia de conferir os rostos daquela família tão bonita nos retratos à luz do dia era verdadeiramente tentadora.

Repreendeu-se imediatamente por estes pensamentos. Sabia que devia esquecer suas excursões nas profundezas do mar de Salem, pelo seu bem, e principalmente pelo bem de Anne, cuja sanidade já começara a ser questionada, mas alguma coisa na mansão a fascinava, e fazia seu pensamento ir e voltar do quarto suntuoso que parecia ainda ser ocupado por alguém, ao estranho símbolo gravado nas portas.

Uma nau mercante estava ancorada no cais havia duas noites, e não muito distante dali, quase desaparecendo de vista, Susan via o telhado da casa alfandegária, brilhando sob o sol. Seu coração se apertou por lembrar o que dissera Roger Bellingham ao acompanhá-la até sua casa na tarde anterior. E embora fosse uma preocupação menor – ou ao menos deveria ser –, lhe doía pensar que talvez não fosse vê-lo novamente.

Susan deu um suspiro, e percebeu a presença da Sra. Garber perto dela. A expressão da governanta era aflita, e ela parecia exausta. Susan não havia se dado conta antes, mas ela podia ter envelhecido dez anos nas últimas semanas, tamanho seu abatimento. A conversa que escutara entre ela e o Reverendo ainda martelava em sua mente, acompanhada de todos os seus temores.

– A senhora e o Reverendo ainda estão decididos sobre... *aquele assunto?* – Susan não se sentiu capaz de pronunciar as

palavras *trancar Anne*. Por um lado, porque tinha medo de que Anne descesse sorrateiramente e escutasse; e por outro, porque ainda tinha esperança de que não fosse necessário chegar a esse extremo.

Mas a governanta aquiesceu, desanimada.

– O Dr. Prynne virá mais tarde para vê-la, e então ele fará a avaliação final.

Susan se virou novamente para a janela, para que a governanta não visse as lágrimas que escorriam em seu rosto.

– Talvez seja o melhor para ela – sentenciou a Sra. Garber, com a voz embargada.

Com estas palavras ecoando na mente, Susan ficou quieta e apreensiva quase até ao fim da manhã, quando, para distrair a si mesma e à irmã, decidiu repassar com ela as lições de francês – cujas aulas haviam abandonado desde o início de março, quando Anne começou a apresentar os sintomas da peste. Isso as manteve ocupadas por algum tempo, mas então se tornou inevitável conversarem sobre outros assuntos. E na verdade, só havia um assunto sobre o qual ela gostaria – e talvez precisasse – falar com Anne. Um assunto que já começava a perturbá-la também.

– Como acha que aquela mansão foi parar lá embaixo? – perguntou de repente, após longo silêncio, como se já estivessem conversando a respeito.

Anne olhou para o mar, seguindo o olhar da irmã através da janela, e deu de ombros.

– Não foi construída lá embaixo... – insistiu Susan, percebendo que a irmã não responderia.

– Aconteceram tantas coisas estranhas nesta cidade... – comentou Anne, como se isso explicasse tudo.

Susan mordeu o lábio. Durante o silêncio naquela manhã, remoendo todos os acontecimentos do dia anterior – desde a visita ao cemitério, até o segundo mergulho do penhasco –, ela havia se lembrado de algo que poderia ajudá-las a desvendar este mistério.

– Lembra quando aquela moça, Lizbet Sofer desapareceu? – indagou Susan à irmã.

Anne a encarou, confusa.

– A filha da louca?

Susan assentiu.

– Faz muitos anos...

– A mãe dela disse que a alma de Lizbet não encontraria descanso na velha casa do mar – lembrou Susan.

Anne sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Levou quase um minuto, mas as palavras da irmã fizeram sentido.

– Lizbet se matou! – disse Anne, reproduzindo as palavras ditas por seu pai na época do funeral da garota de dezessete anos, no qual seu corpo não estava presente, pois, segundo também dissera seu pai, jamais fora encontrado.

Isto havia sido dito por seu pai às escondidas, numa conversa sussurrada com a mãe delas, quando retornaram do funeral de Lizbet. Todavia o pai da morta, que também cometeu suicídio poucos meses depois, desgostoso com sua tragédia familiar – a morte da filha e os surtos delirantes da esposa –, afirmara que Lizbet fora outra vítima da peste. Mas a esta altura, a explicação significava pouco ou nada para Susan; sobretudo depois do que ela viu nas últimas duas noites.

– Não importa como ela morreu – disse Susan, evitando o assunto. – Não é esse o ponto. Existe uma história sobre aquela mansão. Você viu os retratos nas paredes; alguma família morou lá por gerações...

– Os Griplen – murmurou Anne.

– Como disse? – conferiu Susan.

– Os Griplen... – Anne caminhou até a estante no fundo da biblioteca, e retirou um livro de História.

Susan observava, em silêncio, enquanto a irmã o folheava rapidamente, até encontrar uma página que em algum momento já esteve marcada, pois possuía um vinco amassado no papel amarelado.

– Eles vieram da Inglaterra, junto com os primeiros colonos – explicou Anne, apontando o nome deles no livro, relacionado ao lado de outras famílias notórias da época –, e construíram aqui uma das primeiras fazendas de tabaco. Mas eles não moraram aqui por gerações, na verdade. Os retratos devem ter sido

trazidos da Inglaterra, porque, aqui não conta exatamente o que aconteceu, mas parece que a casa onde eles moravam foi destruída durante uma tempestade ou algo assim, ainda nas primeiras décadas de Salem. Há uma vaga referência sobre ter sido engolida pelo mar. Pode ser a casa que vimos lá embaixo.

– Como foi que se lembrou disso? – indagou Susan, espantada. Anne nunca se destacou por ser muito estudiosa.

– Já tinha visto essa história no livro – disse Anne, dando de ombros, tentando parecer casual, mas não foi muito convincente.

Susan pensou por um instante. O nome Griplen não lhe dizia nada, mas a simples menção lhe causara um arrepio gelado.

– Quantas pessoas acha que realmente conhecem esta história? – perguntou Anne.

– Não importa, pois não podemos simplesmente começar a fazer perguntas por aí – disse Susan, dando um suspiro desanimado. – Se o destino dessa família não consta nos nossos livros de História, e as pessoas não comentam um fato possivelmente impactante da história desta cidade, deve existir um motivo. Se nos mostrarmos interessadas...

– Não há como alguém saber que estivemos lá! – interrompeu Anne.

– Vão pensar que estamos loucas! – ressaltou Susan. – Como a Sra. Sofer.

Anne se calou por um instante. Susan deu um suspiro frustrado, e voltou a se postar diante da janela.

– Mas deve haver algum outro modo de descobirmos como aquela mansão foi parar lá embaixo – murmurou. – Quem sabe se consultarmos outros livros de História...

– Talvez o Reverendo Bishop saiba de alguma coisa – sugeriu Anne. – Ele parece saber de tudo o que já aconteceu nesta cidade...

Susan fitou o mar na direção do cais. Anne poderia ter razão. Bishop estava escondendo coisas delas havia muito tempo. Era chegado o momento de romper o cristal de proteção que ele e a governanta construíram ao redor das duas, e lhes fornecer algumas respostas.

– Acho que nós deveríamos ir até a igreja agradecer o milagre de você estar curada – sugeriu Susan.

Anne olhou para ela, confusa.

– Eu nunca estive doente! – corrigiu. – *Nós duas* fomos atingidas por alguma magia existente naquelas águas...

– Eu sei... – disse Susan. – Mas as outras pessoas não sabem.

CAPÍTULO 9 – A TRAGÉDIA DA MANSÃO GRIPLEN

O Reverendo Arthur Bishop residia numa pequena casa a poucos metros da igreja, e naquela mesma tarde elas bateram em sua porta. Ao ver as duas sozinhas, e não achando prudente recebê-las em sua própria casa, mesmo sendo seu tutor, ele as conduziu até a igreja.

Ao entrarem no templo, as duas sentiram um arrepio desconfortável varrer seus corpos. Parecia um sacrilégio entrarem naquele lugar santo depois de terem estado sob o efeito de magia. Sobretudo, sendo a razão de estarem ali justamente o desejo de desvendar o mistério sobre a magia das noites anteriores.

O Reverendo Bishop as conduziu por uma porta atrás do altar a uma pequena secretaria, e se sentou atrás de uma mesa de cedro, apontando as cadeiras à sua frente para as duas irmãs. Susan foi a primeira a se aproximar, receosa. Julgou que seria menos constrangedor ser ela a dirigir as perguntas ao pastor, uma vez que ele não sabia que ela também estivera acometida pelas mesmas perturbações que Anne vinha apresentando desde o início de março.

– Em primeiro lugar – começou Susan –, gostaria de lhe pedir encarecidamente que esta conversa seja mantida em absoluto sigilo.

O Reverendo analisou a expressão no rosto da garota, com alguma confusão no olhar. Talvez estivesse se perguntando se ela havia revelado à irmã seus planos de trancá-la no sanatório até que os sintomas da peste desaparecessem. Era evidente na expressão de Bishop que ele já se sentia culpado por uma traição que ainda sequer havia cometido. Mas como Susan se mostrou muito decidida no que estava pedindo, ele aquiesceu brevemente.

Ela fez uma pausa para organizar as palavras no pensamento, e então prosseguiu:

– Eu queria lhe perguntar o que o senhor sabe a respeito da mansão que jaz nas profundezas do mar que banha esta cidade?

O Reverendo suspirou e estendeu o silêncio por um instante.

– Por que está me perguntando isso, minha filha? – quis saber o religioso.

– Minha irmã e eu estivemos na mansão noite passada, e também na anterior – revelou Susan, hesitante, e com a voz trêmula.

Arthur Bishop franziu o cenho e cobriu o rosto com uma das mãos, preocupado. Susan se sentiu constrangida por continuar a encará-lo, temendo permitir que seu olhar pousasse por muito tempo sobre a horrível queimadura que havia na mão do Reverendo. Era uma marca estranha, que fazia lembrar um S ou um N, como se em algum momento no passado, alguém tivesse tentado marcá-lo com um ferro em brasa. Ela sabia que ele se envergonhava daquela marca, e normalmente tentava mantê-la longe da vista das pessoas, mas a gravidade do assunto pareceu despi-lo momentaneamente dessas reservas.

– Como ela foi parar lá embaixo? – insistiu Susan, a respeito da mansão.

O Reverendo hesitou um instante.

– Como chegaram à mansão? – perguntou, em lugar de responder.

Susan suspirou e buscou organizar suas lembranças de modo que não parecesse uma grande loucura.

– Anne e eu caímos do penhasco e afundamos. – Era praticamente verdade. Na primeira noite, Anne se jogou e Susan caiu tentando salvá-la. – A lua brilhou acima do telhado da mansão e nós nadamos até lá. Parece conservada demais para uma casa submersa.

O Reverendo ficou em silêncio ainda um tempo, digerindo as palavras dela. Espreitou o rosto de Anne ao lado da irmã. A garota ficou o tempo todo calada e com os olhos baixos, fitando as mãos quietas, apoiadas no colo.

– Nós encontramos alguma referência histórica sobre a mansão ter pertencido à família Griplen – arriscou Susan, quando o silêncio de Bishop pareceu extenso demais. – Nunca tinha ouvido falar deles.

Bishop pousou a mão sobre a Bíblia que estava à sua frente na mesa, com uma expressão desconcertada, como se o nome daquela família fosse profano.

– É verdade? – quis saber Susan.

– Sim – disse o religioso, com a voz pesada. Era nítido que estava pouco inclinado a falar sobre isso, o que somente aguçou a curiosidade das irmãs.

– E como a mansão foi parar lá embaixo? – insistiu Susan, sem esmorecer.

O Reverendo deu um suspiro ainda mais pesado, como se tentasse decidir o que poderia ou não contar. E por fim, começou:

– Foi na primavera de 1646, exatos duzentos anos atrás. Os Griplen se preparavam para uma festa. O filho mais velho de Agnes e George Griplen, Robert se casaria no primeiro sábado da primavera com uma moça de boa família chamada Lucy.

“No entanto – prosseguiu o Reverendo –, na madrugada que antecedeu o grande dia, caiu uma tempestade como nunca se havia visto nesta cidade. A mansão Griplen havia sido construída numa ilhota, a poucos quilômetros da costa. Para entrar ou sair da propriedade era necessário atravessar de barco um pequeno canal marítimo.

“Quando a tempestade veio, a ilha começou a se desfazer. Alguém, não sei exatamente quando, começou a contar a história de que o cão dos Griplen tentara, na última hora, salvar Emily, a filha mais nova do casal, mas o mar engoliu a mansão e a ilha antes que ele pudesse colocar a menina em segurança no barco.

“Verdade é, de acordo com relatos de testemunhas na época, que o cão foi encontrado dentro de um dos barcos da família, navegando a esmo, com uma fita de cetim vermelho na boca, com a qual a menina costumava amarrar os cabelos. E foi o único sobrevivente da tragédia.”

Bishop se calou assim que terminou de contar a história. Susan ficou alguns instantes em silêncio, pensando sobre a tragédia daquela família. Tinha visto os retratos nas paredes da mansão. Os Griplen pareciam uma família rica e feliz. Quem poderia imaginar que teriam aquele fim?

Mas havia ainda um mistério a ser resolvido.

– Reverendo... – Susan hesitou um instante, buscando coragem para fazer a próxima pergunta. – O senhor já ouviu falar em sereias vivendo nestas águas?

O rosto de Bishop de repente mudou da preocupação para o horror. Anne lançou um olhar de reprovação à irmã, que também foi percebido pelo Reverendo. Ele encarou Susan e não encontrou a voz, de modo que sua pergunta não foi mais do que um sussurro:

– Você as viu?

Susan assentiu brevemente.

O Reverendo se moveu inquieto na cadeira.

– É melhor vocês voltarem para casa – disse ele. – Já está ficando tarde.

E fez menção de se levantar para sair, quando Susan o deteve, segurando com força sua mão sobre a mesa.

– Por favor, Reverendo, eu preciso saber... – insistiu Susan, com voz urgente.

O religioso fechou os olhos, apertando-os com força. Realmente não era um assunto sobre o qual ele gostaria de falar.

– Minhas filhas – começou Bishop –, talvez seja melhor vocês esquecerem isso e voltarem para casa...

– Como podemos esquecer que estivemos nas profundezas do mar por quase meia hora, respirando como se não existisse água à nossa volta? – A voz de Susan saiu apressada e aflita.

Anne se levantou e passou correndo pela porta, de volta ao átrio da igreja, como se fugisse das acusações que provavelmente sucederiam o relato de Susan.

– Havia pelo menos uma centena de sereias lá embaixo tentando nos dizer alguma coisa – prosseguiu esta –, e depois...

Susan parou, percebendo imediatamente o que estava prestes a dizer: *aquela garotinha clamando que fôssemos embora*. Uma estranha e terrível revelação se apoderou de seus pensamentos: *Emily Griplen*. A garotinha que as afugentara da mansão na noite anterior só podia ser Emily Griplen!

O Reverendo esperou, mas como ela não dissesse mais nada, ele saiu da secretaria, como se também estivesse fugindo.

Susan ficou ainda alguns instantes com o rosto prostrado sobre a mesa, milhares de pensamentos atormentando sua mente.

Quando finalmente foi ao encontro da irmã, sentia-se tonta e pesada, como se estivesse prestes a desmaiar.

Anne estava com uma expressão confusa ao lado do altar, com os olhos pregados numa lista afixada à parede, escrita em diferentes caligrafias. No alto do longo papel havia a inscrição:

"Pela redenção das almas que sucumbiram ao espírito profano das águas".

Havia muito mais de cem nomes, todos de mulheres. Ao lado de seus nomes, a idade e a data do falecimento. Susan levou um susto ao constatar o padrão na lista: todas elas morreram aos dezessete anos; todas no dia 24 de março; uma morta a cada ano, sempre na mesma data, desde 1647, um ano depois da tragédia da mansão Griplen.

Susan sentiu um calafrio ao ver a data das mortes. Vinte e quatro de março foi o dia em que ela e Anne nasceram. Era muito grotesco saber que quase duzentas moças da idade delas morreram naquela data. Aquele dia era segunda-feira 23 de março. No dia seguinte ela e Anne completariam dezessete anos, a idade exata de todas as vítimas.

Anne apontou um nome na lista, datado do ano 1836: Elizabeth Catherine Sofer.

– Lizbet – disse Anne, e o mesmo calafrio atravessou as duas ao mesmo tempo.

Elas recordaram, involuntariamente, o grotesco e estranho provérbio que Lizbet escrevera em seu diário pouco antes de desaparecer, e que sua mãe, Norma Sofer, a louca, gritava pela cidade todos os anos, durante o mês de março:

"Protejam suas filhas! Pois a cada primavera, no aniversário de sua morte, ele precisa se casar".

E então, o pesadelo martelou outra vez na mente de Susan, ao confrontar a profecia de Lizbet com os nomes na lista: o quarto na mansão submersa estava preparado para as núpcias; ele estava à espera de uma noiva!

Susan leu novamente a inscrição acima dos nomes. O que quer que aquilo significasse, foi o que horrorizara o Reverendo Bishop, e era também o que as sereias estavam protegendo.

O rosto da pequena Emily Griplen continuava à frente em suas lembranças, e as palavras dela agora ecoavam diante das palavras na lista. "*Ele não está aqui*", dissera Emily, quando Ihes apareceu na mansão. *Ele...* O espírito profano das águas!

CAPÍTULO 10 – O DIÁRIO DE ROBERT GRIPLEN

Ao passarem pelas grandes portas da entrada da igreja, as irmãs Dawson ouviram uma voz rouca e velha grasnar de longe:

– Ela foi tocada! Ela foi tocada!

Susan olhou na direção da voz, e viu Norma Sofer, a louca, caída sobre os quadris na calçada do outro lado da praça, com a mão estendida, apontando para Anne.

Que destino horrível tivera a Sra. Sofer, Susan pensou várias vezes ao longo dos anos. Não tinha muitas lembranças de quando a filha dela era viva, mas lembrava vagamente de que a beleza de Norma era invejável, como a de Lizbet também fora. No entanto, agora, sua aparência era absolutamente repugnante: usava sempre as mesmas vestes esgarçadas e sebosas, o cabelo grisalho e desgrenhado caía ao redor de seus ombros como fios de palha, o rosto estava sempre coberto de fuligem, e os dentes que lhe restavam estavam completamente podres. Era difícil não sentir pena ao olhar para aquela mulher, outrora tão rica, vivendo pelas ruas como uma mendiga.

Não era incomum o aspecto daquela mulher causar medo. Susan imaginou algumas vezes que aquela bem poderia ser a aparência exata das bruxas que a cidade inteira caçou cento e cinquenta anos atrás.

Mas além da aparência, a louca também era uma mulher hostil: sempre apontando o dedo para alguém, fazendo acusações ou predições agourentas. E ela ficava particularmente insuportável no mês de março, quando repetia exaustivamente as palavras que Lizbet deixara de herança. Todavia agora, depois de tudo o que havia presenciado e descoberto nos últimos dias, Susan começava a suspeitar que, talvez, bem lá no fundo, a loucura da Sra. Sofer tivesse alguma sensatez.

Mesmo assim, Susan escudou a irmã com o próprio corpo, e encarou a mulher, enquanto tentava tirar Anne dali, para evitar que a louca a deixasse mais perturbada do que já estava.

– Ela foi tocada pelo demônio! – grasnou a mulher, ainda mais alto, chamando a atenção das pessoas que passavam pela praça. – Ela é a próxima!

Susan apertou a mão da irmã, que tinha ficado paralisada de medo, e a forçou a correr, escapando da vista das pessoas por uma viela que dava diretamente no cais.

– Aquela mulher estava falando de mim... – murmurou Anne, assustada.

– Não dê ouvidos... – tranquilizou Susan. – Ela não sabe o que diz; está louca!

– Não! – gritou Anne. – Ela disse que eu sou a próxima...

– Pare! – repreendeu Susan, interrompendo-a. – A Sra. Sofer está perturbada, e está tentando nos perturbar também.

– A filha dela morreu... – murmurou Anne, com o olhar perdido e a expressão apavorada. – A filha dela morreu nessas águas, como todas aquelas moças listadas na igreja. – E tornou a encarar a irmã, muito séria, e completamente horrorizada. – Você não entende? Há uma maldição nesta cidade! Todos os anos uma moça é levada a se jogar do penhasco e desaparecer para sempre. *A peste...* Se lembra? E o Dr. Prynne disse que eu tenho os sintomas...

Susan abriu a boca para protestar, mas Anne não lhe deixou falar:

– Eu ouvi quando ele disse à Sra. Garber. É por isso que o Reverendo está tão perturbado, e porque ele não queria nos contar a história da mansão. Porque ele sabe que a escolhida desta vez sou eu! Porque quando o sol nascer amanhã, a minha cama estará vazia, e vocês terão que fazer um funeral, como o de todas aquelas garotas, e dizer às pessoas que precisaram queimar o meu corpo para que a peste não se espalhasse...

– Por Deus, não diga isso! – ralhou Susan.

– Você sabe que é assim, Susan! – bradou Anne, com uma lágrima de pavor lhe escapando dos olhos. E baixou novamente a voz para um sussurro. – Foi assim com todas as outras, embora ninguém nunca tenha se atrevido a dizer; embora eles tentem disfarçar a verdade. Foi assim com Lizbet também. Ela percebeu, pouco antes de morrer, o que estava prestes a acontecer, e

deixou o aviso, para que ninguém mais fosse vítima da peste. Mas ninguém deu ouvidos... Claro... Porque ela morreu... Porque a mãe dela ficou louca... E porque, no fundo, todos sabem que é inútil lutar contra o inevitável.

Susan ergueu uma das mãos, e acariciou o rosto da irmã, aproximando-se para abraçá-la e conduzi-la calmamente para casa, mas Anne pôs um braço entre elas.

– Pare! Eu não estou doente! – protestou, e sua voz era quase um sussurro. – Nem estou louca!

– Eu nunca pensei que estivesse... – garantiu Susan.

– Você não o viu... – disse Anne, com o olhar novamente distante. – Eu o vi! É impossível resisti-lo...

Susan franziu o cenho, encarando a irmã com desconfiança.

– Quando ele me chamar essa noite para acompanhá-lo até o penhasco – prosseguiu Anne –, eu provavelmente não poderei resistir.

– Do que você está falando...? – Susan começou a perguntar, mas foi interrompida por um grito da irmã, que agora encarava furiosamente alguma coisa atrás dela.

– Ei, você! Por que está nos espionando?

Susan se virou bruscamente, e também encarou a figura parada à porta da casa alfundegária, que as observava, parcialmente escondida nas sombras.

– Mostre seu rosto, covarde! – bradou Anne, enquanto Susan tentava detê-la e afastá-la dali.

Mas então o homem caminhou para fora, e o coração de Susan estremeceu, a um só tempo de felicidade e melancolia.

– Perdão... – disse Roger Bellingham, com a voz suave e destemida, caminhando na direção delas. – Apenas fiquei surpreso por ouvir os gritos de vocês e saí para ver o que estava acontecendo.

Um sorriso tímido apareceu involuntariamente nos lábios de Susan. Tinha imaginado mais cedo se teria a chance de vê-lo ainda mais uma vez antes que ele partisse – talvez para sempre, como lhe dissera –, mesmo sabendo que não deveria alimentar qualquer esperança em relação a ele.

– Ouvi que falavam sobre uma mulher louca...? – quis saber Bellingham, correndo os olhos azuis de uma para a outra.

A expressão de Anne se suavizou repentinamente, enquanto desviava o olhar daquele homem.

– O senhor me desculpe – disse Anne, embaraçada, olhando-o timidamente com a cabeça baixa. – Eu só estou um pouco nervosa.

Ele simplesmente sorriu.

– É bom ver que está bem hoje, senhorita Dawson – disse Bellingham, como que mudando de assunto, desviando o olhar para Susan, e prendendo-o nela com um magnetismo sedutor.

Ela se lembrava de ter contado a ele que sua irmã estava doente, mas não imaginou que ele fosse se lembrar. Havia qualquer coisa no olhar dele agora que fazia seu coração gelar. Talvez fosse porque ele a estava encarando havia alguns segundos, sem que nenhum dos dois dissesse mais nada. Ou talvez ela estivesse se iludindo. Mas havia alguma coisa estranha naquele olhar; ela podia sentir, mas não conseguia compreender o que era.

– É bom ver que ainda está aqui, Sr. Bellingham – disse Susan, torcendo para que ele não interpretasse de maneira inadequada suas palavras.

– Eu só vou partir esta noite – esclareceu ele. – Mas tenho ainda alguns assuntos para resolver primeiro.

O olhar dele se desviou então para Anne, queimando fundo dentro dos dela, quase com admiração apaixonada.

– Eu poderia lhe perguntar para onde o senhor vai? – A voz de Susan saiu trêmula. Tinha medo de que ele percebesse o interesse furtivo em suas palavras.

– O mar me chama – ele disse, simplesmente, sorrindo para as duas com adorável simpatia.

Um arrepio percorreu o corpo de Susan ao imaginar que Anne também poderia receber um chamado do mar naquela noite. Provavelmente, um chamado muito diferente daquele que forçava Bellingham a partir. Um navio mercante estava se preparando para zarpar naquela madrugada do cais de Salem,

provavelmente para a Europa, portanto não era difícil adivinhar que Bellingham faria parte de sua tripulação.

– Não creio que esta seja uma boa noite para se lançar ao mar – murmurou Susan impulsivamente, e imediatamente se arrependeu disto, torcendo para que ele não a tivesse escutado.

Mas o sorriso no rosto dele desapontava esta esperança, ao mesmo tempo em que ele aquiescia com a cabeça.

– Muitos segredos se escondem nas águas de Salem – disse Bellingham, suavemente, lançando a ela um olhar misterioso. – Foi um prazer vê-las, senhoritas. – E ao acenar em despedida, lançou um olhar discreto de uma para a outra. – Até breve!

As duas ficaram paradas, observando enquanto ele retornava à casa alfandegária, e então, Susan conduziu a irmã em silêncio para casa.

Anne estava muito cansada. Era assim todos os dias desde que a perturbação começou. O mínimo esforço a enfraquecia, e exigia que dormisse por algumas horas para se recompor.

Susan a acompanhou até seu quarto, e ajeitou ternamente as cobertas sobre ela para que descansasse.

– Você acha que isso acontece com todas? – indagou Anne, baixinho, meio sonolenta.

– O que exatamente?

– Que todas as moças percebem, pouco antes de desaparecer, o que o destino lhes reserva?

Susan não queria acreditar nisso. Tinha de haver um meio de livrar Anne da peste, e ela não descansaria naquele dia antes de descobrir como.

– Não sei – respondeu, tentando parecer casual. – Mas isso não vai acontecer com você. Você não é uma das garotas da lista. E amanhã de manhã, quando você acordar, nós vamos olhar para o oceano através da janela da sala, e respirar aliviadas por tudo ter finalmente acabado. E vamos comemorar o nosso aniversário com um delicioso bolo de nozes que a Sra. Garber vai preparar, como em todos os anos.

Anne sorriu com serenidade, fechando os olhos.

– Você é uma péssima mentirosa, Susan – murmurou, pouco antes de adormecer.

Uma lágrima escapou dos olhos de Susan antes que ela pudesse evitar. Anne era toda a família que lhe restava, e ela simplesmente não suportaria perdê-la também.

Seu olhar vagueou distraidamente para a mesinha de cabeceira, enquanto ela enxugava as lágrimas com as pontas dos dedos, e percebeu uma mudança naquele móvel: a Bíblia que antes ficava ali havia sido retirada, e um livro com capa de couro marrom ocupava seu lugar.

Susan estremeceu ao notar certa familiaridade naquele livro. Apanhou-o cuidadosamente, e afastou-se um pouco da cama da irmã, para evitar que o som monótono das páginas sendo viradas a despertasse. Aproximou-se da janela, e certificou-se de estar trancada, aproveitando para dar uma espiada no mar tranquilo, antes de abrir o livro.

Já na primeira página Susan pôde confirmar sua suspeita: aquele era o diário que Anne havia roubado na mansão submersa, e pelo qual lutara com a sereia loura. Centralizada na primeira página, numa caligrafia elegante, estava a assinatura do dono do diário: Robert Thomas Griplen.

Um calafrio percorreu o corpo de Susan ao ter contato pela primeira vez com o nome e o sobrenome juntos, como se aquele nome, por si só, infringisse todas as leis sagradas.

As primeiras páginas pareciam ter sido escritas por um jovem comum, na flor de seus vinte anos. Escreveu várias vezes sobre a sorte de ter o amor de sua bela Lucy Croft, cujo rosto desenhara com carvão em várias páginas do diário. Ela era lindíssima, e ele parecia muito apaixonado e feliz.

As últimas anotações, porém, eram mais sombrias.

A família Griplen aparentemente não estava satisfeita com a mulher escolhida pelo filho, por isso Robert escrevera algumas vezes que não permitiria que nada no mundo se interpusesse à sua felicidade ao lado da noiva. Chegou a declarar, com um fervor apaixonado, que seu espírito não descansaria em paz se algo o impedisse de se casar com Lucy. Parecia que ele estava prevendo a tragédia que destruiria sua família.

A última anotação datava de 23 de março de 1646, véspera da tragédia:

"Amanhã é o grande dia. A consumação do meu amor absoluto pela divina Lucy! – escrevera Robert. – Eu não poderia estar mais feliz, ou mais ansioso... Não importa o que aconteça, nada me impedirá de unir minha vida à dela por toda a eternidade!"

De repente Susan se lembrou novamente das palavras que Lizbet Sofer escrevera antes de morrer: *"a cada primavera, no aniversário de sua morte, ele precisa se casar..."*.

Então sua mente girou; um emaranhado de palavras e conclusões se ajustando e começando a fazer sentido:

Ele precisa se casar...

Ele...

O espírito profano das águas...

Robert Griplen!

Susan jogou o diário no chão, assustada, como se ele tivesse se transformado numa serpente. Num canto da página aberta havia o mesmo símbolo que ela vira em quase todas as portas da mansão submersa, que lembrava uma forquilha. Àquela altura ela tinha certeza de que não era um brasão de família, mas um símbolo pagão.

Talvez Anne tivesse razão: havia uma maldição em Salem. Susan não conhecia muito sobre rituais e religiões profanas, nem sobre eventos sobrenaturais, mas tinha certeza de que a determinação de Robert Griplen em desposar Lucy poderia ter mantido seu espírito vivo nos últimos duzentos anos, a fim de procurá-la. E como, por alguma razão, ele não conseguiu encontrar sua noiva, ele seduzia as mulheres da cidade para o seu palácio submerso.

E também sobre isso Anne tinha razão: talvez não fosse possível resisti-lo. Ela também o tinha visto. E nas últimas duas noites ela também estivera sob seu encanto. Agora não era mais possível ela acreditar que fora apenas um sonho. Quando ele se esgueirava mansamente até a cama, e se deitava entre elas; quando as aconchegava em seu peito, e as fazia dormir em seus braços; quando lhe acordava no meio da noite deleitando-a com seus beijos; quando a olhava hipnoticamente através da máscara

veneziana, não era um sonho. Era Robert Griplen, o espírito profano que habitava as águas de Salem, seduzindo suas noivas.

A constatação fez o coração de Susan se apertar e seu estômago revolver. Um sentimento desolador de impotência se abateu sobre ela. Se ela própria, não sendo a vítima escolhida por ele para esta primavera não fora capaz de resisti-lo, então talvez não houvesse realmente esperança para sua irmãzinha. Talvez o Reverendo tivesse razão: trancar Anne no sanatório, ainda que manchasse sua reputação para sempre, seria o menor dos prejuízos, se com isso pudessem salvá-la desse demônio do mar.

Outra lágrima escorreu no rosto de Susan, agora que ela sabia que Anne não poderia escapar completamente incólume desta situação. Naquela noite só haveria dois destinos possíveis para ela: ser estigmatizada como louca, por ter que passar uma noite trancada no sanatório municipal, e com isso, talvez, ser condenada a uma vida de solidão e pena – ao menos enquanto vivesse em Salem –, ou tornar-se para sempre amante de um fantasma amaldiçoado.

O coração de Susan se apertou mais uma vez ao pensar em qual desses destinos terríveis a irmã escolheria, caso alguém lhe perguntasse; uma escolha que provavelmente ela mesma não seria capaz de fazer diferente. Robert Griplen representava uma abominação terrível, sim; contudo, mesmo sem conhecê-lo tão bem quanto sua irmã provavelmente conhecia, já que estava sendo visitada por ele há semanas, Susan se reconhecia incapaz de resistir ao seu encanto.

E isto era o mais terrível de tudo. Pois mesmo que escapasse das garras de Robert, Anne não podia mudar o que já tinha acontecido. E Susan também não. Mesmo que uma delas, ou as duas sobrevivessem àquela noite, Susan tinha consciência de que as duas estavam completamente perdidas. Havia muito mais em jogo do que simplesmente a sanidade de Anne, ou a dela própria. A honra de ambas havia sido manchada pelas mãos profanas de Robert Griplen.

Susan encarou o diário jogado no chão. Na página aberta, a forquilha apontava para ela ameaçadoramente, como uma sentença de morte. Com um nó apertando sua garganta, Susan atirou uma almofada da poltrona sobre o diário, para tirá-lo de

seu campo de visão, e se virou para apanhar uma vela no castiçal sobre a cômoda, atrás da poltrona, decidida a atear fogo naquele livro das trevas, desejando que isso pudesse destruir também o poder de seu autor e mandá-lo definitivamente para o inferno. Mas quando se voltou com a vela na mão, Anne estava de pé junto à parede à sua frente, apertando o livro protetoramente em seu peito.

– Anne, me dá o livro! – exigiu Susan, encarando severamente a irmã, como uma mãe que repreende a filha.

Mas Anne o apertou com mais força em seu peito.

– Anne! – bradou Susan. – *Me dá o livro!*

A garota agitou a cabeça para ambos os lados, abraçando-o mais firme.

– Eu estou falando sério, Anne... – disse Susan, friamente, estudando a expressão da irmã.

– O que vai fazer com essa vela? – indagou Anne, encarando a chama com horror.

– Essa coisa precisa ser destruída, você entende?

Mas Anne permaneceu imóvel, agarrada ao livro como quem protege a um filho.

– Me dá esse livro, Anne! – exigiu Susan, com um brado forte.

– Não! – berrou Anne, correndo para a porta, com o livro apertado em seu peito.

Susan avançou sobre ela, e agarrou seus cabelos, puxando-a de volta com um tranco violento. O corpo de Anne bateu com força na cama, e Susan montou em suas costas, usando a mão livre para tentar arrancar o livro de seu abraço.

– Saia de cima de mim! – berrou Anne.

– Me dá o livro, e eu saio!

– Nunca! Não vou deixar que o destrua!

– Anne!

– Para tirá-lo de mim, vai ter que matar!

Dominada por uma fúria sobrenatural e inexplicável, Susan golpeou com força o braço de Anne com seu cotovelo, ofegando ao ouvi-la gritar de dor. E enterrando a mão debaixo de seu

corpo, tentou puxar o livro, mas Anne o prendia completamente com seu peso.

– O que está acontecendo aí dentro? – perguntou a Sra. Garber, mexendo na maçaneta para tentar abrir a porta, mas estava trancada à chave.

Ignorando completamente a interferência da governanta, Susan usou o outro cotovelo para golpear as costas da irmã, tentando forçá-la a largar o livro, se não voluntariamente, que se rendesse pela dor.

– Abram a porta! – berrou a Sra. Garber, esmurrando-a pelo lado de fora.

– Largue-o! – gritou Susan para Anne, mal consciente dos apelos da governanta.

– Não! – choramingou Anne, sob o peso de seu corpo.

A governanta começou a forçar a porta, gritando por ajuda, enquanto Anne se debatia, tentando se libertar do peso da irmã.

Susan usou o cotovelo novamente para golpear o braço da irmã, tentando puxar o livro pelo outro lado, enquanto a governanta continuava a gritar do lado de fora. Num ímpeto de fúria, Anne impulsionou o corpo para cima, empurrando a irmã para o chão. A vela escapou da mão de Susan e o fogo rapidamente se espalhou pelo tapete do quarto.

Como se nem ao menos estivesse consciente do fogo, Susan se lançou sobre a irmã, e agarrou o diário de Robert Griplen bem firme com as duas mãos, lutando para arrancá-lo de Anne. Sem se importar em feri-la gravemente, Anne acertou o joelho com toda a força no ventre de Susan, fazendo-a rolar de lado, ofegando de dor, e se ergueu depressa, tentando correr em direção à porta, mas Susan, lutando contra a dor, agarrou o tornozelo da irmã e a puxou para o chão, arrastando-a de volta para si.

Susan avançou selvagememente sobre Anne outra vez, usando o livro que ela protegia para bater em seu corpo, tentando forçar que o soltasse, mas as mãos de Anne pareciam petrificadas em torno do diário, prendendo-o num aperto de aço.

– Sra. Garber? – A voz do jardineiro soou distante, provavelmente vinda das escadas.

– Me ajude a abrir esta porta – aturdiu a governanta, chacoalhando a maçaneta.

O jardineiro se apressou e experimentou a fechadura, e como ela não cedeu, ele mandou que a Sra. Garber se afastasse, e se lançou contra a porta para arrombá-la.

Anne agitou o livro com força, arremessando-o contra o rosto da irmã para afastá-la, sem se importar em machucá-la, ao mesmo tempo em que os golpes pesados do corpo do jardineiro começaram a estremecer violentamente a porta, até que a fechadura finalmente cedeu, fazendo-a bater com estrondo na parede do fundo.

Como duas feras selvagens se agredindo mutuamente, as duas irmãs continuaram a lutar, enquanto o jardineiro entrava correndo no quarto, e agarrava Susan pela cintura, puxando-a para longe de Anne, que correu imediatamente para fora.

– Santo Deus! – exclamou a Sra. Garber, invadindo o quarto atrás dele, ao ver o fogo subindo pela parede.

O jardineiro largou Susan, puxou a colcha da cama e tentou usá-la para abafar as chamas, mas o fogo havia crescido demais. E enquanto ele e a Sra. Garber lutavam para apagar o incêndio, Susan correu atrás da irmã, mas ela já havia se trancado com o diário de Robert Griplen no quarto que fora de seus pais.

– Anne! Abra esta porta! – gritou Susan, esmurrando a madeira com força.

Mas nada aconteceu.

– Anne, essa coisa vai matar você! – alertou Susan, ameaçadoramente.

– Vá embora! – bradou Anne de dentro do quarto.

– Por favor, Anne... – insistiu Susan, agora com a voz embargada. – Eu só quero proteger você!

A Sra. Garber veio do quarto de Anne, furiosa, pronta para exigir explicações sobre a cena horrível que ela e o jardineiro tiveram que apartar, mas ao perceber o desespero na voz e principalmente no rosto de Susan, apenas tocou ternamente seu ombro, e tentou confortá-la.

– Vai ficar tudo bem, minha querida – sibilou a governanta, em um tom amoroso.

Mas Susan negou com a cabeça.

– Ele está vindo... – disse Susan, entre lágrimas, e sua voz não era mais do que um sussurro.

A Sra. Garber franziu o cenho, sem compreender o que ela estava dizendo.

– Ele virá esta noite para buscá-la – completou Susan, colocando sua mão sobre a da governanta em seu ombro, e baixando a cabeça, os olhos nublados de lágrimas.

– Querida... – começou a Sra. Garber, mas Susan não lhe deixou concluir.

– Ele vem todos os anos, como um espectro mortal.

Susan ergueu os olhos e encarou a Sra. Garber.

– Você sabe o que ele é... não sabe? – disse Susan, quase acusadoramente, como se a culpasse por mantê-las alheias a todas as abominações que maculam a história da cidade. – A... *peste!* – Ela frisou bem a palavra, com desdém, e com evidente repulsa. – Ele habita essas águas...

A Sra. Garber deu um suspiro pesado, e assentiu devagar.

E então, subitamente, uma lembrança martelou na cabeça de Susan, deixando-a tonta.

"Muitos segredos se escondem nas águas de Salem..."

A voz de Roger Bellingham ecoou em sua mente, e as palavras a deixaram sem ar.

– Não são apenas as águas de Salem que guardam segredos... – murmurou Susan, com os olhos baixos.

– O que quer dizer? – indagou a Sra. Garber.

Havia um traço de mágoa em sua voz. Susan ergueu os olhos para ela novamente, e percebeu em sua expressão que a tinha ofendido. Mas não se desculpou. Embora a acusação não fosse exclusivamente contra ela, parte da culpa certamente lhe cabia.

Susan se afastou das mãos da governanta, e começou a descer lentamente as escadas enquanto enxugava as lágrimas. Talvez não estivesse em suas mãos salvar Anne daquele destino abominável, mas enquanto houvesse uma mínima esperança, ela lutaria. E para isso, precisava conhecer o resto da história que a

cidade inteira, e especialmente seus tutores, insistiam em manter escondida sob um manto de mentiras.

CAPÍTULO 11 – AS NOIVAS

Sem pensar muito bem no que estava fazendo, Susan correu de volta à casa alfandegária, e bateu à porta, gritando o nome de Roger Bellingham. Outro sujeito a atendeu e ela disse, muito apressadamente, com quem queria falar.

O sujeito pareceu confuso.

– Roger Bellingham! – insistiu ela, pensando que o homem não lhe havia entendido. Sua expressão estava aflita, e sua voz saía atropelada, mas ela tinha certeza de que ele podia entendê-la agora. – Ele trabalha aqui.

Antes, porém, que ele pudesse responder, ela teve o vislumbre de um homem de cabelos negros passando por uma porta dentro da alfândega, então ela se desviou do homem que a atendia e entrou sem pedir licença, indo na direção onde viu Bellingham entrar.

Susan o encontrou sentado a uma mesa de marfim numa sala pequena. Quando a viu chegar ofegante e com a expressão assombrada, ele franziu a testa, preocupado.

– O que houve com a senhorita? – indagou Bellingham.

– Você sabe o que há lá embaixo... – A voz de Susan era quase um sibilar, e ela não quis passar a entonação de uma pergunta. – Na mansão...

Roger Bellingham assentiu brevemente, sem esboçar qualquer emoção.

– Diga-me o que sabe! – exigiu ela, percebendo de repente, com certo constrangimento, a intimidade com que se dirigira a ele, mas ignorou em seguida. – Por favor, eu preciso saber...

Bellingham se dirigiu à porta e fez sinal para que ela o seguisse. Susan caminhou ao lado dele pelas ruas e vielas que se emaranhavam ao redor do cais, tentando imaginar porque ele a estava conduzindo à praça. E como na tarde anterior, quando se encontraram no cemitério, ela esperou ansiosamente que ele lhe oferecesse o braço, mas naturalmente não aconteceu. Afinal, não estavam passeando juntos; apenas se dirigiam ao mesmo lugar.

Susan ficou ainda mais confusa quando chegaram à praça e Bellingham a conduziu até a igreja. Tinha pensado que ele a levaria até a casa onde morava – onde quer que fosse –, ou até algum amigo ou parente que tivesse informações sobre o que ela precisava saber. A igreja era o último lugar que ela teria pensado, e de repente percebeu o motivo de estar surpresa: ela nunca tinha visto Roger Bellingham na igreja. Talvez ele fosse a única pessoa em Salem que jamais tinha ouvido um sermão pregado pelo Reverendo Bishop. O que era, no mínimo, estranho naquela comunidade tão puritana. Mas também era estranha a existência de um espírito atormentado como Robert Griplen assombrando Salem há duzentos anos, sem que ninguém jamais tivesse se disposto a combatê-lo, ou quem sabe, tentar exorcizá-lo.

Susan seguiu Bellingham, sem questionar, pelo interior do templo. Aparentemente o Reverendo tinha se esquecido de trancar a porta da secretaria ao sair; ou talvez ele ainda estivesse em algum lugar na igreja; Susan não se preocupou em verificar.

Bellingham passou sem cerimônia pela porta atrás do altar, e sem nenhum tipo de hesitação, abriu uma pequena porta na parte inferior da estante da secretaria, onde estava guardada uma comprida caixa de madeira. Colocou-a sobre a mesa de cedro e abriu a tampa.

Dentro da caixa havia uma porção de documentos datados desde 1646, e estavam organizados na ordem cronológica inversa: o mais recente por cima dos mais antigos. E sobre estes documentos havia um livro muito simples, com capa de couro marrom e páginas ligeiramente amareladas.

Roger Bellingham colocou o livro de lado e virou a pilha de documentos ao contrário sobre a mesa, permitindo que Susan apanhasse o primeiro. Relatava a tragédia da mansão Griplen: a tempestade, o afundamento da ilha, a descoberta do cachorro vivo no barco... Tudo o que o Reverendo Bishop já havia lhe contado.

O segundo documento datava de abril de 1646, um mês depois da tragédia, e relatava o suicídio de Lucy Croft, a noiva de Robert Griplen. Tinha dezessete anos na época, e estava muito abatida desde a morte do noivo. Comia pouco, dormia mal, e não queria sair de casa. Naquele breve período de viuvez, Lucy agiu

como se tivesse morrido com ele na tragédia. Sua carta de suicídio estava junto com o documento, escrita numa caligrafia apressada e inclinada, como se ela estivesse com as mãos trêmulas, possivelmente chorando aos soluços. Mas a morte do noivo não foi a única responsável por ela ter perdido a vontade de viver:

"Eu tentei conviver com esta dor desumana que me dilacera a alma desde que o meu amado foi arrancado de mim, mas esta noite ela se tornou insuportável. Eu vinha resistindo, em nome de algo que eu esperava que pudesse anestesiar ao menos um pouco a minha dor. Mas hoje minha esperança se foi, e com ela, a última parte de mim também morreu.

Robert tinha deixado um pedacinho dele comigo, sem que eu soubesse. E quando me dei conta, transformei essa semente numa pequena esperança, um refúgio onde o nosso amor poderia continuar vivo, apesar de toda a dor que o rodeia. Mas esta noite ela também se foi. Meu coração foi partido mais uma vez quando acordei e vi o sangue em meus lençóis, e logo em seguida, quando meu corpo o expulsou. Quase sem dor. Ao menos não em minha carne, pois minha alma dói como a morte!

Não posso continuar vivendo sem ele. Já que a vida não permitiu nossa união, então, que seja a morte a ministra do nosso casamento, e nos ajude a cumprir o juramento que fizemos: haja o que houver, ficaremos juntos pela eternidade.

Se não foi possível vivermos juntos na casa que tínhamos construído para ser o nosso lar, então que seja o mar de Salem, túmulo do meu amado, o nosso eterno ninho de amor".

Naquela mesma noite, Lucy foi vista por um funcionário da casa alfandegária, caminhando em direção ao penhasco, de onde possivelmente se atirou. Seu corpo nunca foi encontrado.

Um calafrio varreu o corpo de Susan ao concluir esta leitura. Teria o suicídio de Lucy alguma relação com a magia que envolve o local de sua queda?

O documento seguinte datava de 24 de março de 1647, um ano após a tragédia. Relatava o desaparecimento de Anatole Margareth Winston. Na última vez que foi vista, Anatole estava muito perturbada: não dormia direito havia vários dias, ficava

sonâmbula quase todas as noites, e tinha frequentes pesadelos. Tinha completado dezessete anos em dezembro.

Os demais documentos contavam essencialmente a mesma história: uma moça de dezessete anos, desaparecida na madrugada de 24 de março de cada um dos anos seguintes, cujos corpos nunca foram encontrados. Alguns registros contavam com relatos de testemunhas que afirmavam tê-las visto perto do penhasco na noite do desaparecimento. A partir de 1678, a palavra *desaparecida* foi substituída pela palavra *morta*.

Susan desistiu de retirar os documentos da pilha depois de ter passado os olhos por cerca de cinquenta relatos semelhantes. Estava tonta. Parecia que, de repente, sua vida havia mergulhado numa história assombrada. Havia, sem dúvida, algum feitiço nublando a percepção das pessoas naquela cidade, pois não era possível que, em circunstâncias normais, com tantas vítimas e por tanto tempo, as pessoas assistissem à morte de suas filhas com tamanha condescendência.

Se existia, de fato, alguma bruxa na cidade, era a que protegia o espírito de Robert Griplen de ser definitivamente sepultado. O mais assustador era que, provavelmente, o feitiço vinha de seu próprio espírito atormentado.

Bellingham reorganizou os documentos na pilha. Susan esperou que ele os virasse e apanhou os últimos dez. Lá estava o nome: Elizabeth Catherine Sofer, morta em 24 de março de 1836. Tentou se lembrar do rosto de Lizbet, mas dez anos é tempo demais; ela era só uma criança quando a garota morreu, de modo que a única imagem em suas lembranças era de seu cabelo loiro e comprido, sempre com duas mechas enroladas como uma coroa em volta da cabeça.

A última vítima ela estava certa de ter conhecido: Abigail Laura Smith. Lembrava-se perfeitamente do rosto dela. Tinha cabelos negros e olhos azuis-safiras lindíssimos. Susan chegou a invejá-la, ao vê-la num vestido de cetim verde oliva no baile dos dezesseis anos de Abigail. Dançara com todos os homens solteiros e ricos da cidade, dando a todos um irritante olhar de desprezo. Parecia perfeita demais para se interessar por qualquer um deles. Quem poderia imaginar que um ano depois ela estaria morta?

Susan ficara surpresa quando soube. De acordo com a família, Abigail foi vítima da peste que todos os anos ceifa a vida de uma jovem na cidade. O funeral, sem a presença do corpo, foi feito em casa, onde os parentes e amigos realizaram uma cerimônia simples e tradicional, como se fazia todos os anos a cada uma das vítimas.

Agora Susan sabia qual era a peste que estava matando as moças de Salem.

Depois de colocar os documentos de volta na caixa, Susan teve a atenção furtada para o livro que havia sido posto de lado. Como havia pensado, era um diário, e logo na primeira página, a assinatura lhe provocou um calafrio: Lizbet Sofer.

Depois de dez anos ouvindo a louca Norma Sofer bradar pela cidade o provérbio escrito pela filha, Susan finalmente teve contato com as palavras completas; os últimos pensamentos transcritos pelas mãos agora geladas de uma das vítimas de Robert Griplen.

Sentia a alma arrepiada ao passar os olhos pelas páginas do diário de Lizbet. Sua caligrafia elegante estava preservada como se ela tivesse escrito há poucos minutos.

Susan não se permitiu seduzir pelas primeiras páginas, que revelavam uma Lizbet sonhadora e feliz. Provavelmente, os primeiros pensamentos, escritos em sua mais tenra juventude, pertenciam a uma garota muito diferente daquela que desapareceu na primavera de 1836.

Desde que começou a sofrer a perturbação provocada pelo espírito de Robert Griplen, Lizbet escrevera somente cinco páginas em seu diário. E eram estes pensamentos que Susan precisava conhecer.

A primeira menção sombria foi a um sonho, que segundo escrevera a morta, repetia-se todas as noites desde o início de março:

"Nunca me lembro de como começou, mas vejo sempre a mesma imagem repetir-se noite após noite: quando o mascarado abre a janela do meu quarto e vem se deitar comigo em minha cama."

Sei que é imprudente transcrever sonhos como este, mas a insistência com que se repetem me perturba a tal ponto que sinto que vou enlouquecer.

Aquele homem tem um cheiro diferente, como se usasse um perfume de jasmim no corpo todo. Sua voz é suave e aveludada, e fala comigo tão amorosamente que faz meu coração tremer. Queria ver o rosto dele, pois, através da máscara veneziana, dois lindos olhos azuis me entontecem e hipnotizam. Simplesmente não consigo resistir.

Se essas noites forem mais do que sonhos, então estou completamente perdida, pois este homem que invade meu quarto me seduz irresistivelmente, inebria meus sentidos e manipula totalmente minhas vontades.

Tenho temores horríveis por pensar que tudo pode ser real! Sobretudo porque minha janela tem amanhecido aberta todos os dias, embora eu me lembre perfeitamente de tê-la fechado antes de me deitar.

Temo por não reconhecer as mais comuns características fantasmais dos sonhos quando ele vem ao meu quarto. Temo por sentir cada toque de suas mãos em minha pele, como se ele, de fato, estivesse ali comigo. E temo, principalmente, por não saber quem ele é. Assusta-me pensar que tenho dormido todas as noites aconchegada ao peito de um homem estranho”.

O coração de Susan congelou no peito ao terminar de ler estas palavras no diário de Lizbet. Anne havia relatado muito superficialmente um sonho semelhante na primeira vez que sua janela amanheceu aberta, e ela própria tinha estado completamente dominada, sob o encanto de um estranho mascarado nas últimas duas noites, se perdendo em desejos que sequer desconfiava possuir. O cheiro de jasmim ficara impregnado no quarto todo, mas especialmente nos lençóis de Anne. Não tinha lhe ocorrido antes, de maneira nenhuma, nem se atrevia a pensar nisso, mas após ler o relato de Lizbet, Susan se deu conta de que talvez o cheiro viesse precisamente do corpo daquele homem.

Talvez fossem apenas sonhos realmente, mas ainda que fosse este o caso, não havia mais dúvidas de que ela e a irmã tinham sido seduzidas pelo mesmo espírito atormentado que

levava Lizbet Sofer e outras dezenas de moças a se atirarem do penhasco nos aniversários de sua morte.

Roger Bellingham estava inclinado sobre a mesa, ao seu lado, espiando o diário por sobre o ombro de Susan. E como ela estivesse há muito tempo pensativa, depois de haver desviado os olhos da página, lançou a ela um olhar avaliativo que a fez ruborizar.

Então Susan virou a página. Todavia as palavras do primeiro relato ainda ecoavam em sua mente, fazendo-a recordar os próprios sonhos com horror, de modo que ela não deu muita atenção ao que Lizbet escrevera logo na sequência. Sabia apenas que ela mencionara sonhos anteriores com o mesmo homem mascarado; sonhos superficiais que vinha tendo desde o fim da primavera anterior; nada com que se pudesse preocupar.

A vontade de Lizbet parecia resistir, ainda que muito debilmente, ao poder sedutor do espírito profano de Robert Griplen. Nas quatro páginas seguintes, a moça relatou os momentos de maior perturbação como uma experiência assustadoramente sobrenatural.

Assim como Anne e Susan, Lizbet também foi levada a mergulhar do penhasco duas noites antes de desaparecer para sempre. Ela transcreveu com detalhes a descoberta da mansão submersa, e a aparição das sereias. A única coisa que ela talvez não tivesse visto, ou se esquecera de mencionar, foi o fantasma da pequena Emily Griplen.

Levada por alguma vontade superior ao poder do mascarado, Lizbet pôde conhecer, nas últimas horas de sua vida, a trágica história da família Griplen, e perceber para onde aquele espírito atormentado a estava levando. E em seus últimos momentos de lucidez, ela escreveu a mensagem que sua mãe apregoava religiosamente desde sua morte há dez anos, alertando as pessoas sobre o mal que se escondia nas águas de Salem:

"Se alguém está lendo estas palavras, significa que estou perdida num limbo do qual é impossível escapar. Ele me pegou! E talvez seja tarde demais para mim, mas pode não ser tarde demais para suas filhas, netas, irmãs e amigas..."

Talvez você não acredite em mim, mas aceite um conselho sincero: na primavera, afaste todas as moças de dezessete anos da cidade. Quem sabe, assim, possam salvá-las. Pois a cada primavera, no aniversário de sua morte, ele precisa se casar.

Então, mesmo que você não acredite em mim, proteja as moças. Não deixe que se tornem suas noivas...”

Susan deu um suspiro exausto ao ler a última palavra, e repousou o diário sobre a mesa, encarando-o através de uma cortina de lágrimas. Tinha muita coisa para digerir, mas sentia que o tempo escorria entre seus dedos inexoravelmente.

Bellingham apoiou as mãos ternamente nos ombros dela, fazendo seu corpo tremer. Ela afundou o rosto entre as mãos por um momento, parecendo perplexa demais para ter qualquer outra reação.

– O que houve com os Croft? – perguntou, com a voz abafada pelas mãos, emergindo de um vendaval de pensamentos. Nunca tinha ouvido falar naquela família, nem mesmo no livro de História que Anne consultara naquela manhã.

– Partiram – respondeu Bellingham –, pouco tempo depois da morte de Lucy. Ninguém sabe exatamente para onde eles foram, mas nunca mais foram vistos em nenhum lugar da Nova Inglaterra. O mais provável é que tenham ido para o Canadá.

Susan deu um suspiro pesado. Agora tudo fazia sentido. Ela sabia exatamente onde estavam as moças que desapareceram da cidade nos últimos duzentos anos. Ela as tinha visto nas duas últimas noites. Viviam – por assim dizer – nas profundezas do oceano, nadando perto da costa de Salem, ao redor da mansão Griplen, com suas longas caudas douradas. Cada uma delas estava naquele exato momento no fundo do mar, disputando seu espaço num mundo onde agora o conceito de vida e morte parecia completamente perdido.

– Elas estão lá embaixo... – murmurou Susan.

Bellingham baixou a cabeça, sem tirar as mãos dos ombros dela, como se a confortasse.

– São atraídas para o penhasco e pulam – completou.

As palavras de Lizbet ainda ecoavam em sua mente.

– E você sabe por que... – sugeriu Bellingham.

Ela inspirou bem forte, com os olhos molhados, sufocando um soluço.

– Ele está lá embaixo – sussurrou Susan, sem conseguir encontrar a voz –, chamando suas noivas para se juntarem a ele.

A palavra *noiva* fez o coração de Susan dar um pulo assustado. A promessa que Robert Griplen escrevera em seu diário voltou à mente dela: *nada o impediria de se casar com Lucy. Nada o impediria de ter a sua noiva...*

A morte o havia impedido. E ele estava há duzentos anos profanando a morte, atraindo para si as suas noivas: as sereias que ela vira no fundo do mar de Salem; suas noivas eternas.

E, a menos que ela conseguisse impedir, naquela noite, Anne se tornaria uma delas.

– Um momento... – disse Susan, colocando-se em pé, de frente para Bellingham, dando-se conta de algo que não havia lhe ocorrido antes. – Como você sabe de tudo isso?

Ele hesitou um instante, mas não pareceu embaraçado com a pergunta dela.

– Como sabia onde encontrar estes documentos? – insistiu Susan. – Aliás, como sabia da *existência* deles?

Bellingham estava a menos de um passo dela na secretaria minúscula, e seus olhos penetravam os dela de um jeito desconcertante.

– Olhe nos meus olhos! – pediu ele, quando ela desviou o olhar, ruborizando.

Então ela o encarou atentamente. Seus olhos mergulharam nos dele por um longo momento, e de repente ela reconheceu o tom de azul: o mesmo presente em todos os quadros que ornavam as paredes da mansão submersa, e também os olhos de Emily.

– Meu Deus! – sibilou Susan; e foi tudo o que conseguiu dizer.

– Eu sou o último descendente dos Griplen – confessou Roger. – O último a carregar a maldição dessa família.

– Maldição? – indagou Susan, assustada.

– Os Griplen nunca foram socialmente conhecidos nesta cidade – disse Roger –, mas sempre exercemos certo fascínio nas

pessoas. Não só por construir uma mansão numa ilha particular; isso é trivial. Mas nossos gestos sempre pareceram atraentes; nossa aparência, sedutora; nossos passos despertam curiosidade... Por mais discretos que nos comportemos, nós jamais passamos despercebidos. Essa *fascinação* natural que despertamos nas pessoas vem do poder profano que flui em nossa família. Um poder que ao mesmo tempo em que encanta, nos amaldiçoa. É através desse encanto que as moças são seduzidas para o penhasco. É por isso que nós provocamos tantas mortes nesta cidade...

– Mas como isso começou? – indagou Susan, mal encontrando a voz. – Por quê?...

– É evidente que você nunca teve contato com os murmúrios sombrios a nosso respeito. Claro, vivendo naquela casa, protegida pelo Reverendo... É natural que ninguém se atrevesse a contar essa história a você.

Roger deu um suspiro profundo antes de começar a contar:

– Os Griplen pertenciam a uma antiga comunidade de feiticeiros, cujos rituais não são vulgarmente conhecidos, mas envolvem uma magia poderosa. Magia das trevas!

– Por isso há forquilhas desenhadas nas portas da mansão... – concluiu Susan.

– É uma runa! – explicou Roger. – Símbolo de proteção. Uma tolice que pode ou não estar mantendo o espírito preso àquela casa... E ao nosso mundo.

Roger se aproximou mais um passo, fazendo seu corpo pairar perturbadoramente sobre o de Susan, que involuntariamente deixou escapar um suspiro baixinho. Sem deixar transparecer nenhuma reação sobre isso, ele molhou uma pena que havia sobre a mesa no frasco de tinta, e começou a riscar, num canto da página do diário de Lizbet, a marca que Susan tinha visto nas portas da mansão Griplen.

– Nossos ancestrais diziam que, quando um portal é marcado com essa runa, ele se torna território proibido para a morte – contou Roger. – Era costume gravá-lo nas portas dos quartos, recitando um feitiço, para proteger as pessoas amadas, sobretudo quando havia uma morte anunciada. Não impedia que

sucumbissem a alguma doença, ou qualquer tipo de morte natural; mas se a morte era enviada por alguém, por meios *não naturais* – Susan interpretou essa expressão como um eufemismo para *magia* –, ela via a marca na porta, e era obrigada a recuar. Com a runa gravada na porta, a morte não tinha permissão para entrar. Mas, como todo feitiço, há um revés: pois a pessoa que ocupa esse quarto fica impedida de morrer. Para o bem... ou para o mal.

– A menos que seja uma morte natural...? – conferiu Susan, após pesar o que ele disse.

– Exato.

– A tragédia que lançou a mansão Griplen no fundo do mar não parece uma coisa natural...

Ela analisou a expressão dele. Parecia ter tocado num assunto delicado. E como ele nada disse a respeito, ela deduziu que estava certa.

– Não havia runa na porta do quarto dos pais... – lembrou Susan, sem se preocupar com um possível questionamento sobre como ela sabia disso. – Apenas nas portas de Robert e de Emily...

Roger aquiesceu timidamente.

– Por isso o fantasma dela também ficou preso no nosso mundo – concluiu, por fim.

A mente de Susan girou por causa da intensidade e gravidade das informações, e talvez, principalmente, pela proximidade perigosa de Roger Bellingham – ou Roger Griplen, como acabara de descobrir. Ela sentia, agora mais irresistível do que nunca, o fascínio que ele descrevera.

– Você também tem esse poder? – sussurrou ela, olhando profundamente nos olhos dele.

– Infelizmente... – aquiesceu ele, prendendo ainda mais os olhos dela nos seus. – Sim.

– E o usa? – insistiu Susan, sentindo-se cada vez mais hipnotizada.

– Não de propósito... – admitiu Bellingham, devagar. – Simplesmente não tenho como evitar.

Susan engoliu seco, percebendo que ele encurtava milimetricamente a distância entre eles.

– E está fazendo isso agora?

Os olhos dela involuntariamente desceram aos lábios dele, sem que se desse conta, e então ela deu um suspiro leve ao vê-los se mover quando ele sussurrou:

– Eu espero que não.

A cabeça de Roger começou a se curvar para ela. A boca de Susan se rendeu ao mínimo toque dele. Todavia o momento e o beijo não duraram mais do que um segundo, e eles se afastaram depressa, ao ouvirem os passos do Reverendo Bishop se aproximando.

– O que faz aqui, Susan? – indagou Bishop.

Ela lançou um olhar preocupado para Roger, temendo que o tutor os tivesse visto juntos, todavia ele nada comentou; nem sequer olhou para o rapaz. Em vez disso, o Reverendo lançou um olhar indignado sobre a caixa de madeira aberta em cima da mesa.

– Por que está mexendo nisso? – indagou ele à sua protegida.

– Devia ter me mostrado esses registros quando perguntei sobre a mansão – queixou-se Susan.

Mas a única reação do Reverendo foi guardar o diário de Lizbet de volta na caixa junto com os documentos, e tornar a escondê-los na estante.

– Isso acontece há duzentos anos! – observou Susan. – Por que ninguém faz nada para impedir que as moças sejam levadas?

– Acha que ninguém tentou trancar as moças em casa? – questionou o Reverendo, voltando-se para ela. – Tirá-las da cidade para evitar que chegassem perto do penhasco...? De alguma maneira elas sempre escapam, num transe que as leva ao seu destino final no fundo do mar.

Bishop fez uma pausa breve para tomar fôlego.

– Abigail Smith foi acorrentada no quarto, e vigiada a noite toda pelos pais. Por volta da meia-noite, porém, eles caíram involuntariamente no sono e ficaram presos num *forte torpor*, como eles mesmos descreveram. Quando despertaram, ela havia desaparecido. Encontraram apenas as correntes perto do penhasco na manhã seguinte.

Susan se lembrou com horror das visitas do mascarado nas últimas duas noites, e de como ela não conseguiu abrir os olhos enquanto ele estava no quarto, vendo-o somente através de seu sonho. Os pais de Abigail não haviam exagerado no termo: sua mente também havia sido nublada por um intransponível torpor.

– Aparentemente é impossível escapar a esse destino quando a moça é escolhida – finalizou o Reverendo, parecendo física e moralmente exausto.

– Mas tem que haver alguma maneira... – suplicou Susan, agarrando a mão dele, e empregando toda urgência na voz. – Reverendo... Anne foi escolhida! Ela será a próxima a desaparecer naquelas águas, a menos que façamos alguma coisa...

– Eu sei... – disse Bishop, sem esconder o próprio sofrimento. – Não paro de pensar nisso um único segundo desde que os sintomas começaram, tentando encontrar uma maneira de salvá-la; qualquer coisa que não tenham tentado antes, e que possa funcionar.

– E descobriu alguma maneira? – indagou Susan, ansiosa.

– Estou cuidando disso – respondeu Bishop, simplesmente.

– Por hora, quero que você volte para casa, e fique lá!

Roger pôs a mão sobre o ombro de Susan, confortando-a.

– Eu a acompanho – sibilou ele, às suas costas.

Susan encarou o Reverendo com os olhos angustiados. Queria que ele lhe dissesse uma palavra qualquer para lhe dar esperança de que Anne sobreviveria àquela noite, de que ela seria a exceção: a primeira noiva a escapar do feitiço de Robert Griplen.

Bishop pôs a mão ternamente em seu rosto, e disse num tom paternal:

– Susan, você e Anne são como minhas filhas. Eu farei o que estiver ao meu alcance para impedir que sua irmã seja levada esta noite. Eu prometo!

Susan assentiu, permitindo que uma lágrima escorresse em seu rosto. O Reverendo beijou delicadamente suas mãos, e então ela caminhou para fora da igreja, decidida a cooperar com

qualquer plano, por pior que fosse, contanto que pudesse salvar a vida de Anne; ou a morrer com ela naquela noite.

CAPÍTULO 12 – SEM MÁSCARA

Do mesmo modo que a conduziu até a igreja, Roger Bellingham acompanhou Susan até sua casa, caminhando ao lado dela, sem se atrever a lhe oferecer o braço. Não disseram uma única palavra o caminho todo, mas Susan sentia, mais do que percebia, o olhar dele deslizando para ela a cada poucos segundos, e estava certa de ter feito o mesmo algumas vezes. E naquele momento a partida anunciada de Roger fazia aumentar a dor em sua alma. Pois se ele não podia ficar por ela, e talvez não fosse mais regressar à cidade, então porque lhe dar um pequeno momento de esperança, para, em seguida, abandoná-la? Era melhor que ele nunca tivesse demonstrado nenhum afeto, do que deixá-la pensar que o pouco que havia não era suficiente para fazê-lo ficar.

Ao parar em frente ao jardim de sua casa, Roger Bellingham se virou e segurou a mão de Susan. Ela esperou que ele erguesse sua mão e a beijasse, mas ele se deteve no meio do caminho, encarando-a com o olhar angustiado.

– Agradeço muito sua ajuda, Sr. Bellingham – disse Susan, finalmente rompendo o silêncio.

Ele assentiu, acanhado.

– Gostaria de poder levar Anne amanhã para lhe agradecer também pessoalmente... – Susan começou a dizer, e para seu desespero, ouviu o tremor em sua voz, apesar de todo o esforço que estava fazendo para se controlar, e evitar que ele percebesse sua angústia.

– Infelizmente, isso não vai ser possível – respondeu Roger suavemente, parecendo sofrer infinitamente ao dizer estas palavras.

– Sim, eu sei... – murmurou Susan, e sua voz saiu quase como um lamento. Sentia-se desconcertada com a proximidade dele, e por ainda estar segurando sua mão, mas intimamente desejava que não a soltasse.

– Eu sinto muito – disse Bellingham, acariciando os dedos dela com o polegar.

E Susan não tinha certeza se ele se referia à Anne ou ao beijo na igreja.

– Eu também – disse Susan, friamente. No fundo não importava; ela lamentava as duas coisas.

Os olhos de Roger faiscaram dentro dos de Susan, tornando sua angústia ainda mais evidente. Então de repente ela percebeu o real motivo de seu pedido de desculpas: Roger era um Griplen; e Anne estava prestes a se tornar mais uma vítima da maldição que sua família havia trazido para essa cidade.

– Mas nada disso é culpa sua – acrescentou Susan, um pouco mais suavemente.

– Talvez seja – sibilou ele, fitando os dedos dela em sua mão.

– Como poderia? – ela perguntou, ainda mais desconcertada. – Não foi você quem começou isso.

Ele apertou os olhos um instante, e cerrou a mandíbula. Quando ergueu os olhos novamente para ela, estavam nublados de lágrimas.

– Acredite que me dói de verdade fazer parte disto. – A voz dele saiu rouca e profunda, e ele deu mais um passo para junto dela.

– Sr. Bellingham... – começou Susan, esforçando-se para manter as próprias lágrimas dentro dos olhos.

Mas ele lhe interrompeu, pousando um dedo sobre sua boca. Então ele sorriu sem humor, e logo seu olhar escureceu – talvez de tristeza, talvez de vergonha.

– É um nome estúpido que eu inventei... – sibilou ele, segurando ternamente o rosto dela em sua mão. – Uma máscara nojenta para esconder quem eu realmente sou, e todo o tormento que meu nome carrega. Mas eu te prometo, Susan: você ouviu meu nome pela última vez.

Uma lágrima traiçoeira escapou dos olhos de Susan, fazendo transparecer que seu coração estava despedaçado. Tinha sonhado tanto com o amor de Roger, mas seu romance não preencheria sequer uma página de um diário. E isso fazia seu coração doer como se tivesse sido atravessado por uma agulha.

– Seu nome não diz quem você é – argumentou Susan, tentando convencer a si mesma de que era inútil. Via nos olhos de Roger que ele não voltaria atrás. – E se te traz dor, enterre-o, e adote o nome de Bellingham como seu para sempre.

Ele sorriu, enquanto uma lágrima lhe escapava dos olhos.

– Queria ter conhecido você em outra vida – sibilou ele, apertando-a num abraço.

Mas logo respirou fundo, e sem soltá-la, corrigiu-se:

– Não... Não me atrevera... Você é boa demais. Meu destino não devia tocar o seu.

Susan o apertou junto de si, e neste momento não importava que estivessem no meio da rua, à vista dos vizinhos. Não seria capaz de trocar os braços de Roger por nenhum pudor moral, mesmo que isso lhe custasse sua reputação.

Ele recuou um instante, e apertou seus lábios nos dela pela última vez.

– Adeus, Susan – sussurrou ele, afastando-se lentamente.

Ela não conseguiu abrir os olhos por quase um minuto, enquanto ele se afastava. E quando finalmente pôde abri-los, como um sonho, ele já havia desaparecido.

Susan entrou em casa silenciosamente, sentindo que seus pés pesavam uma tonelada. Havia uma dor em seu peito que ela discernia bem: a dor do coração partido; e outra dor que ela apenas compreendia porque as palavras de Lizbet e do Reverendo Bishop ainda martelavam em seus pensamentos: o espírito atormentado de Robert Griplen estava burlando vigílias há duzentos anos, e nunca lhe escapou uma noiva! De modo que ela temia, acima de todas as outras coisas, que naquela noite o cordão umbilical invisível que a unia à Anne se partisse, e ela não pudesse evitar que a irmã fosse levada por ele para se tornar mais uma sereia nas profundezas do mar de Salem; mais um nome na lista de mulheres desaparecidas no aniversário da tragédia dos Griplen.

Susan foi até o quarto da irmã, e viu que Anne tirava a sesta. Sua fraqueza era cada vez mais notória. Talvez o excesso de sono fosse uma maneira de Robert manter suas noivas sob seu encanto. Pensando nisso, Susan quis acordá-la, mas Anne parecia

tão serena enquanto dormia, que ela não teve coragem de perturbar seu descanso. Então, fechou a janela e se recostou na poltrona para vigiá-la, mas estava tão exausta que também acabou pestanejando por alguns minutos.

Suas lembranças iam e voltavam dos registros que descobrira na igreja à despedida dolorosa de Roger, fazendo-a ter sonhos nebulosos e incompreensíveis.

De repente Susan viu o mascarado entrar pela janela do quarto, carregando consigo aquele doce e familiar odor de jasmim, que ao mesmo tempo lhe encantava e dava vertigem. Ela tentou abrir os olhos para conferir se ele era mesmo real, todavia as pálpebras pesavam assombrosamente, e suas forças não eram suficientes para transpor o peso delas. Ele usava o mesmo fraque elegante com que vinha até elas todas as noites, mas havia algo diferente e ainda mais encantador em seu sorriso, quando ele se aproximou e pôs um anel muito caro em seu dedo.

Susan esquadrinhou os olhos azuis através da máscara veneziana: um tom que ao mesmo tempo lhe fascinava e causava horror.

O mascarado lhe estendeu a mão, e a convidou para uma dança silenciosa. Ela se levantou sem resistir, e permitiu-se valsar por algum tempo em seus braços, enquanto ele sussurrava palavras de amor em seu ouvido com uma voz suave e aveludada.

De repente o homem se afastou dela e estendeu a mão para Anne, que já se levantava da cama. Susan assistiu, com inexplicável ciúme, a valsa que sua irmã dançava com o mascarado.

Até que Anne tocou o rosto dele. O coração de Susan se apertou no peito e ela se esqueceu de respirar, aguardando com ansiedade que Anne removesse a máscara.

Então, os olhos de Susan se encheram de pavor. Sua cabeça girava vertiginosamente, tomada pelo assombro: diante dela, com os braços em volta de Anne, o rosto que lhe encarava era o de Roger Bellingham.

CAPÍTULO 13 – UMA ALMA ATORMENTADA

Susan despertou assustada. A janela do quarto estava aberta, e uma brisa morna soprava em seu rosto, carregada de um agora asqueroso odor de jasmim. Aquilo não fora meramente um sonho, e esta certeza fizera seu coração em cacos.

Bateu o olho no relógio: passava um pouco das sete da noite. Uma incontável inquietação fez Susan pedir à Sra. Garber que continuasse vigiando Anne em seu quarto, e correr à casa alfundegária, mas Roger não estava lá.

Um pressentimento fez o olhar de Susan se virar em direção ao penhasco. Havia um vulto parado lá em cima. Era evidente que não se tratava de Anne, mas por alguma razão, Susan sentiu que o vulto a encarava, e se pudesse enxergar tão longe na escuridão, se atreveria a dizer que a pessoa a encarava com cintilantes olhos azuis.

Então, Susan correu até o penhasco. Roger fitava distraidamente o mar, mas sua postura indicava que ele estava esperando alguém.

– É você! – acusou Susan. Sua voz saiu rouca e entrecortada, mas apesar disso, ela conseguiu transmitir todo o ódio que pretendia. – Era você o tempo todo.

Roger se voltou para Susan, mas não tinha intenção de responder.

– Você atrai as moças para este penhasco todos os anos... – insistiu Susan, e fez uma careta enojada antes de cuspir as últimas palavras de sua acusação. – Robert Griplen!

– Sim... – admitiu ele, por fim. – Eu sou Robert Griplen!

Susan o encarou, horrorizada, e se sentiu enojada por ter permitido que a beijasse mais cedo. Fora um imenso sacrilégio, pois beijara um demônio dentro de um templo sagrado.

– Você é um monstro! – gritou Susan.

– Acha que eu tenho escolha? – gritou ele de volta. – Todos os anos eu vejo o rosto da Lucy numa moça nesta cidade. Todos os anos eu sou enfeitado por essa ilusão, a ponto de desejá-las tão desesperadamente que as seduza ao meu palácio submerso,

para logo depois das núpcias ter meu coração destruído novamente ao me dar conta de que não era a minha Lucy.

– Mentira! – protestou Susan.

– A morte me separou da minha noiva! – Robert gritou ainda mais alto. – E há duzentos anos eu venho transgredindo esta mesma morte à sua procura.

Ele esfregou a mão no rosto, toda a sua expressão torcida em profunda agonia e amargura.

– Foi um feitiço do meu pai que nublou minha visão – disse Robert, baixinho, encarando o vazio no oceano, recordando o momento em que o corvo com os olhos perfurados com espinhos caiu aos seus pés e aos pés de Lucy naquele mesmo lugar. – Todas as vezes que eu acreditei tê-la encontrado não passava de uma ilusão, um efeito torturante e interminável desse feitiço.

Ele deu um suspiro angustiado, fitando o horizonte.

– Foi tudo minha culpa... – sussurrou ele, parecendo exausto. – Eu me deixei dominar pela ira... Eu invoquei o caos... Ignorei todos os avisos que recebi desde menino, de que esse... *poder profano* que corre em minhas veias, se usado com imprudência pode facilmente sair de controle. – Ele se voltou de uma vez para Susan, fitando-a com os olhos inflamados, as íris azuis emolduradas em sangue. – Eu usei as trevas para lavar minha honra, e acabei sendo consumido por elas também.

Ela o olhou com assombro. Havia uma fúria assassina no rosto dele, mas por mais que a razão clamasse que ela devia fugir, algo dentro dela dizia que ele não iria feri-la.

– Deixe a minha irmã em paz! – ordenou Susan, sem forças para gritar.

– Eu não sei quem é a sua irmã! – esbravejou Robert. – Mas o meu tormento só terminará no dia em que eu me unir a Lucy.

– Ela não está na cidade. Lucy morreu há duzentos anos!

Robert sacudiu a cabeça furiosamente.

– Ela se jogou deste penhasco e encontrou a morte nas pedras – completou Susan, apontando para a imensidão azul aos seus pés.

– A Lucy não está morta! – garantiu Robert, com um brado ensandecido.

– Quantas mulheres você precisa levar ao fundo do mar até compreender que sua noiva não está na superfície? – insistiu Susan.

– Eu não quero fazer isso – confessou Robert, num sussurro.

No fundo dos olhos dele, Susan viu o brilho azul dos olhos de Roger Bellingham, o homem por quem ela esteve apaixonada o ano todo, e de repente se compadeceu. Seu coração não queria enxergar o monstro macabro que ele era na verdade.

– Você circula nesta cidade há duzentos anos... – observou ela, a esta altura completamente desarmada. – Como ninguém percebeu ainda quem você realmente é?

– Ninguém me vê – respondeu Robert, com uma expressão atormentada. – Ninguém jamais notou minha presença, exceto aquelas em que o estigma de Lucy se manifesta...

– Suas noivas... – concluiu Susan.

Ele assentiu, dando alguns passos para ela. Uma horrível revelação fez aflorar todos os temores possíveis em Susan.

– Eu também sou uma delas, não sou? – sibilou ela, encarando-o com horror.

Agora ela compreendia a expressão confusa do funcionário da casa alfandegária quando perguntou por Roger Bellingham. É claro que ele não sabia quem ela estava procurando, pois Roger Bellingham não existia.

Robert se aproximou e emoldurou o rosto dela entre as mãos.

– Eu sinto muito – sussurrou ele, com uma expressão de insuportável agonia. – Você é diferente de todas as outras. A única que conseguiu tocar minha alma atormentada, apesar do encanto funesto da minha obsessão por Lucy. Eu sinto que você seria capaz de quebrar esta maldição.

A voz aveludada de Robert Griplen embriagava os sentidos de Susan, a tal ponto que ela não seria capaz de se mover mesmo que ele quisesse matá-la naquele momento.

– Mas é tarde demais... – lamentou ele, resistindo em beijá-la novamente. – Você precisa ir embora desta cidade. E tem que ser esta noite!

– Eu não vou deixar a minha irmã aqui desamparada para sucumbir nestas águas – garantiu Susan, enchendo-se de raiva outra vez.

– Por favor, vá para longe! – pediu Robert. – Se você não estiver em Salem quando o sol nascer amanhã, talvez eu não possa te seduzir.

No entanto, o olhar de Susan evidenciava seu coração partido.

– Mas você já foi seduzida, não é? – percebeu ele.

– Robert, por favor... – pediu Susan, tentando impedir que ele se afastasse.

– Mereço o inferno simplesmente por ter me atrevido a tocá-la – sentenciou ele, retirando as mãos do rosto dela.

Susan ficou paralisada enquanto Robert ainda penetrava seus olhos com os dele.

– Saia de Salem! – insistiu ele. – Vá embora esta noite.

De repente ele voltou o rosto para a lua, que brilhava majestosamente no céu, e sua expressão mudou da agonia mortal para um encanto apaixonado.

– Eu preciso ir... – disse Robert, afastando-se lentamente de Susan. – Tenho que preparar meus aposentos para a chegada da minha noiva.

– Não, Robert! – suplicou Susan, tentando alcançá-lo, enquanto ele se afastava passo a passo para a beira do penhasco.

– Ela é linda! – declarou ele, com os olhos brilhando admiravelmente, parecendo hipnotizado pelo mesmo transe que afetava suas noivas. – O nome dela é Lucy.

– Não faz isso... – insistiu Susan. – Eu imploro!

Mas Robert se virou e mergulhou do penhasco, na mesma piscina entre as pedras onde suas noivas desapareciam todos os anos.

CAPÍTULO 14 – A ÚLTIMA NOITE

Susan se apressou para casa, com o coração apertado no peito. Embora não devesse sequer estar pensando nisso, ela se perguntava se a paixão que sentira por Bellingham fora real, ou se era somente o fascínio que Robert Griplen usava para seduzir suas noivas.

Havia uma carruagem parada em frente ao jardim de sua casa quando retornou. A madeira era escura, de um tipo comum, mas Susan reconheceu imediatamente os cavalos do Dr. Prynne.

Apressou-se para dentro. A sala estava deserta, mas da entrada ela conseguiu ouvir os gritos desesperados de Anne no quarto, e correu em seu socorro. O Reverendo Bishop e a Sra. Garber estavam lá em cima, tentando convencê-la de que faziam isso para o seu bem, mas Anne se debatia violentamente, tentando se livrar dos braços de dois enfermeiros. A governanta chorava muito, amparada pelo braço do Reverendo, enquanto o Dr. Prynne preparava o medicamento para sedar a garota.

– Susan... – Bishop começou a dizer, estendendo a mão para impedir que ela protestasse.

– Eu sei... – interrompeu Susan. – Eu confio no senhor.

Ela passou rapidamente por seus tutores, assistida por um olhar espantado da Sra. Garber, e correu até a cama, onde a irmã se debatia e gritava para tentar escapar.

– Por favor, Susan! – implorou Anne, aflita. – Não deixe que eles me levem! Eu não quero acabar como a Sra. Sofer... Eu não estou louca! Por favor, me ajude!...

Mas Susan emoldurou o rosto da irmã entre as mãos, e sussurrou, olhando-a com veemência:

– Você vai ficar bem. Agora, acalme-se!

– Não deixe que eles me levem, Susan... – suplicou Anne.

Mas Susan baixou mais a voz, e abraçou-a para sussurrar em seu ouvido:

– Eu o vi! Ele é um demônio e está completamente louco!

– Por favor, Susan... – insistiu Anne.

– Mas eu não vou permitir que ele leve você!

Então, Susan se afastou do abraço, e tornou a emoldurar o rosto da irmã.

– O Dr. Prynne vai cuidar de você – ela disse, suavemente, olhando-a com a mesma ternura que sua mãe costumava usar quando eram pequenas, para convencê-las a tomar um remédio muito amargo, prometendo que isso as faria melhorar, e que quando melhorassem, ela faria uma gostosa torta de pêssego para compensar o gosto ruim do medicamento.

Mas os olhos de Anne se encheram de pavor, e ela começou a gritar ainda mais alto, e a debater-se com mais força, ao perceber que a única pessoa que ela esperava que argumentasse contra sua internação, estava de acordo com esta medida.

Susan se afastou morosamente da cama, e escondeu o rosto no peito do Reverendo, que a abraçou ternamente, junto à Sra. Garber, para não assistir à irmã sendo sedada.

Os poucos segundos que se sucederam pareceram uma eternidade, enquanto os gritos de Anne lentamente diminuía, até silenciarem de todo. As lágrimas de Susan se misturaram às da Sra. Garber, empapando as vestes do Reverendo, e ela não conseguiu se virar para ver sua irmã ser levada, adormecida, pelos enfermeiros até a carruagem do médico.

– O sedativo que lhe dei deve deixá-la adormecida até amanhã de manhã – disse o Dr. Prynne, assim que seus homens deixaram o quarto com a paciente nos braços.

– Mesmo assim, quero que a tranque numa cela bem protegida – orientou Bishop. – Ela precisa ser vigiada o tempo todo.

– É claro, Reverendo – aquiesceu o médico.

– Por favor, eu posso ir com ela? – pediu Susan, aflita.

– Eu não acho prudente... – começou a protestar o Reverendo.

– Por favor... Anne é tudo o que me resta, e eu não quero deixá-la sozinha – argumentou Susan. – E já que não há outra maneira de livrá-la disto, então que enfrentemos esse destino juntas. – Ela tomou a mão do Reverendo e suplicou: – Por favor... Eu prometo não interferir.

O Reverendo olhou para o Dr. Prynne, como se perguntasse a opinião dele sobre o assunto.

– Não poderá ficar trancada na cela com sua irmã – disse o médico, para Susan.

– Eu me conformo em passar a noite no saguão – insistiu Susan. – Só não quero ficar longe dela.

O Dr. Prynne pesou a situação por um momento, parecendo debater consigo mesmo, e enfim, assentiu.

Susan beijou a mão do Reverendo, agradecida, e seguiu o Dr. Prynne até a carruagem. Ela abrigou a cabeça de Anne em seu colo, e olhou pela pequena janela. A Sra. Garber chorava copiosamente, enquanto via o carro se afastando da casa.

A lua cheia ascendia lentamente no céu, pairando acima do mar. Susan lutou com as próprias lágrimas. Seu coração estava completamente despedaçado: tinha agora adormecida em seus braços a pessoa que mais amava no mundo; quando acordasse, Anne provavelmente iria se sentir traída por ela, mas isso não importava; o que mais lhe doía, era que tentava proteger Anne de um ser perverso que há pouco ela descobrira que amava. E no fundo ela sabia que, apesar de todos os esforços, o destino não seria bom para nenhuma das duas. Passarem a noite trancadas no sanatório, e carregarem o estigma de loucas era trivial. Estavam ambas perdidas desde o momento em que foram hipnotizadas por Robert Griplen: por terem sido tocadas por ele, por terem estado sob seu encanto, e por todas as noites que o receberam em seu quarto. Ainda que Susan conseguisse impedir a irmã de ir ao encontro dele naquela noite, será que conseguiria salvar a si mesma?

Quando a carruagem parou em frente ao sanatório, os enfermeiros carregaram Anne até a cela que o Dr. Prynne tinha preparado para ela. Ela ficaria trancada na câmara de paredes acolchoadas, pequena e escura, completamente fechada, sem uma única janela, no subsolo do sanatório; uma cela construída para encerrar pacientes perigosos, com sérios transtornos mentais, fechada com uma porta de ferro impenetrável. E mesmo assim, Susan não conseguiu sentir alívio. Era realmente pouco provável que Anne conseguisse escapar dali, mas ela não tinha certeza sobre os limites do poder profano de Robert Griplen.

Susan assistiu de perto quando a porta foi trancada, e conferiu pessoalmente que não podia ser aberta à força. Então ela caminhou até o saguão e se recostou num comprido banco de madeira, com plena certeza de que aquela seria a noite mais longa e torturante de sua vida.

Tinha decidido ficar acordada, e vigiar atentamente qualquer movimento perto da saída do sanatório, e a preocupação alimentava sua insônia. Mas à medida que a noite avançava muito demoradamente, seus olhos começavam a ficar pesados. Susan tentou resistir ao sono, pois era assim que Robert conseguia entrar em sua mente, e na mente de suas noivas: quando caíam em inconsciência; em seus sonhos.

Ela viu o relógio marcar onze horas, e então o sono se tornou irresistível. Não durou muito, e felizmente, Robert não apareceu, mas o sonho que teve foi estranho.

Ela estava dentro da cela escura onde Anne estava trancada. A pouca luz que penetrava na câmara vinha da pequena fresta debaixo da porta, e mal era suficiente para que conseguissem enxergar as feições uma da outra. Estavam sentadas no chão, recostadas numa das paredes acolchoadas, ambas acordadas, conversando. Anne parecia um pouco deprimida: queria que abrissem a porta, e que a deixassem voltar para casa, para o seu quarto, e para sua cama. Tinham colocado nela uma camisa-de-força, que para Susan era insuportável até mesmo olhar. Mas sabia que era necessário.

– Estamos fazendo isso para o seu bem – disse Susan. – Para que você não se torne mais uma vítima *da peste*.

Anne deu um suspiro aborrecido.

– Mas você também está aqui – observou. – Por quê?

– Não queria deixar você sozinha – disse Susan.

– Sabe que sua reputação ficará tão arruinada quanto a minha, não é?

– Não importa. Quer ter uma reputação melhor? Podemos ir morar em outra cidade. Mas para isso, você tem que estar viva!

Anne fez uma careta.

– Talvez você esteja fazendo uma escolha ruim de palavras – considerou Anne. – Ainda que ele me leve esta noite, eu não vou morrer de verdade.

– Mas seria como se estivesse morta – disse Susan, com o coração apertado, alterando o tempo verbal para afastar os maus pensamentos. – Porque você nunca mais poderia retornar à superfície. Se você se tornasse esposa dele, ganharia cauda de sereia...

– E viveria para sempre – disse Anne, com um brilho radiante nos olhos, e um sorriso travesso brincando nos lábios.

– Não parece uma boa vida – retrucou Susan, franzindo o cenho para a estranha ponderação da irmã. – No fundo do mar, longe de todo mundo que você ama...

– Exceto ele... – sussurrou Anne, num tom melancólico.

Susan tentou analisar o rosto da irmã na quase completa escuridão. Os olhos de Anne brilhavam de um jeito encantador agora; um brilho apaixonado.

E de repente, o último detalhe acerca da maldição que pairava sobre Salem, e sobre os Griplen, se tornou nítido para Susan: Robert Griplen não apenas fascinava e seduzia suas noivas; ele as deixava apaixonadas!

Por isso elas não resistiam; por isso, mesmo conhecendo seu destino, na madrugada do aniversário da morte dele, elas caminhavam até o penhasco, e pulavam; não para sucumbir a um encanto fugaz e funesto; mas para se unirem para sempre ao homem que amavam.

Só que ele não podia amá-las de volta. Ele amava sua noiva. E ele a amaria e a procuraria para sempre.

Talvez todos fossem vítimas da mesma maldição, afinal: todas as moças da lista, as noivas seduzidas e condenadas a passar a eternidade naquele purgatório sobrenatural subaquático; e o próprio Robert Griplen, condenado a vagar eternamente entre sua mansão submersa e as ruas de Salem, sem jamais encontrar a mulher que realmente amava, mas vê-la no rosto de cada moça, todos os anos, para sempre, ceifando a cada ano uma vida, e tornando-se cada vez mais amargo. Quem sabe a própria Lucy, a noiva que ele buscava tão

desesperadamente, tenha sido outra vítima dessa maldição: amargurada e devastada, porque tudo o que ela amava estava morto, e seduzida pela morte para buscar uma promessa que tinham feito, e que aparentemente não foi cumprida. E também havia Emily, a irmãzinha amada, cuja marca protetora acabou por, acidentalmente, prendê-la junto nesse inferno.

Toda essa constatação era de uma ironia grotesca. Pois aparentemente a causa de toda essa aura trágica que envolvia Salem era algo que deveria somente fazer bem às pessoas: o amor. O amor que deveria ter unido Robert Griplen à sua noiva em março de 1646, e o amor invocado e gravado nas portas para proteger Robert e Emily da morte, era também o responsável, e quem sabe, o catalisador de toda essa maldição. Não por conta própria, evidentemente. Em algum momento, o poder das trevas que fluía na família Griplen corrompeu todo esse amor, e o transformou em morte e em punição.

O inferno não era o *lugar* onde estavam presos; o inferno era *estar preso* com tudo o que ama ao seu redor, sem jamais poder encontrar.

– As sereias que vimos lá embaixo não pareciam felizes – observou Susan, exalando um suspiro pesado.

– Nem infelizes, tampouco – disse Anne.

– Quem sabe? Todas elas sentiram por ele a mesma coisa que você está sentindo agora. Todas elas o amaram. Provavelmente ainda amam.

– Mas ele *me* ama!

– Eu sei – disse Susan, agora recordando as palavras que o próprio Robert Griplen lhe dissera, quando o confrontara no penhasco. – E ele vai amar você até a noite de núpcias; até perceber que você não é a noiva dele.

– Você está sendo tola! – resmungou Anne, aborrecida.

– Ele mesmo me disse – confessou Susan. E alertou, num tom muito severo: – Se mergulhar do penhasco, você terá o mesmo destino das outras duzentas sereias que vimos lá embaixo. Ele amará você por uma noite, e em seguida irá desprezá-la. Mas então será tarde demais para voltar à superfície.

– Mentira sua! – rosnou Anne, como uma criança birrenta.

– Você ficaria presa no inferno dele para sempre – prosseguiu Susan, sem se permitir fraquejar por magoá-la. – Com todas aquelas quase duzentas mulheres que também o amam, e que nunca o terão novamente, porque nenhuma delas é a noiva dele. E nem você!

Anne tapou os ouvidos com as duas mãos para não ter que ouvi-la, mas Susan puxou violentamente seus braços, prendendo-os em seu colo. Contudo, sabia que não era possível argumentar. Ela, assim como a irmã, sabia o quanto a paixão por Robert era irresistível e dominadora.

Então deu um suspiro impotente.

– Ela estava grávida... – disse Susan, sem pensar direito se devia ou não compartilhar essa informação com a irmã. – Lucy Croft, a noiva original.

– Como sabe disso? – perguntou Anne, encarando a irmã na escuridão.

– A carta de suicídio dela está guardada na igreja, junto com os registros de todas as mortes das garotas da lista. Na noite que pulou do penhasco, Lucy havia perdido o bebê...

– Que coisa horrível... – sibilou Anne, retornando à melancolia.

Um silêncio desconcertante se seguiu por minutos que pareceram eternos.

– Você também o ama – disse Anne, tornando a virar o rosto em direção à irmã. Não era uma pergunta; nem uma acusação.

Susan ponderou por um momento, debatendo consigo mesma como deveria responder a isso. Mentir seria o mais sensato, embora ela tivesse certeza de que Anne seria capaz de perceber. Não houve uma vez sequer em toda a vida que Susan tenha conseguido enganá-la.

– Sim, eu o amo – admitiu Susan, num sussurro quase inaudível.

E outra vez o silêncio se arrastou por segundos torturantes, até que Anne sibilou:

– Você pularia do penhasco por ele?

A pergunta pegou Susan completamente desprevenida. Sobretudo, porque seu coração não tinha dúvida quanto à resposta.

No entanto, antes que ela se forçasse a responder – com uma mentira desta vez –, Susan acordou subitamente, recostada no banco duro do saguão, encarando com desespero o relógio à sua frente: onze e vinte e três.

Olhou rapidamente ao redor, e nada parecia ter mudado. O único funcionário no saguão estava meio adormecido, e um silêncio profundo e desesperador preenchia aquelas paredes.

Susan jogou a cabeça para trás no encosto do banco e passou a mão na cabeça, penteando os cabelos para trás com um gesto nervoso. O sonho parecera tão real... Como se tivesse, por alguns minutos, saído de seu corpo, e entrado na cela onde sua irmã estava presa, para ter com ela uma conversa franca, que ela temia que fosse a última.

A última pergunta que Anne fizera pairava em sua mente, ecoando e girando vertiginosamente dentro de sua cabeça. E como para acentuar essa vertigem, ela se lembrou da tranquilidade com que Anne falara de seu amor pelo homem que poderia, naquela mesma noite, se tornar seu assassino. Soara tão inocente, e ao mesmo tempo, tão definitivo. Isso era o tipo de coisa que os bardos não contavam em suas histórias: sobre como, algumas vezes, o amor e a morte podem estar diretamente entrelaçados. Ninguém a tinha preparado para essa descoberta. Tampouco estava preparada para reconhecer o quanto seu próprio coração estava atrelado a esse amor e a essa morte.

Sua consciência pairava de uma maneira etérea, mal podendo sustentar seus olhos abertos por muito tempo, mas o suficiente para que ela lutasse para não adormecer novamente. Em questão de segundos, porém, esta luta foi novamente perdida.

Estava certa de ter somente pestanejado, embora todo o seu corpo, e, sobretudo, sua mente, tenham sido envolvidos por um absoluto torpor.

Susan não poderia precisar quanto tempo se passou: podem ter sido somente alguns segundos, ou uma infinidade de horas. E

então ela ouviu uma voz melodiosa varrer seu sonho para longe, sussurrando em seu ouvido:

– *Ele procura uma noiva...*

Em seguida a imagem de Anne surgiu à sua frente. Ela estava vestida de branco, exibindo um sorriso sereno e radiante. Valsava nos braços de um homem. Ele não tinha mais do que vinte anos, e também estava sorrindo. Era um sorriso com o qual ela própria havia sonhado inúmeras vezes, quando acreditava pertencer a um homem comum, reles funcionário da casa alfandegária, chamado Roger Bellingham. Mas agora, o sorriso que por tanto tempo lhe fascinara, parecia vil e demoníaco.

Atrás deles, com um brilho agoniado maculando seus lindos olhos azuis, a minúscula imagem de Emily Griplen encarou Susan, sussurrando um pedido de socorro.

– Eles vão se casar esta noite – disse a pequena Emily, mais com os olhos do que com os lábios. – Ele fará mais uma noiva!

“*Não se eu puder impedir*”, garantiu Susan, com o pensamento, sem forças para mover os lábios.

– É tarde demais! – sentenciou Emily.

O corpo de Susan pulou num espasmo quando ela acordou. O relógio marcava meia-noite e quatro – os primeiros minutos do dia 24 de março de 1846; Susan e Anne tinham agora dezessete anos completos.

– Feliz aniversário, Anne – murmurou Susan, para si mesma, endireitando-se lentamente sobre o banco.

O funcionário, que ela agora percebia que era um enfermeiro, permanecia adormecido atrás do balcão, de onde ela estava certa que ele não conseguia vê-la direito. Felizmente, pois ela tinha desabado pateticamente com a cabeça no assento, quase se deitando sobre o banco duro do saguão do sanatório, e seu pescoço agora doía ligeiramente por causa da posição desconfortável. Ela ajeitou a postura e começou a massagear o pescoço dolorido, arrumando suas vestes, para se assegurar de não ter ficado exposta durante o cochilo.

Uma brisa morna veio ao seu encontro, carregada de um inebriante odor de jasmim. E então o coração de Susan congelou

no peito. Ela ergueu os olhos; a porta de entrada estava escancarada; e Susan não pôde conter o grito.

O funcionário despertou assustado, e se levantou para acudi-la, no mesmo instante em que ela disparou pelo corredor, e desceu ao subsolo em direção à cela onde sua irmã deveria estar trancada.

– Senhorita! – gritou o enfermeiro, correndo atrás dela. – Aonde vai? Esta área é restrita...

Mas então ele estacou pouco antes de alcançá-la, e pelo mesmo motivo que ela também se detivera horrorizada: a porta de ferro estava aberta, e a cela de Anne completamente vazia. A camisa-de-força em que a tinham imobilizado jazia miseravelmente rasgada no chão, como se tivesse sido destruída pelas garras de um animal selvagem.

– Santo Deus! – exclamou o enfermeiro, estupefato, correndo para pedir ajuda e organizar uma busca pela paciente desaparecida.

Susan também correu, mas não iria esperar por notícias. Sabia exatamente onde sua irmã estava, mas ninguém acreditaria, e ninguém lhe ajudaria a resgatá-la. Era mais provável que a trancassem na mesma cela de onde Anne fugira, se ela contasse aquela história absurda. A última coisa que ouviu, antes de sair correndo pela porta da frente do sanatório, foi a voz do Dr. Pryne, aturdido, praguejando uma maldição.

Susan estava consciente de que mal tinha conseguido respirar por todo o caminho até o penhasco. A lua cheia brilhava no ápice, pairando majestosamente sobre o mar de Salem, exatamente como nas noites anteriores, quando mergulharam dali para explorar a mansão, mas desta vez um suave brilho avermelhado manchava a superfície da lua, como um filete de sangue.

O Reverendo Bishop, que aparentemente já previa que a tentativa de internação seria inútil, estava lá em cima, profundamente adormecido junto a uma pedra. Susan tentou acordá-lo, gritando seu nome e sacudindo seu corpo desesperadamente, no entanto, embora respirasse normalmente, seu sono era tão profundo que era como se ele estivesse morto.

– Por favor, acorde! – clamou Susan, sacudindo o corpo do tutor com desespero.

E virando o rosto para o mar uma vez, gritou furiosamente:

– Para com isso, Robert! Deixe-o despertar!

Susan bateu no peito do Reverendo com insuportável aflição, até finalmente perder as forças.

– Por favor... – sibilou, caindo um instante sobre o corpo do religioso. – Acorde...

Mas ele não se moveu. Seu peito subia e descia conforme respirava, entorpecido num sono tranquilo e letárgico.

Então Susan se convenceu de que era inútil tentar acordá-lo. Só tinha uma coisa a fazer, e era sua última chance de salvar a vida de Anne. Ela encarou as pedras lá embaixo, sendo golpeadas com toda a força pela água, e tomando fôlego como se respirasse pela última vez, pulou.

A queda durou os mesmos segundos exatos das outras vezes, e quando a água a envolveu, a magia que ela havia sentido nas outras noites a envolveu junto, permitindo que ela respirasse, mesmo não estando com a irmã.

Ela nadou o mais rápido que pôde, até avistar o brilho dourado das caudas das sereias à roda da mansão. Todas elas observavam de longe, com uma expressão pesada, como se lamentassem pela vida da nova jovem que sucumbiria naquela noite ao mesmo destino que elas tiveram.

O interior da mansão agora estava completamente iluminado, todas as velas acesas nos castiçais.

Susan se aproximou de uma sereia de longos cabelos castanhos, cheios de cachos, e olhos verdes de gato, que estava ao lado da loira que tentou tirar o diário das mãos de Anne – como ela queria agora que a sereia tivesse conseguido...

– Onde está a minha irmã? – interrogou, sem hesitar.

A sereia a encarou, como se sua presença ali causasse surpresa, e todas pareceram compartilhar da mesma sensação.

– Ela está lá dentro – respondeu a sereia, apontando com a cabeça para a mansão, e dando um suspiro enciumado. – É a noite das núpcias.

Com o coração batendo acelerado no peito, Susan nadou depressa até as portas da mansão, apesar dos gritos de protesto das sereias, e tentou forçar a maçaneta, mas a porta sequer tremeu com seus golpes. Parecia ter se tornado parte da parede.

– Abra a porta, Robert! – gritou Susan, esmurrando a madeira.

Mas lá dentro, Robert e Anne apenas se olhavam, de mãos dadas, enquanto ele acariciava suavemente o rosto dela, ignorando completamente o mundo à sua volta.

Susan insistiu, inutilmente, por vários dolorosos minutos. Nadou até uma das janelas do primeiro andar, e tentou quebrar os vidros para entrar na casa, mas novamente se frustrou. A mansão parecia uma fortaleza impenetrável e indestrutível.

Então, Susan se afastou da casa, com o coração destroçado, o rosto coberto de lágrimas, e tornou a se dirigir à mesma sereia de cabelos cacheados.

– Qual delas é você? – perguntou Susan, como se não fosse estranho ela saber exatamente a origem delas.

– Anatole – respondeu a sereia, sem hesitar.

Susan sentiu um calafrio. Aquela era a sereia que estava lá embaixo havia mais tempo. Exatamente quem ela queria encontrar.

– Ainda há tempo para salvá-la? – perguntou, esperançosa.

A sereia lançou um olhar penoso para a mansão, pensando em como iria responder a algo que Susan já concluía por si.

Teve o vislumbre do rosto da sereia de cabelos loiros ao lado de Anatole, e de repente reconheceu o rosto de Lizbet na névoa de suas lembranças. Queria dizer algo a ela; talvez contar que a mensagem que ela deixou ainda ecoa pela cidade, apregoada nos últimos dez anos por sua mãe, mas no fundo não tinha coragem de revelar à sereia o destino de Norma Sofer. Se conseguisse dizer algo, ela provavelmente só iria agradecer por Lizbet ter deixado aquele aviso, ajudando a identificar os sintomas exatos da peste e revelando sua origem, ainda que ninguém lhe tivesse dado ouvidos.

No entanto, foi a bela sereia de olhos amendoados ao lado dela que cativou sua atenção.

– Conheço o seu rosto... – disse, pondo-se diante dela. – Lucy Croft!

O rosto que Robert desenhara com tanta insistência com carvão em seu diário, agora estava colorido à sua frente. Susan deixou seu olhar vaguear um instante, deslumbrada com a exuberante pele de bronze que a sereia exibía, cintilando na débil luz do luar.

A sereia assentiu, com uma solenidade exausta.

– Você não pode fazer nada? – suplicou Susan.

Lucy balançou a cabeça de um lado para o outro.

– Eu já tentei me aproximar dele milhares de vezes – contou Lucy. – Ele não consegue me ver. Há uma espécie de névoa cegando os olhos dele diante de mim.

Susan franziu o cenho, e Lucy deu um suspiro pesado.

– Eu não sei exatamente o motivo disto – prosseguiu Lucy. – Mas desconfio de um pássaro que caiu morto diante de nós uma vez. Um corvo. Suspeito que seja obra do pai dele; ele nunca aprovou o nosso amor.

Susan assentiu. Lembrava-se de Robert ter dito algo sobre isso quando o confrontou no penhasco. E seu coração inexplicavelmente se compadeceu da sereia.

– Eu me pergunto: se eu tivesse esperado pelo ano seguinte, talvez ele tivesse me atraído em lugar de Anatole? – murmurou Lucy, com os olhos perdidos na imensidão azul, velados de lágrimas. – As coisas seriam diferentes? Nossa promessa de amor teria se cumprido? A promessa de passarmos a eternidade juntos... Juntos de verdade, não apenas presos no mesmo inferno. – Ela baixou os olhos, e então a lágrima escorreu grossa e pesada por seu rosto. – Acho que nunca vamos saber. – E tornou a erguer o olhar para a mansão, jogando a cabeça para trás, fazendo os cabelos escuros e cacheados ondularem na água. – Quem sabe foi precisamente o meu suicídio o que desencadeou isso tudo? Eu me joguei no mar, esperando poder descansar ao lado dele, e em vez disso, me tornei essa criatura perdida; nem viva, nem morta... Mas incapaz de encontrá-lo. A eternidade acabou sendo longa demais para nós dois.

Sua voz se perdeu como um lamento no oceano.

Susan olhou para a mansão, e de uma das janelas da grande sala, teve o vislumbre da dança nupcial. Anne estava linda como nunca, valsando nos braços de Robert; sua noiva eterna naquele palácio submerso.

Uma pontada fria de inveja ardeu no coração de Susan, sem que ela conseguisse compreender exatamente o motivo. Não era simplesmente o eco de sua antiga paixão por Roger Bellingham, mas uma fascinação obsessiva que ardia em sua alma e prendia sua vontade à imagem de Robert Griplen valsando no salão.

– O amor dele enlouquece – disse Lucy, agora olhando diretamente nos olhos de Susan. – Enlouqueceu todas nós... E o enlouqueceu também. Não permita que faça o mesmo com você.

As palavras da sereia calaram fundo no coração de Susan, enquanto ela assistia o próprio desejo sendo vivenciado por Anne naquele exato momento. É claro que todas aquelas mulheres eram capazes de perceber seus sentimentos por aquele homem amaldiçoado, pois todas elas o cobiçavam com a mesma paixão.

– É tarde demais para ela, mas você ainda tem uma chance! – alertou Lucy, com veemência, trazendo-a de volta de seus devaneios. – Você precisa ir embora de Salem! Vá para o interior do continente, bem distante do mar. Talvez assim ele não possa te encontrar...

Todavia, Susan se esqueceu de cada palavra de Lucy assim que ela as pronunciou. Foi convencida pelas sereias a voltar para a praia, mas não deixaria a cidade. Tinha agora um motivo muito forte para ficar.

Quando o dia amanheceu, Susan estava diante do penhasco de onde sua irmã mergulhara para nunca mais retornar à superfície. O Reverendo já havia ido embora, possivelmente verificar se elas estavam bem no sanatório, e certamente, a esta hora, a Sra. Garber estaria desesperada.

O mar rugia lá embaixo, e batia nas pedras com força. Susan deu um suspiro ao ouvir uma voz suave e aveludada chamando seu nome, como se viesse ao seu encontro trazida pelo vento.

Ela tomou nas mãos o diário de Robert Griplen, que ela mesma, ou a irmã – suas lembranças agora estavam um pouco

confusas – deixara para trás, escondido debaixo de uma pedra na beira do penhasco, e um pedaço de carvão, deixado ali sem nenhum motivo aparente, e começou a escrever:

"Breve o marido de Anne virá me buscar... Eu sou sua noiva! E na próxima primavera eu estarei aqui lhe esperando, Robert. Mas enquanto a primavera não chega... Te encontro nos meus sonhos".

BÔNUS



PARTE II
EXPIAÇÃO



*“Há muita coisa mais no céu e na terra,
do que sonha a nossa pobre filosofia”.*

— William Shakespeare



CAPÍTULO 15 – FOGUEIRA

Salem, Massachusetts, 1692

– Ele vem como um fantasma de noite, vagando pela cidade, em busca de uma mulher para amar – disse Tituba³, a escrava, em tom de mistério, a três meninas reunidas em volta da fogueira. – Ninguém o vê; ninguém percebe sua presença, exceto suas escolhidas. E durante um ano ele as seduz, como o noivo perfeito cortejando suas noivas. Até a noite das núpcias. Pois para se tornarem esposas dele, as escolhidas precisam abrir mão de suas vidas, e isso não é uma metáfora. O amor desse homem é mortal. Pois assim como aconteceu com a mulher que ele amou em vida, deve acontecer com todas as mulheres que ele amar depois dela: o casamento com Robert Griplen é oficiado pela morte.

As meninas a encaravam a um só tempo fascinadas e horrorizadas.

– Mas vocês, minhas queridas, não precisam se preocupar com isso – prosseguiu a escrava. – Pois vocês ainda são jovens demais para se tornarem noivas dele.

– Por que ele não ficou com a noiva que ele amou? – perguntou uma das meninas, hesitante. – Ela não quis abrir mão da vida dela por ele?

– Ao contrário – disse a escrava. – Ela foi a primeira a abrir mão da própria vida pelo amor de Robert. Ela se lançou do penhasco, de onde depois todas as noivas têm se atirado nesses quase cinquenta anos. Mas, para ela, a morte não foi uma aliança de casamento com ele; foi uma tentativa de findar suas dores. Na noite em que se atirou do penhasco, o coração dela estava partido, porque naquela noite ela havia dado à luz o filho morto de seu amado.

– Que história triste – lamentou a menina.

3 Personagem real, a primeira pessoa a ser acusada de bruxaria, no episódio de histeria que ficou conhecido como “Julgamento das Bruxas de Salem”.

– Sim, minhas queridas. É muito triste, realmente. E o pior é que nenhuma dessas noivas teve um final feliz. Nem ele, tampouco.

– E não há mais esperança? – perguntou outra das meninas.

– É claro que há esperança! Sempre há! Todas essas noivas e também o próprio Robert Griplen poderão descansar em paz no dia em que a maldição for quebrada.

– E quando será? – perguntou a menina, esperançosa.

– Infelizmente, eu não sei. Foi o amor, e o uso imprudente do poder das trevas que causou essa maldição. Só uma força muito poderosa pode quebrá-la. Mas não dá para prever quando isso vai acontecer.

– Mas que força pode ser maior do que a que causou essa maldição? – indagou uma das meninas, cética.

– Nada é mais poderoso do que o amor, minhas queridas.

– Mas, se foi o amor que provocou tudo isso... – começou a menina, confusa.

– Os feitiços funcionam de uma maneira engraçada: às vezes, pode-se usar a mesma essência que o criou para desfazê-lo.

– Então, o amor pode quebrar a maldição?

– Receio que seja um pouquinho mais complicado que isso. Sabem... O amor de Robert por sua noiva original era algo incomparável. Ele a amou com toda a sua alma, e estava disposto a sacrificar tudo e abrir mão de tudo por ela. Somente um amor tão forte quanto esse poderia vencer a maldição. Mas para quebrá-la, não basta. As trevas selaram seu destino, e ao fazer isso, transformaram todo aquele amor tão lindo numa coisa abominável. Então, para quebrar a maldição, primeiro é preciso vencer as trevas.

– E como se combate as trevas? – perguntou a menina cética.

Antes, porém, que Tituba pudesse responder, os pais das meninas se aproximaram do pequeno círculo que a escutava em volta da fogueira, esbravejando contra a escrava, e acusando-a de estar enchendo a cabeça das garotas com histórias pagãs.

Tituba foi levada de volta à casa de seu dono, Samuel Parris⁴, pai de uma das meninas a quem a escrava contou a história dos Griplen, e severamente castigada.

Algumas noites depois, todas as meninas que a ouviram contar a história em volta da fogueira sofreram casos de sonambulismo e febre, e, pela manhã, alegaram terem sido visitadas pelo espírito de Robert Griplen e possuídas por ele. Embora todos na cidade soubessem que ele somente seduzia mulheres da idade de sua noiva, e entre as meninas não houvesse nenhuma maior de doze anos, acusaram Tituba de ter enfeitado as meninas, e invocado o espírito de Robert Griplen para perturbá-las.

A escrava foi enforcada no dia 31 de outubro de 1692.

Em 24 de março do ano seguinte, Agatha Sewall⁵ foi levada pelo espírito de Robert Griplen para o fundo da baía de Salem. Ela nunca ouviu palavra alguma dita por Tituba. Coincidência ou não, Agatha era a única filha do juiz que condenou a escrava à morte.

4 Personagem real, cuja filha, Betty, foi uma das principais testemunhas de acusação no Julgamento das Bruxas.

5 Samuel Sewall (1652-1730) foi um juiz de Massachusetts, responsável pelo Julgamento das Bruxas de Salem. Agatha, porém, é uma personagem fictícia.

CONTINUA...

Site da autora:

autoratalitavasconcelos.wordpress.com

Facebook do Livro:

<https://www.facebook.com/AsNoivasDeRobertGriplen/>

Skoob da autora:

<http://www.skoob.com.br/autor/11771-talita-vasconcelos>

Skoob do livro:

<https://www.skoob.com.br/as-noivas-de-robert-griplen-405742ed460296.html>

A AUTORA



Imagem: Talita Vasconcelos

Talita Vasconcelos nasceu na Vila Mariana, em São Paulo, mas atualmente mora em Atibaia, interior de São Paulo.

Sempre estudou em escolas públicas, tendo sido uma aluna regular.

Leitora precoce – pelo que consta de histórias maternas, leu sua primeira palavra aos dois anos de idade –, decidiu aos dez anos que os desenhos de moda não passavam de um hobby, e que sua verdadeira paixão era escrever histórias.

Embora tenha sido publicada inicialmente pela Editora Desfecho, desde 2019 a autora passou a editar suas próprias obras de forma independente.

Sua estreia como editora foi o romance *As Noivas de Robert Griplen* (2019). Re-editou também os romances anteriormente publicados pela Desfecho: *Alma de Rosas* e *Raptada* (2019).

OUTRAS OBRAS:

ALMA DE ROSAS



ALMA DE ROSAS

Autora: Talita Vasconcelos

Páginas: 262

Gênero: Romance

Ano: 2015

Disponível em Edição Física e E-book

SINOPSE:

Desde que Alessandro regressou, Elizabeth perdeu a paz. Ela nunca acreditara em amor à primeira vista, até ter a sensação. Se ao menos ele não tivesse se apaixonado primeiro por sua irmã, Simone... E se não fossem as cartas de Elizabeth as

responsáveis por esse amor...

Talvez fosse melhor contar de uma vez à Simone sobre a traição de Alessandro, e confessar como ele a seduziu, mas a simples hipótese de magoá-la é insuportavelmente dolorosa para Elizabeth.

À medida que o casamento da irmã se aproxima, ela tenta anestesiar a dor na companhia de um novo amigo. No entanto, mesmo a certeza de que ele é o homem ideal, não parece suficiente para convencer seu coração.

Afinal, qual será o melhor caminho a seguir: suportar em silêncio a culpa por ter traído sua irmã, e abrir mão do homem que ama? Aceitá-lo e perder o carinho de Simone para sempre? Ou dar uma chance de verdade ao amigo apaixonado?

TRECHO DO LIVRO:

“Que terrível tormento que não cessa... Como eu pude me apaixonar por aquele homem?... O único para quem eu não podia sequer olhar, e que eu sei que jamais poderei ter em meus braços novamente.

Seria tudo tão simples se os corações só pudessem se unir a um amor correspondido.

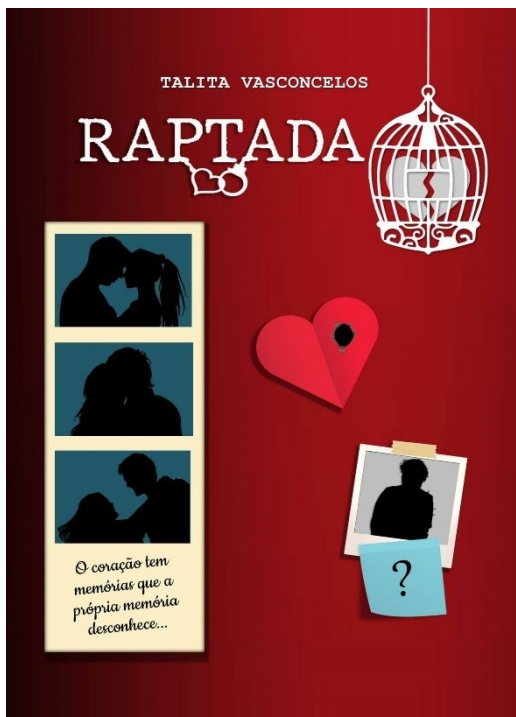
O Alessandro é meu martírio, e meu bálsamo; o soro da vida e a gangrena da morte; e Simone é o frasco que nos separa. Mais duro do que saber que eles estão destinados a ficar juntos, é saber que foram as minhas palavras as responsáveis por uni-los.

Minha alma é como uma rosa... As mãos que plantam não são as mesmas que desfrutam. Outras mãos a levam para oferecer a alguém querido. E quem a recebe não vê a mão de quem a fez tão bonita. Só a pessoa que a oferece com carinho.

Eu despi minha alma no papel, e semeei o amor em versos e frases cheias de paixão, anônimas, para que Simone as assinasse, e as oferecesse ao Alessandro.

Uma rosa delicada e deslumbrante como qualquer outra. Com as pétalas acaricio o coração dele, e com os espinhos despedaço minha alma...”.

RAPTADA



RAPTADA

Autora: Talita Vasconcelos

Páginas: 340

Gênero: Romance

Ano: 2017

Disponível em Edição Física e E-book

SINOPSE:

Sarah está trancada numa casa no meio do nada; refém de um desconhecido que não pensa fazer contato com sua família, nem pedir resgate. Ele diz que a conhece, e, embora ela não tenha nenhuma

lembrança sua, é fato inegável que ele parece conhecê-la melhor do que ninguém.

Ela tem medo, porque não sabe exatamente o que ele quer, nem por quanto tempo está disposto a esperar que ela ceda por conta própria. Mas principalmente, porque seus sentimentos por ele estão se afastando do desespero pela liberdade, e ele está lentamente ganhando seu coração. Sobretudo porque só o que ele pede é que ela confie nele.

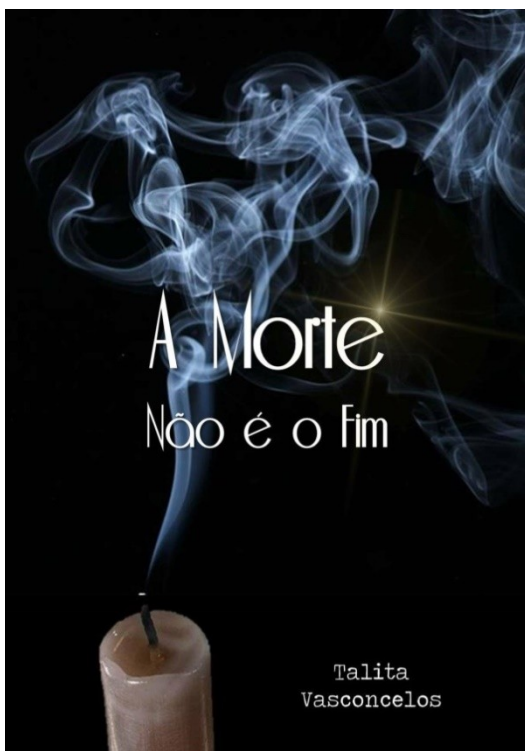
Sarah não imagina a teia de mentiras que envolve os últimos dois anos de sua vida: uma trama criada por uma mente paranoica, supostamente para protegê-la. E a verdade lutando para se revelar. Da maneira mais tortuosa, ela reencontrará uma parte de sua vida que nem mesmo sabia que estava perdida, mas inexplicavelmente sentia falta. Porque a verdade é que talvez o coração tenha memórias que a própria memória desconhece...

TRECHO DO LIVRO:

“Tudo isso é absurdo. Até a amnésia tem limite! Eu poderia ter esquecido quando tomei um Cosmopolitan pela primeira vez, mas não esqueceria alguém que eu tivesse amado. O amor não é uma lembrança, é um sentimento. O acidente poderia até ter apagado várias lembranças da minha cabeça, mas seria possível também ter apagado um amor do meu coração?

Não... Não me parecia possível. Eu não poderia ser a Sarah que lhe dera aquele livro, com uma dedicatória tão linda e tão apaixonada, embora E O Vento Levou fosse um dos meus livros favoritos, que eu certamente daria de presente a alguém que eu amasse. Eu não poderia ser a Sarah que ele tinha tatuado de uma maneira tão poética em seu braço. Eu não poderia ser a sua Sarah. Se fosse, eu certamente não teria esquecido o meu Enzo”.

A MORTE NÃO É O FIM



A MORTE NÃO É O FIM

Autora: Talita Vasconcelos

Páginas: 158

Gênero: Antologia de Contos

Ano: 2013

Disponível em Edição Física e E-book

SINOPSE:

Será que a morte é realmente o último estado? Ou é o momento de purgar os erros da vida?

Do suspense de um possível assassinato ao humor negro no velório de um matador profissional,

a autora nos leva através de cinco narrativas que procurarão demonstrar como às vezes a vida e a morte se confundem numa linha tênue.

Livro composto pelos contos:

O Finado Cantareira

Os primos Hugo, Pedro e Lígia são surpreendidos com a morte repentina de seu tio, o milionário Aurélio Cantareira. E enquanto aguardam a chegada do médico para atestar o óbito, eles acusam uns aos outros na tentativa de descobrir como morreu seu estimado tio, e eventualmente, quem o matou.

O Poeta do Cemitério

Crianças deveriam ter medo de entrar em cemitérios. Ainda mais no meio da noite. Mas não a pequena Miranda. Sobretudo estando em companhia de um poeta, ouvindo sua desventurada história de amor.

A Morte Não é o Fim

O conto que dá título ao livro, narra a história de dois irmãos: Jim tem o rosto idêntico ao de seu irmão Matt, e também ama a mesma mulher; uma dessas coisas, ou talvez as duas, pode agora ser sua perdição.

Quarto 214

O que levaria o gerente de uma espelunca de beira de estrada a revelar o segredo mais tenebroso de seu estabelecimento a um repórter? Talvez haja mais mistérios entre a recepção e o quarto 214 do que sonha nosso jovem espectador...

Aconteceu Na Véspera de Finados

Já parou para pensar no que aconteceria se o defunto decidisse retornar do além para assistir ao próprio funeral? Alguns, certamente, teriam motivos para querer arrastar quatro ou cinco parentes consigo.

Participações especiais do ilustríssimo senhor Barão de Ajuricaba e do inconveniente tarado da cortina.

SE CONTAR, NINGUÉM ACREDITA NO QUE ACONTECEU NESSE NATAL



SE CONTAR, NINGUÉM ACREDITA NO QUE ACONTECEU NESSE NATAL

Autora: Talita Vasconcelos

Páginas: 138

Gênero: Humor

Ano: 2017

Disponível em Edição Física e E-book

SINOPSE:

O que você espera que aconteça numa véspera de Natal é reunir a família, encher a pança de panetone, rabanada e outras gostosuras, brindar com aquele vinho comprado para ocasiões

especiais...

Mas...

O que realmente acontece? Pode ser literalmente qualquer coisa!

Na melhor das hipóteses, pode rolar uma substituição de última hora no amigo secreto, sua vaga na garagem é interditada por uma árvore de natal, alguém tem o carro roubado pela quadrilha do Papai Noel, e o peru da ceia de repente decide dar uma voltinha e sai voando pela janela...

Ah... Melhor contar essa história do princípio, porque nesse natal aconteceram coisas que, se contar, ninguém acredita!

TRECHO DO LIVRO:

– Hã... Onde está o cidadão que deveria estar deitado aí? – perguntei, cautelosamente, assim que Pedrão se voltou para dentro do apartamento e apertou os lábios com cara de culpado.

Aliás, eu disse cara de culpado? Perdão... Quis dizer cara de MUITO culpado.

– O quê que foi, gente? – perguntei de novo, com um alarme disparado dentro da cabeça. – Cadê o peru?

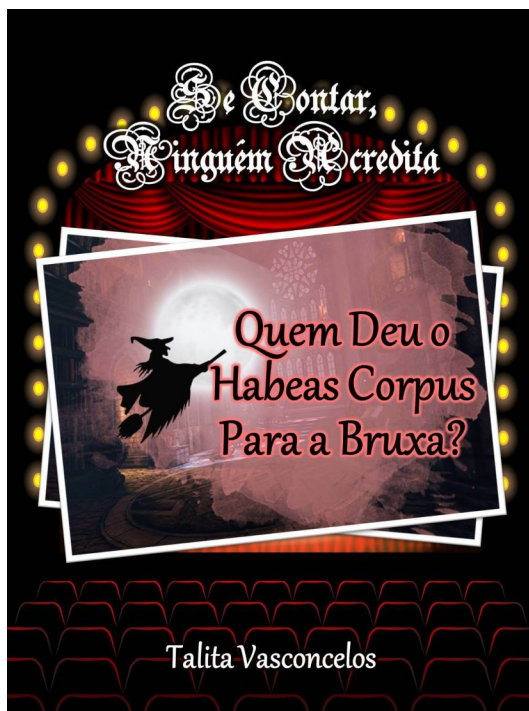
Pedrão ergueu um braço e coçou a parte de trás da cabeça, nervoso. Cristiana fez uma careta nervosa. Valentina virou a cara para o forno quando tentei olhar para ela. Até o Piripaque pareceu se encolher no colo dela.

– Sabe o quê que é...? – Pedrão hesitou. – O peru estava assim, meio agitado... E decidiu sair voando... Pela janela...

Eu o encarei incrédula. Queria rir. Queria chorar. Queria gravar aquela cena para rir mais tarde. Queria matar o cidadão que estava se escondendo atrás da travessa vazia que poderia servir como prova ou arma do crime, eu ainda estava tentando decidir. Queria pular da janela também para não ter que explicar ao Casanova o que foi que aconteceu com o peru que ele comprou. Queria saber o motivo da gritaria lá embaixo. Será que os mendigos pularam o muro do condomínio para disputar as coxas do peru suicida?

Não. Suicida, não. O bicho não se jogou, foi um homicídio! Homicídio doloso! E em plena véspera de natal, atirar um peru assado pela janela do oitavo andar é crime inafiançável! E passível de prisão perpétua! Ou cadeira elétrica! Ou de uma vassourada na cara!

QUEM DEU O HABEAS CORPUS PARA A BRUXA?



QUEM DEU O HABEAS CORPUS PARA A BRUXA?

Autora: Talita Vasconcelos

Páginas: 82

Gênero: Humor

Ano: 2017

Disponível em Edição Física e E-book

SINOPSE:

Era tudo muito simples: noite de estreia do espetáculo especial de Halloween no Teatro Máscaras, situado num casarão mal assombrado no ABC Paulista. Mas

noites de estreia nunca são coisas simples para este pequeno e desventurado Grupo Teatral.

De posse do indulto de Dia das Bruxas, a bruxa realmente esteve à solta, bagunçando os bastidores e o espetáculo dessa galera, causando as confusões mais inacreditáveis.

Os personagens de *Se Contar, Ninguém Acredita No Que Aconteceu Nesse Natal* agora vão aprontar todas no Halloween, e mostrar com quantos monstros se bagunça uma peça teatral.

TRECHO DO LIVRO:

“Em circunstâncias normais, deveríamos questionar como alguém encaixaria um novo personagem numa peça na noite de estreia, com um número considerável de pequenas alterações para memorizar no último minuto, e com a crítica mais rabugenta da região confirmada na plateia; mas nos meus quase seis anos de Grupo Máscaras aprendi a não duvidar de nenhum plano maluco dessa galera. Porque, no fim, dando certo ou errado, de qualquer modo Dona Silvia Rosenthal vai falar mal da gente. E como sempre, a crítica dela será lida e depositada na pilha das opiniões ignoradas.

Assim sendo, estávamos prontos para entrar no palco.

Tínhamos um Drácula gripado, um Frankenstein com nariz machucado, uma Múmia paralítica, uma noiva para dois monstros e uma Cruella improvisada. Vamos na fé, porque na sorte está difícil.

Unimos as mãos.

– *MERDA!*”

QUARENTENA FAZ COISA



QUARENTENA FAZ COISA

Autora: Talita Vasconcelos

Páginas: 86

Gênero: Humor

Ano: 2022

Disponível em Edição Física e E-book

SINOPSE:

Com a cachaça fazendo coisa a gente já está acostumado, mas isolamento social é tão enlouquecedor quanto. Vamos dar uma espiada em como a Emanuely está se saindo nesse isolamento social, iniciado no

final de março de 2020.

Quarentena também faz coisa que, se contar, ninguém acredita. Dá só uma olhada no diário dela.

Só não contem que fui eu que peguei.

Um relato fictício – porém, realista – sobre o isolamento social durante a pandemia do novo coronavírus. Vamos acompanhar dia a dia como Emanuely e seus amigos da série *Se Contar, Ninguém Acredita* estão enfrentando esse confinamento.

Um toque de humor para descontrair esse momento tão complicado da História.

Ria! Ria muito! Porque esse ainda é o melhor remédio.

TRECHO DO LIVRO:

“Praticamente umas férias. Vai durar o quê? Uma semaninha... Quinze dias... Já, já a vida volta ao normal”.

[...]

Várias semanas depois:

“Já li tudo o que tinha parado na estante. Já escrevi seis roteiros. Já comi tudo o que tinha na geladeira. Engordei quatro quilos. Minha rotina de malhação foi para as cucuias. Meu cabelo com a progressiva atrasada está sendo confundido com uma palha de aço. E meu vizinho não para de escutar sofrência. Pai, por que nos abandonaste?”

CONTOS ONLINE:

Contos disponíveis para leitura gratuita. É só clicar nos títulos:

Teste de Espelho

Conto de Humor, que tem como tema o absurdo.

Sabe quando você compra uma coisa e ela dá defeito antes de usar? Frustrante, não é? Pois é... Daí você se lembra daquela velha recomendação de sempre testar o produto antes de sair da loja para não ter complicações futuras. E quando se fala nisso, deve-se considerar todo tipo de produto, mesmo aqueles mais improváveis. Como o espelho, por exemplo! Porque de repente o reflexo que ele vai mostrar pode não ser muito compatível com você...

Dorothy, A Estrela de Oz

Conto de Aventura

"Da estrada de tijolos amarelos...Para os palcos de Los Angeles!"
Releitura moderna do clássico *O Mágico de Oz*: Dorothy, agora uma famosa Pop Star, enfrenta dificuldades para fazer um show na Boate Oz.

Noite de Núpcias

Um breve **Conto de Vampiros**.

A Dama e o Valete

Conto Sobrenatural

"Uma dama fria, desprezada pelo marido. Um jovem valete, pronto a lhe dar o amor que seu marido não deu. Dizem que nem o inferno é tão ruim quanto uma mulher desprezada. Sobretudo se ela tiver um perigoso dom..."

Encontro Sombrio

Conto de Terror, sobre traição, ódio e vingança.

“Perto da meia-noite, um homem entra num bar, e se senta para beber com um desconhecido que tem o rosto escondido sob um capuz. Um deles parece com medo; o outro, entediado. E vão descobrir que de certos encontros simplesmente não se pode escapar...”

ATENÇÃO! Não leia este conto se você tiver nervos frágeis! Encontro Sombrio é um conto de TERROR, e pode conter cenas sádicas, e de violência extrema. Estou falando sério!

Lágrimas de Sangue

Poema Romântico, que faz parte do livro *Alma de Rosas*.

Sentimentos Guardados No Armário

Conto Romântico, sobre escolhas e arrependimentos.

Por Acaso – A História de Um Amor Encontrado

Conto Romântico

Uma breve história de amor, que aconteceu assim... por acaso...

Tudo Muda Num Segundo

Conto Romântico

“Quantas coisas cabem dentro de um único segundo? O mundo inteiro, se a gente parar para pensar. De um segundo para o outro pessoas nascem, pessoas morrem, pessoas se decepcionam, pessoas se apaixonam...”

Um texto reflexivo e romântico, que trata da influência do mais infinitesimal espaço de tempo na vida das pessoas.

Simples Assim

Conto Romântico

“Um primeiro encontro, com a simplicidade de um flerte, onde a espontaneidade se mostra mais sedutora do que cantadas mirabolantes”.

As Cores da Noite Eterna

Conto de Fantasia

Um policial corre para defender uma mulher que está sendo atacada dentro do trailer de um mágico. O que ele testemunha, porém, é uma horripilante manifestação sobrenatural.

Quando sua amada é raptada a mando do ardiloso Duque de Morgenstern, o mágico Dominic Green cruza o portal para o reino da Noite Eterna para resgatá-la.

Decidido a colaborar no salvamento da bela moça, o policial se alia a uma bruxa, numa perigosa aventura que pode quebrar uma antiga maldição, ou condenar todos eles a viver sob o domínio de um tirano.

Branca de Neve e a Rainha das Trevas

Conto de Fantasia

Era uma vez uma história que você já conhece: sobre uma Rainha que costumava consultar seu Espelho Mágico; uma Princesa que comeu uma maçã vermelha como sangue; e a inveja daquela que viu ameaçado o posto da mais bela de todas...

Tem certeza de que você conhece essa história? Porque nem tudo é o que parece...

Essa é a história de uma Feiticeira maligna que desejava ser Rainha; de uma Rainha que não era exatamente má; de uma maçã que não estava envenenada; e de uma Princesa que foi salva pelo Príncipe dos Ladrões.

E se você pensa que acabou por aí, se prepare, pois você está prestes a penetrar um reino assombrado pela Rainha das Trevas.

Chuva de Estrelas

Conto de Fantasia Medieval

Conto dos tempos da Cavalaria, que traz um capítulo desconhecido da lenda do Único e Eterno Rei.

É tempo de grandes realizações para o Rei Arthur: além de ter finalmente alcançado seu objetivo de unificar os Reinos da Britânia (antigo nome da Inglaterra Medieval), a Rainha Guinevere está à espera de seu primeiro filho – um bebê há muito desejado, e cuja esperança de conceber já se esvaía.

Uma grande celebração é preparada para a véspera do Ano Novo, na qual o Mago Merlim foi encarregado de orquestrar um maravilhoso espetáculo para os Monarcas e Nobres da Corte no Castelo de Camelot.

Mas os festejos, que podem coincidir com a chegada do herdeiro do Rei Arthur, estão ameaçados pela presença da pérfida Morgana, que não deseja que Arthur tenha outro herdeiro além do seu filho Mordred.

Conseguirá o Rei vencer esta ameaça, e proteger a vida de seu filho?

O Leprechaun e a Teia de Cristal

Conto de Fantasia

Capturado numa armadilha por uma mãe desesperada, um corajoso Leprechaun embarca numa aventura perigosa para resgatar a alma de uma criança, que fora levada pela Fada das Trevas.

A Última Festa

Conto de Mistério

A excêntrica Joy Gatsby, nova moradora da mansão mais luxuosa da região, adora encher sua casa todas as noites com dezenas de pessoas desconhecidas, oferecendo as mais extravagantes festas

de Nova York. Ninguém precisa ser convidado; basta comparecer e se divertir.

Até a noite em que uma dessas festas termina em tragédia: a bela anfitriã foi encontrada morta dentro da casa, com a garganta cortada.

Segredos de seu passado agora serão revelados, lançando dúvida sobre o caráter de algumas das pessoas mais respeitáveis da cidade. Cabe ao detetive Holmes descobrir qual dos sete suspeitos reunidos pela anfitriã para um último brinde depois da festa é o assassino.

Releitura de *O Grande Gatsby* e *Romeu & Julieta*, escrita para o Rewind the Classics 2022.

Invasão de Domicílio

Conto de Mistério

Durante um blecaute, uma mulher encontra evidências de uma invasão ao seu apartamento. Com um suspeito em mira, e temendo suas intenções, ela vai em busca de respostas. Mas acaba descobrindo que as primeiras impressões nem sempre estão corretas.

O Laboratório

Conto de Suspense

O laboratório biomédico de uma Universidade, onde era conduzida uma importante pesquisa farmacêutica, é invadido, causando a morte da neurologista Helena Sampaio. A única "testemunha" do crime é o biomédico Eugênio Vilela, paciente criogênico – que teve sua morte declarada há dois anos, cujo corpo foi preservado em hidrogênio líquido, para reanimação futura, quando ou se a tecnologia para tal for inventada –, cuja consciência foi preservada num novo sistema de computador.

Tudo indica que o invasor tivesse por objetivo apoderar-se do valioso programa que permitia a comunicação do biomédico.

Agora, cabe ao Dr. Eugênio, com o auxílio de seu assistente, o gênio da tecnologia e criador do programa Leonardo Machado, descobrir o assassino.

O Jarro da Fortuna

Conto de Terror

Duas amigas descobrem um misterioso jarro num antiquário, que a vendedora alega ser o "Jarro da Fortuna", abençoado pela deusa romana da sorte.

Diante da promessa de riquezas sem fim, essas duas amigas acreditam ter tirado a sorte grande.

Elas não podiam imaginar que sua ambição cobraria um preço tão alto...

ATENÇÃO! Esta história pode conter cenas perturbadoras.

PRÊMIOS:

*** As Noivas de Robert Griplen**

3º Lugar na categoria Sobrenatural – Concurso Pandora 2020

3º Lugar na categoria Sobrenatural – Concurso Mystic Queen 2020

1º Lugar nas categorias Romance e Fantasia – Concurso Resiliência 2024

2º Lugar na categoria Suspense – Concurso Story of My Life 2024

3º Lugar na categoria Vitoriana – Concurso Different Blue 2024

1º Lugar na categoria Dark Romance – Concurso Deuses da Mitologia Grega 2024

1º Lugar na categoria Sobrenatural – Concurso Dulce Morsum 2024

2º Lugar na categoria Paranormal – Concurso Clube do Terror 2024

2º Lugar na categoria Romance – Concurso Viva La Escrita 2024

1º Lugar na categoria Terror/Mistério – Concurso Alice In Borderland 2024

1º Lugar na categoria Melhor Desenvolvimento – Concurso Cósmico 2024

1º Lugar na categoria Melhor Protagonista – Concurso Ciranda Cultural 2024

2º Lugar na categoria Mistério – Concurso Kombi 2024

2º Lugar na categoria Suspense/Terror – Concurso Sfera 2025

ENCONTRE-ME NA WEB



PARA FACILITAR:

Instagram & Threads: @vasconcelostali

Twitter: @VasconcelosTali

Facebook: @TalitaVasconcelosAutora

Wattpad: @talitavasconcelos



contatoautoratalitavasconcelos@gmail.com